



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



MARILENE LISBOA XAVIER

“A GENTE VAI E NÓS VAMOS”

DA ORALIDADE PARA A ESCRITA: Estratégias metodológicas para ampliar as
habilidades linguísticas numa abordagem da sociolinguística educacional

Montes Claros– MG
Julho de 2020

MARILENE LISBOA XAVIER

“A GENTE VAI E NÓS VAMOS”

DA ORALIDADE PARA A ESCRITA: Estratégias metodológicas para ampliar as habilidades linguísticas numa abordagem da sociolinguística educacional

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Montes Claros - situado na área Linguagens e Letramentos, especificamente na linha de pesquisa Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes - sublinha Panorama crítico do ensino de língua portuguesa, como requisito obrigatório para a conclusão do curso e obtenção do título de mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^aDr.^a Maria Alice Mota

Dissertação liberada em 6/8/2020.



Montes Claros– MG
Julho de 2020

X3g

Xavier, Marilene Lisboa.

“A gente vai e nós vamos” da oralidade para a escrita [manuscrito] : estratégias metodológicas para ampliar as habilidades linguísticas numa abordagem da sociolinguística educacional / Marilene Lisboa Xavier. – Montes Claros, 2020.

179 f. : il.

Bibliografia: f. 121-123.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras/ Profletras, 2020.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Alice Mota.

1. Oralidade. 2. Escrita. 3. Termos – Nós – A gente. 4. Sociolinguística Educacional. I. Mota, Maria Alice. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título. IV. Título: Estratégias metodológicas para ampliar as habilidades linguísticas numa abordagem da sociolinguística educacional.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é a minha inspiração diária, pelas maravilhas que propiciou a mim durante toda a jornada universitária e toda a minha vida;

A minha mãe Brasilina e ao meu velho pai Marcílio, que sempre compreenderam a minha ausência por consequência dos estudos, e aos meus sobrinhos que sempre me fizeram sorrir;

Agradeço a toda a minha família, em especial aos que também são docentes que, assim como eu, amam a profissão de educador;

Agradeço aos professores do programa PROFLETRAS que, desde o início do curso, já nos haviam preparado para os desafios que nos seriam apresentados;

Agradeço, em especial, à professora Maria Alice que me aceitou como sua orientanda, tendo o desafio de lapidar a pesquisa e dar o norte profissional que o mestrado exige;

Agradeço aos meus colegas do curso que me incentivaram principalmente no momento em que mais precisei, em especial à Júnia Maria, que esteve comigo o tempo todo;

Agradeço aos meus alunos e às escolas em que trabalho, que muito fizeram por mim nestes momentos de dedicação à escrita;

E a todos que, diretamente ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado versa sobre os termos “A gente” e “Nós”, em seus aspectos orais e escritos, e propõe estratégias metodológicas para ampliar as habilidades linguísticas do aluno numa abordagem da sociolinguística educacional. Partimos das hipóteses de que a alternância no uso dos pronomes “nós” e “a gente” no português falado e escrito de alunos do Ensino Fundamental em Januária - MG trata-se de um caso de variação linguística; e de que o termo “a gente” em textos orais e escritos ainda é estigmatizado quando se trata do ensino na educação básica. Questionamos, então, que, se o papel da escola é fornecer uma educação básica de qualidade, quais seriam os resultados de uma proposta de ensino pautada em promover o conhecimento do formal e do informal, e o respeito à diversidade da língua, tendo como base o estudo do “Nós” e do “A gente”? Nosso principal objetivo foi pesquisar a variação de uso dos pronomes “nós” e “a gente” em distintos contextos evidenciados na oralidade e na escrita de alunos do Ensino Fundamental, na cidade de Januária/MG, tendo em vista ampliar as habilidades linguísticas desses alunos por meio da abordagem da Sociolinguística Educacional. Baseamos nos autores Calvet (2002), Tarallo (1997), Mollica e Braga (2017), Bortoni-Ricardo (2004), Leite (2008), Lima (2005), Cunha e Cintra (2001), Bechara (2009), Castilho (2010), Faraco (2008), Lopes (2013), Omena (1996), Zilles (2000), Brustolin (2009), entre outros. A pesquisa foi dividida em duas etapas principais: a diagnóstica e a interventiva. A etapa diagnóstica foi composta pelas aplicações de atividades de percepção linguística oral e escrita, bem como de questionários acerca do perfil do participante e do responsável. Nas atividades de percepção, obtivemos que, na escrita, há a variação entre o “nós” e o “a gente”, o que confirma a suspeita de que há a alternância em textos e as recorrências não são unívocas; na oralidade, 72,8% das ocorrências evidenciaram o termo “a gente”. Na aplicação do questionário, concluímos que os alunos são de baixa renda, importam-se com os estudos. Por tratar-se de uma pesquisa-ação, seguimos para a fase interventiva, que configurou a proposta de ensino através de um caderno didático intitulado “O Português que a gente gosta”, o qual foi elaborado pela professora pesquisadora para sanar o problema de estigmatização supracitado. O caderno didático contém 19 estratégias metodológicas, correspondendo à quantidade de atividades, divididas em 03 (três) módulos, sendo que, no primeiro módulo. Ao final desse estudo, o desenvolvimento da ação interventiva foi favorável quanto à ampliação das habilidades linguísticas dos alunos da turma participante, os avanços significativos foram perceptíveis na qualidade do texto produzido pela maioria deles. Esse resultado afirma que estratégias de ensino pautadas no conhecimento do formal e do informal nas aulas de Língua Portuguesa, com o intuito de potencializar as habilidades voltadas para a ampliação linguística dos alunos, são fundamentais para sanar os problemas de estigmatização na língua, para difundir o respeito linguístico e para contribuir com uma educação básica de qualidade.

Palavras-chave: Nós. A gente. Oralidade. Escrita. Sociolinguística Educacional

ABSTRACT

The present master's dissertation deals with the terms “A gente” and “Nós”, in their oral and written aspects, and proposes methodological strategies to expand the student's linguistic skills in an educational sociolinguistics approach. We start from the hypothesis that the alternation in the use of the pronouns "we" and "us" in the spoken and written Portuguese of elementary school students in Januária - MG is a case of linguistic variation; and that the term “the people” in oral and written texts is still stigmatized when it comes to teaching in basic education. We then question that, if the role of the school is to provide quality basic education, what would be the results of a teaching proposal based on promoting knowledge of the formal and informal, and respect for the diversity of the language, based on the study of “We” and “A people”? Our main objective was to research the variation in the use of the pronouns "we" and "us" in different contexts evidenced in the orality and writing of elementary school students, in the city of Januária / MG, with a view to expanding the language skills of these students through the Educational Sociolinguistics approach. Based on the authors Calvet (2002), Tarallo (1997), Mollica and Braga (2017), Bortoni-Ricardo (2004), Leite (2008), Lima (2005), Cunha and Cintra (2001), Bechara (2009), Castilho (2010), Faraco (2008), Lopes (2013), Omena (1996), Zilles (2000), Brustolin (2009), among others. The research was divided into two main stages: diagnostic and interventional. The diagnostic stage consisted of applications of oral and written linguistic perception activities, as well as questionnaires about the profile of the participant and the guardian. In the perception activities, we obtained that, in writing, there is a variation between "we" and "us", which confirms the suspicion that there is alternation in texts and the recurrences are not univocal; orally, 72.8% of the occurrences evidenced the term “the people”. In the application of the questionnaire, we concluded that the students are of low income, they care about their studies. As it is an action research, we proceeded to the intervention phase, which configured the teaching proposal through a didactic notebook entitled “The Portuguese that we like”, which was developed by the researcher teacher to solve the stigmatization problem above. The didactic book contains 19 methodological strategies, corresponding to the number of activities, divided into 03 (three) modules, being that in the first module. At the end of this study, the development of interventional action was favorable in terms of expanding the language skills of students in the participating class, significant advances were noticeable in the quality of the text produced by most of them. This result states that teaching strategies based on the knowledge of formal and informal in Portuguese language classes, in order to enhance the skills aimed at the linguistic expansion of students, are fundamental to solve the problems of stigmatization in the language, to spread the word. linguistic respect and to contribute to quality basic education.

Keywords: We. We. Orality. Writing. Educational Sociolinguistics

LISTAS

1. FIGURAS

Figura 1 - Divisão do estado de Minas Gerais em 02 grupos.....	16
--	----

2. GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentuais em nível de proficiência em Português e Matemática 5.º ano.....	12
Gráfico 2 - Percentuais em nível de proficiência em Português e Matemática 9.º ano e 3.º ano:	13

3. TABELAS

Tabela 1 - Prospecção e resultados do Ideb em MG.	14
Tabela 2 - Média dos indicadores de desigualdade das mesorregiões mineiras (2003 e 2009):	17
Tabela 3 - Tabela de conjugação verbal conforme Leite (2008).....	35
Tabela 4 - Tabela Pronominal de acordo com Lima (2005).....	48
Tabela 5 - Classificação pronominal do caso Reto de acordo com Cunha e Cintra (2001)	49
Tabela 6 - Pronomes pessoais no PB de acordo com Castilho (2010)	40
Tabela 7 - Posições gramaticais <i>nós</i> e <i>a gente</i> Tamanine (2010).....	44
Tabela 8 - Grupo de fatores sexo, escolaridade e tipos de verbo – perífrases.....	45
Tabela 9 - Relações gramaticais:.....	46
Tabela 10 - Análise da Questão 01 da atividade escrita:.....	55
Tabela 11 - Análise da Questão 02 da atividade escrita.....	59
Tabela 12 - Análise da Questão 03 da atividade escrita.....	61
Tabela 13 - Análise da Questão 04 da atividade escrita.....	63
Tabela 14 - Análise da Questão 05 da atividade escrita.....	65
Tabela 15 - Análise da Questão 06 da atividade escrita.....	66
Tabela 16 - Resultado total do levantamento dos dados escritos	68
Tabela 17 - Descrição dos complementos encontrados.....	70
Tabela 18 - Perfil do aluno Sexo/Idade	77
Tabela 19 - Formação da família dos alunos.....	78
Tabela 20 - Atividades que os alunos realizam.....	79
Tabela 21 - Objetivo da ida à biblioteca	80
Tabela 22 - Os gêneros que os alunos mais compartilham na internet	81

4. QUADROS

QUADRO 1: diagnóstico oral I12M-INFS	72
QUADRO 2: diagnóstico oral I24M-TLS	72
QUADRO 3: diagnóstico oral I09F-ERJ	72
QUADRO 4: diagnóstico oral I21M-RBSB	73
QUADRO 5: diagnóstico oral I14F-JNP	73
QUADRO 6: diagnóstico oral I18F-KEAB	73
QUADRO 7: diagnóstico oral I07F-EDO	74
QUADRO 8: diagnóstico oral I09F-ERJ	74
QUADRO 9: diagnóstico oral I25F-VCP	75
QUADRO 10: diagnóstico oral I03F-ARLS	75

SUMÁRIO

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	10
1.1 Percurso histórico da educação no Brasil	11
1.2 A educação em Minas Gerais	14
1.3 A região do Norte de Minas sob o viés educacional	15
1.4 Universo da pesquisa	19
1.4.1 Contexto da pesquisa e participantes	20
1.5 Descrição da proposta de pesquisa	22
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	26
2.1 Introdução	26
2.2 Teoria da variação e mudança linguística	28
2.2.1 A luta por uma concepção social da linguagem	28
2.2.2 Conceituação e delimitação teórica	31
2.3 Sociolinguística e Ensino	32
3 O FENÔMENO EM ESTUDO “NÓS” E “A GENTE” PELO BRASIL	36
3.1 Nós e A gente: Estudos diacrônicos	36
3.2 Pesquisas Linguísticas	38
3.3 Nós e A gente: Gramática Normativa	47
3.4 Da pesquisa que se apresenta	50
4 METODOLOGIA	52
4.1 Procedimentos Metodológicos	52
4.1.1 Variáveis consideradas	53
4.2 Fase diagnóstica: coleta, tratamento dos dados e análise	53
4.2.1 Dados do diagnóstico escrito	54
4.2.2 Dados do diagnóstico oral	71
4.2.3 Análise do fatores sociais propostos	77
5 PROPOSTA DE ENSINO	83
5.1 Apresentação	83
5.2 Caderno didático	83

5.3 Análise e Resultado das estratégias metodológicas.....	85
5.3.1 Estratégia I: A descoberta do “OUTRO”:	86
5.3.2 Estratégia II: A descoberta do “EU”.....	87
5.3.3 Estratégia III: Quem sou “EU” quem somos “NÓS”	90
5.3.4 Estratégia IV: Quem é “A GENTE”.....	93
5.3.5 Estratégia V: “NÓIS semo e quem tá é NÓIS”	95
5.3.6 Estratégia VI: “A gente fomos”.....	96
5.3.7 Estratégia VII: “NÓS ou A GENTE: O nível formal e informal da Língua Portuguesa”	98
5.3.8 Estratégia VIII: “O SENHOR, VOCÊ e CÊ” - A variação estilística da Língua Portuguesa	99
5.3.9 Estratégia IX: “NÓIS é coutry” - A variação geográfica ou regional	101
5.3.10 Estratégia X: “CHICO MINEIRO” - A variação social.....	102
5.3.11 Estratégia XI: “E tudo mudou...” A variação histórica	103
5.3.12 Estratégia XII: “MANHÊÊÊÊ! Olha a clarinha aqui ó! ” - O fator faixa etária na variação linguística.....	104
5.3.13 Estratégia XIII: “A concordância e a adequação linguística” - Ambientes formais	106
5.3.14 Estratégia XIV: “A concordância verbal” - O que diz a gramática.....	108
5.3.15 Estratégia XV: “Eu, Nós e A gente” - A concordância da primeira pessoa do discurso	109
5.3.16 Estratégia XVI: “Tu, Vós e Você” - A concordância da segunda pessoa do discurso .	111
5.3.17 Estratégia XVII: “Ele/Ela e Eles/Elas” - A concordância da terceira pessoa do discurso	111
5.3.18 Estratégia XVIII: “Nóis vai ou A gente vamos? Bora!” - A concordância no discurso informal	113
5.3.19 Estratégia XIX: “A importância dos estudos significativos” - Produção textual.	116
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
APÊNDICES	124

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Na escola, espaço em que se devem garantir a liberdade e a valorização dos seres humanos em suas peculiaridades, vê-se, muitas vezes, o aprisionamento do ensino a conceitos meramente formais e pouco produtivos. Essa realidade do cotidiano escolar agrava-se quando se trata do estudo da linguagem, haja vista que, perceptivelmente, os falares que não sejam formais são estigmatizados e fogem às regras do que se deve aprender na escola.

Desde o processo de alfabetização, a escrita e a leitura das palavras, de acordo com a norma culta gramatical¹, são privilegiadas em detrimento da língua em uso. Na sala de aula, o aluno deixa refletir na escrita e na leitura traços de sua personalidade, os quais podem ser analisados por meio da entonação, da seleção lexical nas produções oral e/ou escritas ou até mesmo durante a convivência com os colegas; essas marcas, muitas vezes, podem acarretar sarcasmo, marginalização e, até mesmo, o preconceito. O que leva a entender que não se compreende que todas as línguas são heterogêneas e apresentam, pois, um dinamismo inerente. (MOLLICA, 2015).

Essa marginalização educacional está pautada na desinformação dos mediadores da aprendizagem, haja vista que se acredita que, quando a educação é democrática e parte do princípio da equidade, boa parte dos preconceitos existentes são minimizados ou até mesmo erradicados. Dessa maneira, o investimento na educação não tem somente o objetivo de formar cidadãos para o mercado de trabalho, mas também para que eles exerçam sua cidadania, valorizando o outro e respeitando a diversidade de cada um. Entender a língua e suas variedades faz parte dessa formação cidadã, pois o Brasil é um país de vasta cultura, e valorizar a cultura do outro é criar a sua própria identidade.

No que tange ao ensino de língua materna, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) corroboram a valorização da cultura indistintamente e propõem que o ensino de Língua Portuguesa tenha como objetivo preparar o aluno para a vida, com o intuito de qualificá-lo, concretizando um aprendizado permanente, a fim de que exerça a sua cidadania de maneira integral, (BRASIL, 1998). Sendo assim, é necessário transformar esse aluno em um cidadão

¹Um conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos, mas que sustentam uma nociva cultura do erro e têm impedido um estudo adequado da nossa norma culta/comum/Standard (FARACO, 2008, p. 92).

crítico que pense a língua como uma forma de interação entre as pessoas, para que consiga se adequar às diferentes situações comunicativas que lhe são impostas.

Em sala de aula, os conceitos de língua e variação são assegurados em habilidades e detalhes de acordo com o Currículo Básico Comum (CBC), uma vez que se deve ter consciência de que

qualificar para o exercício da cidadania implica compreender a dimensão ética e política da linguagem, ou seja, ser capaz de refletir criticamente sobre a língua como atividade social capaz de regular - incluir ou excluir - o acesso dos indivíduos ao patrimônio cultural e ao poder político. (SEE-MG, 2014, p. 03).

No tocante à necessidade de entender a língua em âmbito escolar, é preciso traçar um percurso dos resultados das avaliações que refletem o nível da educação básica. A seguir, serão expostos alguns dados sobre o cenário atual da educação no Brasil.

1.1 Percurso histórico da educação no Brasil

É comprovado historicamente que a desigualdade de oportunidades é um fator que colabora com o insucesso da formação do cidadão. Em 2007, por exemplo, Jaguaribe já dizia que “o fato de 2/3 da população brasileira se encontrar em estado de total deseducação ou de muito elementares níveis de educação e de padrões de vida constitui uma alarmante indicação histórica do padrão ético do país.” (JAGUARIBE, 2008, p. 562), o que significa afirmar que a disparidade de interesses prejudicou a equidade de condições educacionais. O autor complementa afirmando que, desde a abolição da escravatura, as elites não se importavam em sistematizar o ensino para as massas rurais em um país que era basicamente agrário até a década de 1960. (JAGUARIBE, 2008).

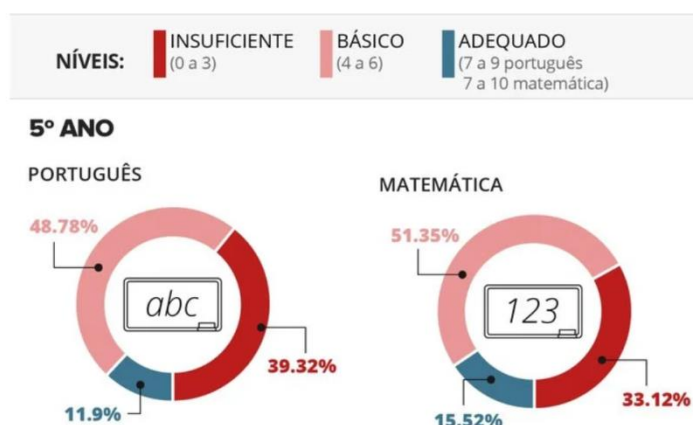
Entretanto, a situação atual não diverge daquela historicamente comprovada, visto que consoante à última atualização dos resultados das avaliações externas que medem o nível de proficiência dos alunos em Língua Portuguesa no Brasil, a situação da educação básica é preocupante, uma vez que os estudos com base nos dados do SAEB² de 2017 revelam que

²**Saeb** – O Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) é um processo de avaliação em larga escala realizado periodicamente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). O Saeb oferece subsídios para a elaboração, o monitoramento e o aprimoramento de políticas com base em evidências, permitindo que os diversos níveis governamentais avaliem a qualidade da educação praticada no país. Por meio de testes e questionários, o Saeb reflete os níveis de aprendizagem demonstrados pelo conjunto de estudantes avaliados. Esses níveis de aprendizagem estão descritos e organizados de modo crescente em Escalas de Proficiência de Língua Portuguesa e de Matemática para cada uma das etapas avaliadas. A interpretação dos

apenas 1,6% dos estudantes brasileiros do Ensino Médio demonstraram níveis de aprendizagem considerados adequados em Língua Portuguesa³, ou seja, os alunos saem do Ensino Médio sem compreender o que, de fato, exige-se para tal nível. Como exemplo disso: a maioria dos estudantes brasileiros não consegue localizar informações explícitas em artigos de opinião ou em resumos.

No nível fundamental houve um crescimento, porém ainda pequeno no que diz respeito aos anos finais do Ensino Fundamental, o que denota também que há dificuldades relevantes nesse nível, e que elas comprometem a formação básica do aluno em sua totalidade. Para demonstrar essa situação, com base nos dados das avaliações, foram elaborados três infográficos que serão apresentados na sequência:

Gráfico1– Percentuais em nível de proficiência em Português e Matemática 5º ano



Fonte: portal.inep.gov.br Acesso em 20 de out. De 2018.

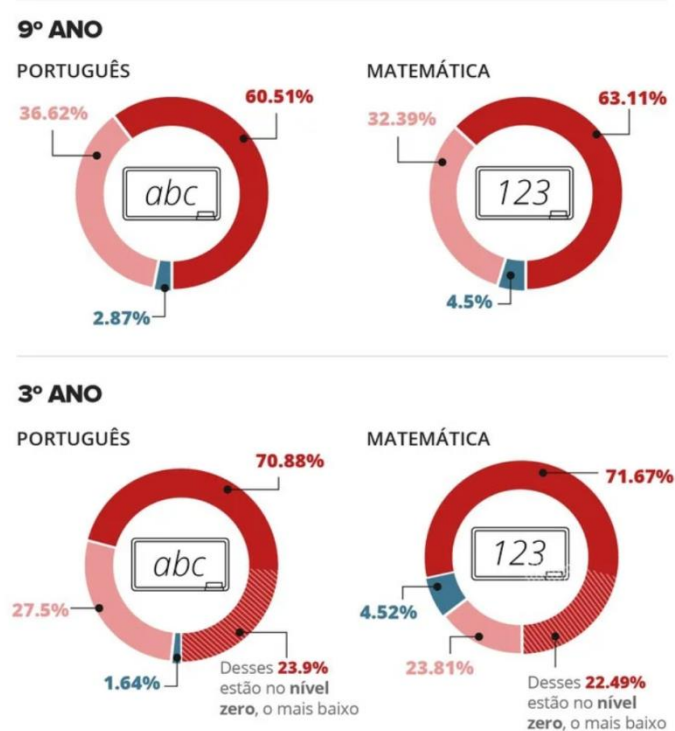
Nesse gráfico, observa-se que mais de 50% dos alunos está entre o nível básico e adequado, o que significa estatisticamente que a maioria dos alunos tem condições de estar alfabetizados nessa fase e já reconhecerem as operações, entre outros fatores determinantes para dominar os conteúdos propostos no 5.º ano, entretanto, há um alto índice de alunos que estão no nível insuficiente.

resultados do Saeb deve ser realizada com apoio das Escalas de Proficiência. Os resultados de aprendizagem dos estudantes, apurados no Saeb; juntamente com as taxas de aprovação, reprovação e abandono, apuradas no Censo Escolar; compõem o Ideb.

³ Dados da pesquisa disponível no site do portal.inep.gov.br de 30/08/2018.

Essa situação tende-se a agravar nas séries que seguem, e diversos são os fatores que influenciam, tais como o aumento do número de matérias e, conseqüentemente, de professores; a estrutura do currículo; as divisões das aulas em horário; as mudanças de turno e de turma, entre outros, o que reflete até as séries finais da educação básica. O gráfico a seguir mostra o nível de proficiência do 9.º ano do Ensino Fundamental e do 3.º ano do Ensino Médio.

Gráfico2– Percentuais em nível de proficiência em Português e Matemática 9º ano e 3º ano:



Fonte: portal.inep.gov.br Acesso em 20 de out. de 2018.

Os dados denotam que a situação da educação básica agrava-se quando se progride para os próximos anos do ensino fundamental e Médio. De acordo com os dados do SAEB de 2017, mais de 60% dos alunos do Ensino fundamental (9º ano) estão no nível insuficiente, tanto em Português quanto em Matemática, e tendem a piorar com o passar dos anos escolares, haja vista que, quando chegam ao Ensino Médio, esse percentual sobe para mais de 70% e, dentro desse número, mais de 20% deles estão no nível zero, conforme mostra o gráfico apresentado.

Indaga-se, pois: o que ocorre com a educação básica com o passar dos anos de escolaridade? Alguns fatores já foram expostos, entretanto, há que se estudar medidas para amenizar essa situação que reflete, de fato, como se encontra o ensino no país.

Em Minas Gerais não é diferente, os resultados do IDEB⁴ mostram que não se está alcançando mais as metas propostas, conforme será exposto na tabela 01, na seção que se segue.

1.2 A educação em Minas Gerais

Em Minas Gerais, o reflexo da educação brasileira não se diferencia dos demais estados, pois é nítido que não se consegue concretizar o que se propõe. De acordo com a tabela abaixo, é possível perceber que desde 2013 Minas Gerais não atinge a meta estipulada para o IDEB.

Tabela1 - Prospecção e resultados do Ideb em MG⁵.

Ideb Observado							Metas Projetadas							
2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
3.8	4.0	4.3	4.6	4.8	4.8	4.7	3.8	3.9	4.2	4.6	5.0	5.2	5.5	5.7

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>. Acesso em 19 de out. De 2018.

Os dados mostram que o índice obtido está aquém do que foi esperado para os últimos anos. Houve uma correspondência das expectativas até o ano de 2013, e depois disso não mais se atingiu a meta no estado. Uma das hipóteses aventadas é a de que está havendo um retrocesso no tocante à educação.

A realidade mostra que valorizar o aluno somente no âmbito sistêmico torna o ensino mecânico e desmotivador. Dessa maneira, propostas de ensino são criadas e dispostas para que se amenizem as discrepâncias entre a meta e o resultado, lembrando de que o objetivo da

⁴As médias de desempenho do SAEB subsidiam a construção de outro indicador o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) que agrega também as taxas de aprovação, reprovação e abandono, apuradas no Censo Escolar dos estudantes.

⁵ Esse resultado corresponde ao condensado de todos os dados obtidos nos âmbitos educacionais, isto é, municipal, estadual, federal e rede privada de ensino de MG.

educação básica é mais ambicioso, já que prevê a formação do cidadão para atuar habilmente na sociedade.

Santos; Gomes e Ervilha (2015) fizeram uma análise sobre a eficiência e desigualdade em educação no estado de Minas Gerais: uma análise da primeira etapa do Plano Mineiro de Desenvolvimento Integrado (PMDI) ⁶. O PMDI no âmbito da educação

recomenda que a sociedade mineira persiga: i) promover um salto na escolaridade média da população, formada em um sistema eficiente, com altos níveis de equidade e orientada por padrões internacionais de custo e qualidade; e ii) reduzir as disparidades regionais de aprendizado (Minas Gerais e CDES, 2007, *apud* SANTOS; GOMES E ERVILHA, 2015, p. 247).

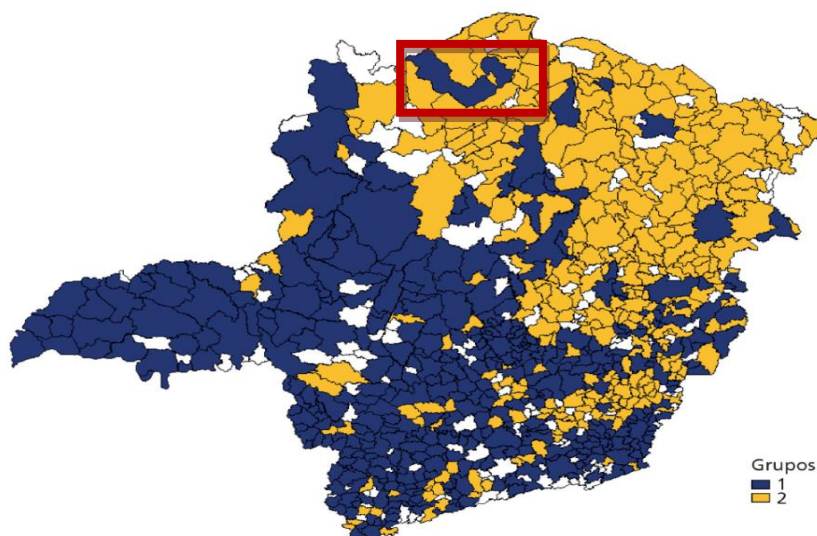
Assim sendo, a previsão em longo prazo visa implementar ações para que haja melhorias na estrutura educacional oferecida no estado, entretanto, há ainda uma discrepância muito visível entre as regiões, e que foram estudadas pelos autores supracitados. Percorreremos os dados do Norte de Minas, mesorregião em que está situada a cidade que é foco desta pesquisa.

1.3 A região do Norte de Minas sob o viés educacional

Santos; Gomes e Ervilha (2015) dividiram o estado em dois grupos para serem observados, como segue:

⁶PMDI é um plano estratégico indicativo para o estado de Minas Gerais, que abrange um conjunto de grandes escolhas que visam orientar o estado em busca de desenvolvimento sustentável em um horizonte de longo prazo. Em meados de 2011, o plano foi revisado e passou a trabalhar com o horizonte de longo prazo para 2030. (SANTOS; GOMES E ERVILHA, 2015, p. 247.)

Figura1 - Divisão do estado de Minas Gerais em 02 grupos



Fonte: **Planejamento e Políticas Públicas** | ppp | n. 45 | jul./dez. 2015 p. 258. Adaptado com grifo nosso.

A maior parte do Norte de Minas está no grupo 2, porém a cidade em que foi realizada esta pesquisa pertence ao grupo 1. Entretanto, não há que se desprezem as regiões circunvizinhas, haja vista que a cidade de Januária é a referência em diferentes setores da sociedade para a maioria das cidades que a cercam e que estão no grupo distinto.

Na perspectiva educacional, foi observado que as mesorregiões que apresentaram maior desigualdade em relação às metas, em 2003, foram: Jequitinhonha, Norte de Minas e Vale do Mucuri, uma vez que tiveram os piores índices de desigualdade: 40,56%, 41,66% e 44,40%, respectivamente. Embora haja um alto índice de desigualdade, em relação ao período de 2003 a 2009, esses municípios com maiores problemas obtiveram melhorias, e como hipótese, os autores afirmam que

Esse resultado pode ser um reflexo das políticas voltadas para a redução das disparidades regionais em educação, que têm metas específicas para que estas regiões alcancem a média estadual, priorizando a aceleração do aprendizado, com a finalidade de reduzir a disparidade da população infanto-juvenil. (SANTOS; GOMES E ERVILHA, 2015, p. 261.)

Essa variação de percentual dos indicadores de desigualdade das mesorregiões mineiras pode alterar, haja vista que esta é uma prévia, e o plano está previsto até 2030. A variação está explícita na tabela 02 a seguir:

Tabela2 - Média dos indicadores de desigualdade das mesorregiões mineiras (2003 e 2009):

Mesorregiões	Índices 2003		Índices 2009	
	IPD	ID (%)	IPD	ID (%)
Campo das Vertentes	0,53	29,08	0,68	18,32
Central Mineira	0,59	32,34	0,70	19,97
Jequitinhonha	0,70	40,56	0,74	20,66
Reg. Met. de B. Horizonte	0,61	34,49	0,71	21,73
Noroeste de Minas	0,60	33,24	0,67	19,66
Norte de Minas	0,74	41,66	0,72	20,57
Oeste de Minas	0,54	29,23	0,65	16,98
Sul/Sudoeste de Minas	0,53	28,92	0,65	17,00
T. Mineiro/Alto Paranaíba	0,60	32,85	0,69	20,58
Vale do Mucuri	0,77	44,40	0,80	24,00
Vale do Rio Doce	0,68	38,86	0,73	23,59
Zona da Mata	0,61	33,85	0,72	22,16
Minas Gerais	0,62	34,61	0,70	20,49

Fonte: <http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/478/377>. Acesso em 19 de out. de 2018.

Os estudos ainda indicam que onde há maior eficiência na distribuição de recursos, há um ganho visível, entretanto os resultados confirmam que, mesmo o PMDI contribuindo para amenizar as desigualdades educacionais, os municípios que apresentavam piores condições iniciais, em sua maioria os componentes do grupo 2, enfrentam maior dificuldade para reduzir suas limitações e aproximar ou, até mesmo, sobrepor ao que foi planejado pelas metas de longo prazo. Portanto, os estudos concretizados até essa etapa confirmam que

índices de eficiência e de desigualdade apresentaram correlação negativa, ou seja, os municípios com melhor desempenho na alocação dos recursos foram os que obtiveram os menores índices de desigualdade. Quando verificada a relação entre as taxas de variação dos índices, pôde-se observar que, apesar de o PMDI estar contribuindo para diminuir as desigualdades educacionais, os municípios que apresentaram piores condições iniciais enfrentam maior dificuldade para reduzir suas diferenças e se aproximar do que foi planejado.(SANTOS; GOMES E ERVILHA, 2015, p. 270.)

A cidade de Januária, conforme já referido, faz parte do Grupo 1, que possui melhores índices de eficiência de alocação de recursos e menor desigualdade ao ser comparado ao próprio grupo 1. Contudo, pertence ao Norte de Minas que, se analisado como um todo nesse aspecto, está entre as piores mesorregiões do estado.

Com base nos resultados negativos da educação básica, não só em Minas, mas em todo o país, o governo tem implementado políticas públicas para amenizar e/ou minimizar esses resultados em diferentes setores da educação básica, isto é, desde a orientação para eficiência na alocação dos recursos até a formação continuada dos profissionais. Entre os programas, têm-se o Programa Mais Alfabetização, o Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, o Novo Mais Educação, o Ensino Médio Inovador, o ProInfância, o Saúde na Escola, o Atleta na Escola, e também a Formação continuada para professor⁷.

No que tange à formação continuada dos professores, criou-se o PROFLETRAS, um programa de pós-graduação em nível *strictu sensu* que visa ao aperfeiçoamento de professores do Ensino Fundamental no ensino de Língua Portuguesa em todo o Brasil. Objetiva, pois, aumentar a qualidade do ensino ofertado no nível fundamental para elevar os níveis de proficiência da leitura e da escrita dos alunos; diminuir as taxas de evasão no Ensino Fundamental; favorecer o multiletramento exigido no mundo globalizado com a presença da *internet*; implementar o desenvolvimento de pedagogias que efetivem a proficiência em letramentos compatível aos nove anos cursados durante o Ensino Fundamental.⁸⁹

É nesse contexto, e visando aos objetivos mencionados que se propõe o estudo científico intitulado “*A gente vai e nós vamos*” - *da oralidade para a escrita: estratégias metodológicas para ampliar as habilidades linguísticas numa abordagem da Sociolinguística educacional*. Essa pesquisa tornou-se necessária, uma vez que se pretendeu contribuir para a melhoria do ensino da Língua Portuguesa na escola.

Como visto, o Norte de Minas necessita das ações dos programas que visam à melhoria da educação como um todo, inclusive na formação continuada dos professores, haja vista que profissionais pesquisadores refletem sua prática constantemente e (re)elaboram novas metodologias para atingir seus objetivos. Dentro do recorte do Norte de Minas, tem-se

⁷ <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-basica/programas-e-aco.es>.

⁸ <http://www.profletras.ufrn.br/funcionamento/108963191#.XCTY8lxKg2w>.

⁹ <http://www.capes.gov.br/educacao-a-distancia/profletras>.

a cidade de Januária, que é o local onde este trabalho foi desenvolvido. Assim, serão explicitadas, a seguir, algumas características peculiares desse município.

1.4 Universo da pesquisa

A cidade de Januária está localizada no Norte de Minas Gerais na região do médio São Francisco, é banhada pelo Rio São Francisco na sua margem esquerda e possui uma vasta diversidade cultural, haja vista que é referência para a região circunvizinha, o que leva a constantes migrações entre as cidades.

No histórico da cidade, consta que o afluxo de garimpeiros às Minas Gerais favoreceu a ocupação de inúmeras localidades do Vale do São Francisco. Em 1761, o bandeirante Manuel de Borba Gato foge pelos sertões do São Francisco, após a morte de D. Henrique de Castelo Branco, e atinge a região onde, posteriormente, ergueu-se o município de Januária.

O primeiro grupo de casas surge no local denominado Brejo do Salgado. O povoado foi crescendo e, em 1811, é declarado distrito com o nome de Brejo do Amparo. Em 1833, torna-se uma cidade, a qual foi denominada Januária. Sobre a origem do atual nome há várias versões. A versão oficial é a de que se deve a Januário Cardoso, atuante fazendeiro da região e proprietário da fazenda Itapiraçaba, localizada onde hoje se encontra o município. Outras versões, porém, atribuem o nome a uma homenagem à Princesa Januária, irmã do Imperador Pedro II, e, ainda, à escrava Januária que, fugindo do cativo, teria se instalado no Porto do Salgado, estabelecendo ali uma estalagem, onde os barqueiros e tropeiros do povoado encontravam-se.¹⁰

De um passado remoto à atualidade, a cidade passou por transformações, incluindo o aumento gradativo da sua população. No último censo, em 2010, o índice populacional foi de 65.463 habitantes, e a estimativa para 2018 é de 67.628. No ranking populacional, a cidade é 53ª mais populosa e a 1ª na microrregião, com densidade demográfica de 9.83hab/km²¹¹. É uma cidade de infraestrutura de porte médio, possui hospital Regional, Superintendência Regional de Ensino, Gerência Regional de Saúde, Pelotão do Corpo de Bombeiros, Polícia Civil, Polícia Militar, Base do SAMU, Estação de Tratamento de Água, Estação de Tratamento de Esgoto, aeroporto, rodoviária, habitações populares, condomínios, parque de exposição, supermercados, academias para terceira idade, estádio municipal, entre outros.

¹⁰ Informações retiradas do site: <http://januaria.mg.gov.br/site/historico/>

¹¹ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/januaria/panorama>

A cidade de Januária apresenta vários aspectos da cultura de um povo, como o religioso, o artístico, o artesanal e o escolar (PEREIRA, 2013). Os três primeiros são comuns aos homens das cavernas e aos índios; há indícios de que a região foi habitada por diferentes tribos e possui sítios arqueológicos que bem exemplificam essa diversidade, sendo um desses exemplos o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, o qual grande parte está localizada no município de Januária. Esse parque é hoje um dos locais de referência no Brasil em que se estudam vários fenômenos sociais.

Já no âmbito escolar, a cidade hoje conta com 12 (doze) escolas estaduais na sede em um raio de aproximadamente 3km, quais sejam: Bias Fortes; Boa Vista; Caio Martins; Claudemiro Alves Ferreira; Mons. João Florisval Montalvão; Nossa Senhora de Fátima; Olegário Maciel; Pio XII; Princesa Januária; Prof. Onésimo Bastos; Profª. Zina Porto; Simão Vianna da Cunha Pereira; e mais 32 escolas rurais. Possui também as escolas municipais, a saber: Joana Porto; Santa Rita; Segredo; Pré. E. M. Boa Vista; Pré E.M. Joana Porto; Pré E. M. Maternal Dona Judite Jacques. Conta ainda com uma escola federal, o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), e as escolas particulares, Colégio Betel Promove e Instituto Educacional Piagetiano (URIM).

Já no Ensino Superior têm-se: Centro de Educação Integrada do Vale do São Francisco (CEIVA); Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes); Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG); Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR); Escola Técnica Alto Médio São Francisco (FUNAM); Universidade Paulista (UNIP); Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri –Semi-Presencial (UFVJM - POLO UAB).

Januária é considerada uma cidade universitária, visto que a ampliação do ensino técnico e superior continua atraindo alunos e acadêmicos de diversas partes de Minas Gerais e do Brasil, cursos que - avaliando uma menor distância - só eram oferecidos na cidade de Montes Claros, situada a aproximadamente 170 km, e com uma concorrência bem maior nos processos seletivos, quais sejam, Direito, Administração, Engenharia Civil, Engenharia Agrícola e Ambiental, Agronomia, Análise de Sistemas, Técnico em segurança do trabalho, entre outros.

1.4.1 Contexto da pesquisa e participantes

Embora a escola esteja localizada em área urbana, na avenida principal do bairro, que é calçada e bem estruturada, os alunos, em sua maioria, são oriundos de famílias de baixa renda da área periférica da cidade. Têm acesso à televisão, ao rádio e à *internet* como meios

de comunicação. A comunidade é composta por pessoas trabalhadoras, humildes, possui pouca assistência quanto às políticas públicas, inclusive, muitos dos alunos têm a merenda escolar como refeição principal do dia. A maioria dos discentes são filhos de pedreiros, serventes de pedreiros, chapas, marceneiros, hortigranjeiros de fundo de quintal, faxineiras, empregadas domésticas e balconistas.

O prédio escolar conta com nove (9) salas de aulas, sendo seis (6) de tamanho suficiente para atender de 35 a 40 alunos, duas (2) de tamanho médio para, no máximo, 24 alunos, e uma menor (adaptada) que atende até 15 alunos; dispõe também de uma biblioteca; um refeitório (que se torna espaço para aprendizagem em dias de muito calor); pátios pequenos e descobertos com murais adaptados nas paredes; rádio escolar com funcionamento parcial, pois não há caixas de som em todas as salas; laboratório de informática (inativo no momento) e uma pequena área coberta para eventos, que possui uma televisão com pouco uso e trancada na parede, mas que se tornou sala de aula em 2018, porque uma das salas de aula apresenta uma rachadura e não houve liberação de verba para reforma.

Ainda que haja uma área externa pavimentada, não possui quadra poliesportiva, o que leva os alunos a praticarem as atividades físicas em um local cedido pelo SESC. Mesmo com todas as dificuldades, a escola oferece, dentro do seu limite, todos os recursos fundamentais para o desenvolvimento das atividades escolares.

A turma escolhida estava no 8º ano, em 2018, e tinha 25 alunos, era composta por aqueles que desenvolviam as atividades propostas, mas também por aqueles indisciplinados, que atrapalhavam as atividades na sala com conversas paralelas; havia ainda alunos com dificuldades de aprendizagem, alguns desses possuem laudo médico e contavam com professor de apoio que dava assistência e fazia as adaptações das atividades para eles, outros participavam do Acompanhamento Pedagógico Diferenciado (APD) e havia ainda uma professora na biblioteca, que dava aulas de reforço para os que conseguissem sanar as dificuldades de leitura e escrita.

Percebeu-se que grande parte dos alunos possuía muitas dificuldades na leitura e na escrita, muitas vezes por haver pouco acesso às pesquisas extras, por terem somente a escola como referência nos estudos e não terem condições de melhorar o aprendizado por meio de outros recursos, como aulas extras, particulares, entre outros.

Com a realização desta pesquisa, esperamos contribuir para mudar essa realidade, favorecendo um estudo da Língua Portuguesa por meio de ações metodológicas para que eles compreendam os usos do “nós” e do “a gente”, numa abordagem da Sociolinguística Educacional, visando à ampliação das habilidades linguísticas.

A seguir, apresenta-se a descrição da proposta da pesquisa.

1.5 Descrição da proposta de pesquisa

É perceptível ainda hoje que “tudo aquilo que não pode ser prontamente processado, analisado e sistematizado pela mente humana provoca desconforto” (TARALLO, 1997, p. 5). Em sala de aula, ouve-se alguns alunos dizerem que: “fulano é da roça”, “fala errado”, “você é burro? Não existe a gente vamos.. mas nós vamos,a gente é errado”, ou um professor dizendo “Nós.. o quê?” em situações em que o aluno não faz a concordância do verbo com o pronome correspondente, de acordo com a proposta da gramática normativa. Entretanto, a variação linguística é um conteúdo fixado no CBC, em sua habilidade 6.0 e detalhes, quando se trata das vozes do discurso, e também na habilidade 19.0, a qual aborda a compreensão da língua como fenômeno histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso¹², por isso está presente nos livros didáticos para ser trabalhada.

Em um recorte de tempo não tão antigo, quando o professor solicitava que se manifestassem em textos escritos, os alunos utilizavam com frequência o pronome “Nós” levando a entender que essa seria a única referência à 1ª pessoa do plural. Já nos dias atuais, é corriqueiro entrar em uma sala de aula e notar, na fala dos alunos, o uso do “A gente” e do “Nós”, ainda que com concordância inadequada de acordo com gramática tradicional, e nas manifestações escritas já aparecem também o uso do “a gente” substituindo o pronome de 1.ª pessoa do plural. O que mais nos intriga é o fato de que nem todos os alunos possuem o “a gente” como uma forma possível de singularizar o pronome, considerando-o ainda como uma forma inadequada para referir-se ao plural da 1ª pessoa no contexto escolar.

Partindo da ideia de que a presença do “a gente” em textos orais e escritos está cada dia mais passível de ser encontrada, conforme aponta Tamanine (2010), Omena (1996), Lopes (2013), entre outros que serão expostos no próximo capítulo, incomodou-nos o fato de que, embora muitos alunos utilizem os pronomes “nós” e “a gente”, ainda acusam como erro o uso do termo “a gente” quando se manifestam nos textos escritos. Tendo em vista a situação de produção e recepção de conteúdos e textos diversos por parte dos alunos, questiona-se: se o papel da escola é fornecer a educação básica e formar cidadãos letrados prontos para a vida, até que ponto essas informações estariam sendo transmitidas, de modo que os alunos

¹² SEE/MG. Currículo Básico Comum de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental Anos Iniciais: Ciclo de Alfabetização e Complementar. Minas Gerais, 2014, 1-78p.

desenvolvessem sua criticidade e entendessem que a língua, enquanto um sistema dinâmico organizado, varia e é passível de mudanças?

Dessa maneira, elucidamos nossa pergunta de pesquisa indagando quais são os resultados de uma proposta de ensino pautada em promover o conhecimento do formal e do informal, e o respeito à diversidade da língua, tendo como base o estudo do “Nós” e do “a gente”?

Nessa perspectiva,

Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima. (MOLLICA, 2015, p. 13)

Sendo assim, a contribuição do ensino para que os alunos obtenham o conhecimento sobre a norma padrão e as variações e, conseqüentemente, sejam formados cidadãos críticos, poderá concretizar-se no momento em que for oportunizada a educação de maneira igualitária e abrangente, longe talvez da ideia de uma utopia, porém é preciso fazer o necessário para que, em sala de aula, promova-se o conhecimento sobre o formal e o informal, possibilitando a expansão do aprendizado sobre as variações.

Partindo do pressuposto de que a variação linguística é um conteúdo obrigatório previsto no currículo e que, além disso, é de fundamental importância para que os alunos convivam de maneira compreensiva e respeitosa, e do problema apresentado, elucidamos as seguintes hipóteses de pesquisa:

- Hipótese 01

A alternância no uso dos pronomes “nós” e “a gente” no português falado e escrito de alunos do Ensino Fundamental em Januária - MG trata-se de um caso de variação linguística que apresenta o “a gente” em ocorrências sintáticas distintas nos enunciados, tanto orais quanto escritos, e isso é o reflexo do contexto de vivência social e educacional desses alunos, por essa razão é necessário o conhecimento teórico por parte da pesquisadora para que, em sala de aula, saiba lidar com a diversidade da língua, bem como as peculiaridades de cada indivíduo aprendiz.

- Hipótese 02

O uso do pronome “a gente” em detrimento do “nós” ainda é estigmatizado na escrita em sala de aula, embora sua ocorrência seja recorrente nos textos dos alunos. Sendo assim, a

adequação e/ou renovação das práticas de ensino por meio de estratégias metodológicas que tomem como base o conteúdo curricular do Eixo temático II do Currículo Básico Comum (CBC), que diz respeito à língua e à linguagem, com o detalhamento das habilidades linguísticas favorecerá um ensino reflexivo da língua portuguesa e, conseqüentemente, da educação linguística.

A seguir, apresentam-se os objetivos geral e específicos que nortearam esta pesquisa.

Geral

Pesquisar o uso do "Nós" e do "A gente" em distintos contextos evidenciados na escrita de alunos do Ensino Fundamental da cidade de Januária – MG e ampliar as habilidades linguísticas desses alunos por meio da abordagem da Sociolinguística Educacional

Específicos

- a) Estudar a teoria peculiar ao trabalho para fundamentar as ações propostas;
- b) Diagnosticar as ocorrências do uso do “Nós” e do “A gente” na escrita dos alunos do Ensino Fundamental de Januária;
- c) Analisar em quais contextos aparecem o “Nós” e o “a gente”, e como o uso desses pronomes é concretizado;
- d) Verificar quais fatores linguísticos e sociais motivam a variação de uso desses pronomes;
- e) Planejar e aplicar proposta de intervenção pedagógica, tendo em vista ampliar as habilidades linguísticas desses alunos por meio da abordagem da Sociolinguística Educacional;
- f) Avaliar os resultados da proposta de intervenção, tendo em vista a ampliação das habilidades linguísticas dos alunos pesquisados.

Sendo assim, o trabalho que se apresenta justifica-se pela necessidade de entender o uso do “nós” e do “a gente” na escrita de alunos do Ensino Fundamental na cidade de Januária - MG, com o intuito de levar o aluno a pensar a língua e a refletir sobre o seu uso. As razões pedagógicas que justificam esse trabalho têm por base as diretrizes do CBC, nas quais se diz que

Além de levar em consideração a variação linguística nas dimensões dos dialetos — do [+ culto] ao [- culto] — e dos registros — do [+ formal] ao [- formal] —, é preciso ainda ter em mente que a língua oral e a língua escrita não são compartimentos estanques, mas que formam um contínuo. Uma interfere na outra, de maior ou menor grau, dependendo das circunstâncias. Daí a necessidade de levar o aluno a ter contato com outras gramáticas, além daquela da língua padrão. E essa tarefa será mais produtiva se o aluno tiver a oportunidade de observar os fatos linguísticos socorrendo em situações concretas de comunicação: ao compreender e produzir um texto, ao refazer seus próprios textos ou a retextualizar textos orais como textos escritos de determinado gênero. (SEE-MG, 2014, p. 05).

Nessa perspectiva, vê-se a necessidade de estudar a língua e suas variações, haja vista que essa abordagem está prevista nas diretrizes do ensino de Língua Portuguesa, visando a uma reflexão sobre os usos linguísticos em diferentes situações de interação.

O estudo numa perspectiva Sociolinguística torna-se, pois, um mecanismo de inclusão, já que, a partir do entendimento da língua e seu fenômeno de variabilidade, proporcionará a compreensão de que o certo ou o errado é uma questão de adequação, não devendo, portanto, haver discriminação no que tange aos usos que se fazem da língua.

No tocante à ciência, este trabalho poderá contribuir para os mapeamentos linguísticos, que poderão ser utilizados em pesquisas posteriores ou em andamento, bem como possíveis surgimentos de fenômenos ainda não catalogados na comunidade escolar pesquisada.

O pesquisador também se beneficiou ao término deste trabalho, visto que, por meio da pesquisa, pode entender melhor a realidade dos seus alunos e, em razão disso, desenvolver melhor o seu trabalho em sala de aula.

A seguir, apresentar-se-ão os pressupostos teóricos que nortearam este estudo.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Introdução

Não é difícil perceber que a tradição de ensino de língua sempre privilegiou o estudo da forma e da norma em contraposição ao estudo das situações comunicativas e dos sentidos em uso. No contexto escolar, são muito mais frequentes ainda hoje as análises fonéticas, morfológicas e sintáticas, que parecem sobrepor ao ensino contextualizado em certo grau de importância. De acordo com o CBC, o intuito que antes prevalecia era o de “[...] descrever a língua como um sistema de regras que, uma vez aprendido, habilitaria automaticamente o aluno a ler e a escrever bem”. (SEE-MG, 2014, p. 04).

Essa afirmação mostra o quão se tornam necessários os estudos e a capacitação do professor para a sua prática, uma vez que, ao reduzir as aulas de Língua Portuguesa a um método conteudista de ensino da língua, reduzem-se as possibilidades de formação de um aluno falante/leitor/escritor crítico, visto que ele poderá compreender o conteúdo, mas tampouco saberá aliá-lo à sua função de cidadão na sociedade em que vive.

Ainda de acordo com o texto das diretrizes do currículo, esse trabalho realizado de modo conteudista serve apenas para “sedimentar uma visão preconceituosa acerca das variedades linguísticas, visão que opõe o “certo” e o “errado” e supõe, enganosamente, a existência de um padrão linguístico homogêneo” (SEE-MG, 2014, p. 04).

Dessa maneira,

É preciso, porém, levar o aluno a compreender que ela é um sistema que se modifica pela ação dos falantes nos processos de interlocução. É, pois, por natureza, heterogênea, variada, “sensível” ao contexto de uso e à ação dos usuários; prevê o trabalho linguístico dos interlocutores no processo de produção de sentido. Tem uma estruturação plástica, maleável, construída historicamente pela atividade coletiva dos falantes, na interlocução e para a interlocução. Não se trata, pois, de uma estrutura fechada em si mesma, acabada e disponível para o uso como um instrumento. (SEE-MG, 2014, p. 04)

Já entendendo a importância dos estudos formais atrelados às noções de dinamicidade da língua, partir-se-á nas linhas que seguem a definir a linguagem, língua, variação e mudança linguística.

É comum ouvir dos alunos e demais pessoas as frases típicas “A linguagem de fulano é estranha”, o que denota que o conceito desse termo é pouco concebido em meios não

letrados, isto é, não se entende a linguagem como uma forma de exteriorização do pensamento, mas como uma materialização, o que pressupõe uma confusão entre os conceitos de linguagem, língua e fala.

A linguagem é, pois, uma essência, ela é individual e peculiar dos seres humanos, esse conceito veio sendo construído com o passar do tempo e, através de vários estudos, chegou-se às três concepções da linguagem; numa primeira afirmou-se que a linguagem é expressão do pensamento, sendo, pois, a exteriorização uma leitura de algo que se constrói no interior da mente. (TRAVAGLIA, 1998).

Percebe-se, portanto, que há uma rotulação que pode ser refutada, uma vez que a maneira de expressar-se depende de fatores mais complexos do que a materialização, ou seja, não falamos ou expressamos tudo o que pensamos, há razões sociais, psicológicas e comportamentais que podem interferir nesse sentido, e, de fato, é a linguagem que nos diferencia dos animais irracionais, exatamente por essas capacidades peculiares dos indivíduos.

Numa segunda concepção, a linguagem é considerada como um instrumento de comunicação. Dessa maneira, consideram-na como um meio para se comunicar, tendo a língua como um código dotado de regras e que transmitem uma mensagem. (TRAVAGLIA, 1998). O que se pode perceber é que há uma mistura entre linguagem e língua, o que não condiz com o conceito de que a linguagem é intrínseca do ser humano e possibilita mais de uma forma de manifestar que não seja somente a língua. Claro que essa tem seu lugar social, é um código segundo a definição apresentada, e é de fundamental importância no que diz respeito à interação, desde que esse código seja comum entre os participantes no momento da materialização.

Na terceira concepção, a linguagem nos é apresentada como forma ou processo de interação que o indivíduo utiliza no momento de materializar a língua, ele causa sobre o interlocutor, realiza ações, (TRAVAGLIA, 1998) o que traz à tona as concepções de sujeito e lugar de sujeito discursivo. O ser humano é um ser social, ele se manifesta mediante a uma posição sujeito inscrita, ele regula seus dizeres do lugar de sujeito e manifesta pela linguagem de uma forma e não de outra dependendo do contexto de produção.

A língua é trazida como uma das formas de materialização da linguagem, e não somente um meio exclusivo de interação, e a fala é uma das formas de materializar a língua. Se a fala é individual e baseada em necessidades cognitivas para se aprender e concretizar, percebe-se, então, que não há homogeneidade nessa materialização, haja vista que fatores internos e externos podem influenciar as mudanças na língua, e, por consequência, mudanças

na fala, tais como: fatores regionais, sociais, históricos, entre outros. A seguir será explicitado sobre a teoria da variação e mudança linguística.

2.2 Teoria da variação e mudança linguística

Traçaremos, nesta seção, um percurso que partirá da luta social da linguagem, perpassará a teoria da Sociolinguística e findará na relação entre a Sociolinguística e o ensino. Para isso, baseamo-nos em alguns autores como Calvet (2002), Tarallo (1997), Mollica (2015), Bortoni-Ricardo (2004), Leite (2008), entre outros.

2.2.1 A luta por uma concepção social da linguagem

Calvet (2002) traz um percurso sobre os pressupostos que advogava que a língua era pautada no social, para tanto, introduz o seu discurso expondo as concepções de Meillet (1866-1936) que era considerado um precursor de Saussure, entretanto, o contato com as teorias de Meillet permite afirmar uma contraposição em relação às ideias que possuíam do que seria a língua. Enquanto que para Saussure a língua é um sistema de signos estruturados, Meillet busca explicar a estrutura linguística por meio de fatores históricos e sociais, crendo, pois, que a língua não encerra em si, mas que possui fatores que a determinam. Foi nesse autor que Labov se apoiou, posteriormente, para apresentar a teoria da mudança linguística, uma vez que Meillet advogava que, pelo fato de a língua ser um fato social, a Linguística é, assim, uma ciência social, e o elemento variável a que se pode recorrer para explicar a variação linguística é a mudança social. (MEILLET, 1921, apud CALVET, 2002).

Posteriormente, numa perspectiva marxista da língua, Marr (1865-1934) apresenta a teoria que pregava uma origem comum para todas as línguas do mundo, para ele, a língua foi inicialmente gestual, depois apareceram quatro elementos fônicos – *sal, ber, yon, et roh*—os quais constituíram a linguagem da casta que estava no poder, isto é, os feiticeiros (CALVET, 2002). Para o teórico, as línguas classificaram-se em quatro estágios sucessivos de acordo com as diferentes situações socioeconômicas, quais sejam, primeiro estágio: chinês e línguas africanas; segundo estágio: línguas fino-ungrianas, turco; terceiro estágio: línguas caucasianas e camíticas; quarto estágio: línguas indo-europeias e semíticas.

Com o advento mundial do socialismo, Marx acreditava que esse deveria proporcionar o surgimento de uma língua única, consoante à ideia de que a língua reflete uma luta de classes, militava, então, pela criação de uma língua internacional artificial. Esse pensamento

perpetuou até os anos de 1950, quando os pensamentos não oficiais começaram a emergir, visto que “enquanto alguns ensinavam *a nova teoria linguística* nas universidades, os que a criticavam arriscavam-se a ir aplicar suas análises à situação linguística na Sibéria” (CALVET, 2002, p. 20).

Foi nesse cenário que surgiu um grupo de jovens pesquisadores, cujo autor de destaque foi Mikhail Bakhtin (1895-19975), o qual nunca teve problemas efetivos com o regime e, por essa razão, continuou a ensinar e a publicar obras, entretanto, o livro *Marxismo e Filosofia da linguagem* havia sido assinado à época por Nicolaevitch Volochinov (1927), o qual foi morto nos campos de trabalho forçado. Teorizaram, então, após 1970, que Bakhtin foi quem havia escrito, e não os seus discípulos Medvedev e Volochinov.

Em 20 de Junho de 1950, Stálin resume em dois pontos os debates travados, afirmando que a língua não é uma superestrutura, tampouco tem caráter de classes. Stálin não tinha conhecimentos muito científicos para defender sua teoria, entretanto, seu poder político fazia com que o pensamento instaurado por Marx fosse perdendo forças, o que se conclui é que Stálin trabalhava mais numa perspectiva política que linguística. Para ele, a linguística deveria servir à política proletária, e acreditava que o vocabulário mudava mais rapidamente que a sintaxe.

Nesse ínterim, em 1956, na França, Marcel Cohen publica uma obra em que o marxismo trabalha de maneira diferente dos problemas da língua, ou seja, “não se trata mais de enquadrar os fatos da língua numa moldura teórica preestabelecida, mas de lançar sobre ela um olhar sociológico marxista” (CALVET, 2002, p. 23). As intervenções de Cohen fizeram perceber que na França a teoria de Meillet sobressaía em relação às escritas de Marr.

Surge então a primeira manifestação da Sociolinguística moderna com Basil Bernstein, autor que primeiramente considerou as produções linguísticas reais e a situação sociológica dos falantes; dividiu, então, dois códigos, um *restrito* e o outro *elaborado*, a partir da análise das crianças da classe operária e da classe abastada, e sua tese principal é de que “o aprendizado e socialização são marcados pela família em que as crianças são criadas, que a estrutura social determina, entre outras coisas, os comportamentos linguísticos”. (CALVET, 2002, p. 27). A tese de Bernstein denota a primeira vez em que se considerou a diferença social para uma análise da descrição linguística, por essa razão, é considerado um catalisador na criação de uma concepção social da língua.

Após uma conferência em Los Angeles para tratar da Sociolinguística, Willian Bright foi encarregado de publicar as atas e sintetizar os assuntos mais pertinentes sobre a Sociolinguística. A primeira acepção foi de que não seria fácil defini-la com precisão, e

postula, então, que “uma das maiores tarefas da Sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (BRIGHT, 1966, *apud* CALVET, 2002, p. 29). Indaga, pois, quais são os fatores que condicionam a diversidade linguística e, em resposta, os distingue em três, a saber: a identidade social do falante, a identidade social do destinatário e o contexto.

Ele elabora as quatro dimensões em que se encontra o objeto de estudo para a Sociolinguística, sendo elas: a oposição entre diacronia e sincronia; os usos linguísticos e as crenças a respeito dos usos; a extensão da diversidade, com uma tríplice classificação: diferenças multidialetal, multilingual ou multissocietal; e, por fim, as aplicações da Sociolinguística, com mais uma classificação em três partes: a sociolinguística como diagnóstico de estruturas sociais, como estudo do fator sócio-histórico e como auxílio ao planejamento.

Bright só pode conceber a Sociolinguística como uma abordagem anexa dos fatos da língua, complementando, assim, a Linguística ou a Sociologia e a Antropologia, essa abordagem, posteriormente, vai perdendo a subordinação com o aparecimento da teoria laboviana. Partindo das ideias e dos pressupostos de Meillet (1921), surge a “Sociolinguística laboviana”, também chamada de Teoria da Variação e Mudança, ou Linguística Variacionista ou Sociolinguística Quantitativa, pois trabalha com resultados estatísticos.

Nas palavras de Labov,

o objeto de estudo é a estrutura e a evolução da linguagem no seio do contexto social formado pela comunidade linguística. Os assuntos considerados provêm do campo normalmente chamado de ‘linguística geral’: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica [...] Se não fosse necessário destacar o contraste entre este trabalho e o estudo da linguagem fora de todo contexto social, eu diria de bom grado que se trata simplesmente de *linguística*. (LABOV, 1952, *apud* CALVET, 2002, p. 32).

Portanto, a língua não encerra em si, tendo em vista que, na perspectiva do autor, não há possibilidades de se considerar somente um sistema de signos e a fala como sendo a materialização desta, sem considerar o contexto social, a situação de uso. Assim sendo, sistematiza-se, embora necessite de categorizações extralinguísticas, isto é, o fator social.

Após esse percurso, Calvet (2002) apresenta a seguinte indagação: interrogar a sociedade por meio da língua ou interrogar a língua por meio de uma sociedade? Tem-se, então, de um lado a língua e do outro a sociedade. Dessa maneira, afirma que não há como distinguir a Linguística da Sociolinguística, tampouco a Sociolinguística e a Sociologia da

linguagem, visto que “o objeto de estudo da Linguística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social sob os seus aspectos linguísticos” (CALVET, 2002, p. 143).

Passa-se, pois, a compreender o conceito da Sociolinguística e da pesquisa Sociolinguística, delimitando-os nas linhas que seguem.

2.2.2 Conceituação e delimitação teórica

Foi William Labov quem voltou a insistir na relação entre língua e sociedade, e na possibilidade de sistematizar a variação existente na língua. O modelo de análise estipulado por ele é também rotulado de "Sociolinguística quantitativa", por operar com números e tratamento dos dados coletados para posterior análise. (TARALLO, 1997).

As formas linguísticas em variação são denominadas "variantes", isto é, “as diversas formas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto dessas variantes dá-se o nome de “variável linguística” (TARALLO, 1997, p. 8).

Votre (2017) expõe sobre a variável escolaridade e diz que a escola gera mudanças tanto na fala quanto na escrita das pessoas, haja vista que se subentende que o conhecimento acerca da língua aprimora a maneira discursiva de se relacionar com determinados grupos, em contrapartida, a não aceitação de uma determinada variante que não corrobore com essa ideia pode gerar a estigmatização.

A distinção que se opõe denota que

as formas socialmente prestigiadas são semente e fruto da literatura oficial, que as transforma em língua padrão, [...] A forma estigmatizada é interpretada como inferior, em termos estéticos e informativos, pelos membros da comunidade discursiva. (VOTRE, 2017, p. 51-52).

Por essa razão, as formas estigmatizadas condicionam o preconceito linguístico, haja vista que, a forma de alguém, em uma comunidade discursiva, torna-se alvo de comentários desagradáveis que, atrelados às outras variáveis, traumatizam, por exemplo, uma pessoa de uma comunidade rural que possui uma forma de se comunicar diferente de um jovem que mora em uma região urbanizada. Conforme já citado, as variáveis não estruturais são fundamentais para que se compreenda a língua como fato social, por assim dizer, a educação linguística como resultado de uma proposta de ensino evita que estigmas se criem e/ou recriem perante o não conhecimento da diversidade da língua.

2.3 Sociolinguística e Ensino

Como já referido, Mollica (2015) traz a ideia de que a Sociolinguística estuda a língua em uso, ou seja, não apenas como um sistema de signos como já afirmava Saussure em 1916, sendo assim, pode-se inferir, a partir desse pressuposto, que a Sociolinguística educacional trata da língua em uso nesses contextos, visto que são ambientes concretos de interações linguísticas e sociais. Dessa maneira, o mediador do ensino/aprendizagem deve ser, acima de tudo, um bom pesquisador, haja vista que a diversidade linguística que se encontra em uma sala de aula e os fatores sociocognitivos que corroboram essa riqueza de identidades são sintetizados no processo de letramento.

Se a escola é um local onde a diversidade perpetua-se desde muito tempo, não há como afirmar que o aluno não será influenciado e/ou não influenciará seus colegas através dos comportamentos e atitudes que são característicos do seu meio social. Faraco (2008) assevera que é dentro do contexto escolar que os linguistas são impetrados, isto porque se torna um desafio propor uma teoria que corresponda à pedagogia linguística, já que, na escola, ensina-se a norma padrão. Ou seja, não é fácil introduzir os conhecimentos da língua e suas variantes e expô-las em um ambiente que, tradicionalmente, desfaz as construções cotidianas dos usuários da língua. Expor as variantes da língua no local que as cristaliza e confere verdade à norma padrão dá margem ao preconceito. Nas palavras de Faraco (2008), “numa cultura com um viés arraigadamente normativista como a nossa, o senso de adequação se vê, constantemente, perturbado [...] por um senso de correção exacerbadamente purista” (FARACO, 2008, p. 167).

Contudo, defende-se que se é na escola que se ensina a norma, deve-se ensinar também na escola que existem outras formas de dizer a mesma coisa, que há outras maneiras de um enunciado se realizar, e que a adequação às diferentes situações de uso é o que definiria o uso de uma ou outra variedade.

Quando, em sala de aula, depara-se com produções de textos com incorreções ortográficas e com marcas de oralidade, percebe-se que houve falha no processo de aprendizagem. No entanto, considerar cada aluno e sua individualidade, bem como as diferentes formas de aprender, é de suma importância para viabilizar esse processo.

O grande desafio do professor é diferenciar o que, de fato, é norma e adequação em contraposição à inadequação e à exposição social do contexto em que o aluno vive. É complicado julgar o momento em que se deve intervir, já que todos utilizam das variações para se comunicar. Sendo assim, cada mediador de aprendizagem em situações oportunas

deve salientar tais conceitos, visto que o aluno pode se constranger, desistir do processo de ensino/aprendizagem, tornar-se alvo fácil para o *bullying*, entre outras consequências que surgem em detrimento da má condução do aprendizado.

Não é possível afirmar que o aluno não conhece a língua, uma vez que ele configura regras ao executá-la e a compreende, o fato de associar erros gramaticais, de decodificação e até mesmo de adequar à sua variação no momento da enunciação não significa que ele não domine a língua materna.

Bortoni-Ricardo afirma que

Ao chegar à escola, a criança, o jovem ou o adulto já são usuários competentes de sua língua materna, mas têm de ampliar a gama de seus recursos comunicativos para atender às convenções sociais, que definem o uso linguístico adequado a cada gênero textual, a cada tarefa comunicativa, a cada tipo de interação. Os usos da língua são práticas sociais, e muitas delas são extremamente especializadas, isto é, exigem vocabulário específico e formações sintáticas que estão abonadas nas gramáticas normativas. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 75).

Dessa maneira, entende-se que o aluno não é uma folha em branco, mas que ele precisa aprender e reaprender a lidar com novos recursos comunicativos durante o processo de ensino/aprendizagem, uma vez que regras e normas da língua serão transmitidas, assim como as classificações sintáticas, semânticas, formalização e estruturação dos gêneros textuais, entre outros conteúdos que serão importantes compreender, tendo em vista a diversidade de contextos que o espera ao se formar na educação básica.

Pensando, então, como mediar o aprendizado e a adequação do comportamento do aluno em diferentes contextos, indaga-se, geralmente, como ensinar sem constranger? É importante entender o aluno em sua diversidade, compreendê-lo em seus aspectos psicossociais e cognitivos, bem como suas dificuldades para compreensão dos recursos comunicativos que lhe é apresentado durante o processo de ensino. Entretanto, para muitos professores de Língua Portuguesa, “a língua é a gramática tradicional, ou em outras palavras, a norma culta, porque tudo que está em desacordo com essa norma é errado, incorreto e problemático” (LEITE, 2008, p. 93). E isso configura um problema, pois deixa de valorizar a língua e sua diversidade para entender a norma.

A gramática tradicional é fundamental para que o aluno compreenda a sua língua e saiba utilizar e adequar sua escrita e/ou enunciação em contextos formais que exijam a norma padrão, contudo não deve ser taxada como regra, pois já vimos que o aluno conhece as regras de sua língua antes mesmo de entrar na escola. Essa dissociação entre língua e diversidade contribui para que seja recorrente o preconceito e a intolerância linguística em sala de aula,

haja vista que os colegas, por não compreenderem a maneira de falar e de expressar do outro, constrangem-no a ponto de este se isolar, não se expor, não participar das atividades propostas. (LEITE, 2008).

Ao falar de preconceito e intolerância linguísticas em sala de aula, torna-se fundamental conhecer esses conceitos. Leite nos diz que esses termos não possuem o mesmo significado, pois o “preconceito é a ideia, a opinião ou o sentimento que pode conduzir o indivíduo à intolerância, à atitude de não admitir opinião divergente e, por isso, à atitude de reagir com violência ou agressividade a certas situações.” (LEITE, 2008, p. 20). Se o preconceito leva à intolerância, pode-se entender que ambas negativamente influenciam o processo de ensino/aprendizagem. Então, se a língua em sua função não é respeitada, a recorrência disso leva à intolerância.

Acontece, principalmente, quando se pensa que a norma culta é a única forma de manifestar-se nesses contextos, e, embora também seja destacada a produção de enunciados orais com base na norma, a oralidade é, sem dúvida, a forma de expressão mais estigmatizada no contexto escolar.

Em se tratando da língua portuguesa em sala de aula, é através da fala que o indivíduo manifesta-se, e também é através dela que ele pode ser reprimido, as marcas de oralidade também estão presentes em textos escritos, o que dificulta ainda mais essa interação, visto que a presença dos traços orais pode agravar ainda mais as situações de preconceito e intolerância, isso acontece não só nas aulas de Língua Portuguesa, pois não é rara também a presença de professores de outras disciplinas rotulando os alunos, julgando que não sabem o “português”, exatamente por não dominarem os recursos comunicativos que exigem a norma padrão.

Porém, as marcas de uso da língua culta e popular no momento da enunciação podem alternar, pois muitas pessoas cultas também utilizam as variantes ao se comunicarem, bem como pessoas que não dominam a norma culta tendem a aproximar mais da norma em determinados contextos. Essa afirmação corrobora o que diz Leite (2008), ao explicitar que

A realidade linguística mostra que, nos diversos gêneros discursivos, se realizam enunciados mais ou menos cultos, ou mais ou menos populares [...] Como as pessoas não vivem em grupos isolados, ou seja, hipoteticamente, o grupo dos usuários cultos da língua de um lado e o dos usuários não cultos de outro, há marcas linguístico-discursivas que se misturam nos dois registros. (LEITE, 2008, p. 107).

Leite ainda propõe a seguinte tabela ilustrativa que mostra o afastamento da norma culta da língua através da conjugação verbal:

Tabela 3 - Tabela de conjugação verbal conforme Leite (2008)

1º paradigma		2º paradigma		3º paradigma	
Eu	Vendo	Eu	Vendo	Eu	Vendo
Tu	} Vende	Tu	} Vende	Tu	} Vende
Ele		Ele		Ele	
Você		Você		Você	
A gente		Nós		Nós	
Nós	A gente	A gente	A gente		
A gente	} Vendemos	} Vendem	Eles		
Eles			Vocês		
Vocês			Vocês		

Fonte: (LEITE, 2008. p. 108).

Essa tabela identifica também o problema apresentado nesta pesquisa, o uso do “a gente” e do “nós” como semelhantes em dados contextos, quais sejam: orais e escritos. Observa-se, na proposta de Leite (2008), que a concordância verbal que se dá através das pessoas do discurso está reconfigurando-se em determinadas situações comunicativas, as diferentes possibilidades de encontrar o uso do “a gente” estão cada vez mais recorrentes.

Dessa maneira, conforme a autora, a intolerância quanto ao uso da norma não padrão na sala de aula traz sempre a reflexão de como ensinar e o porquê de ensinar a língua e suas variações. Obviamente, não existe método que seja comprovadamente eficaz para que se aplique, visto que são realidades distintas que convergem num único ambiente, que é a sala de aula. Nas palavras de Leite (2008, p. 121), “Não há fórmulas, mas é certo que posições radicais são ineficazes”. Para tanto, deve-se respeitar a diversidade proposta pelos dialetos de origem popular que chegam até o contexto escolar, dando o suporte necessário para que o aluno compreenda a norma padrão e seus usos, retirando o conceito de “erro” quando se falar em dinamicidade da língua.

No próximo capítulo, apresentam-se estudos já realizados sobre as variantes propostas para esta investigação.

3 O FENÔMENO EM ESTUDO “NÓS” E “A GENTE” PELO BRASIL

Neste capítulo, serão apresentadas algumas abordagens sobre o uso dos pronomes “Nós” e “A gente”, objetivando revisar conhecimentos acerca do objeto recortado para este estudo. Abordar-se-á o fenômeno em estudo numa perspectiva diacrônica, que explanará ainda sobre a transformação do vocábulo “gente” em “a gente” e do “a gente” como termo equivalente a “nós”; em seguida, apresentam-se pesquisas linguísticas que tratam do objeto proposto; posteriormente, a perspectiva gramatical no que tange ao “nós” e ao “a gente”, a partir da análise de três gramáticas normativas, quais sejam, Lima (2005), Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2009), e, por fim, será exposta a pesquisa que se apresenta.

3.1 Nós e A gente: Estudos diacrônicos

Como já evidenciado, a língua é um sistema dinâmico que flui e carrega em si características que denotam a época em que se produzem os enunciados, o que nos propõe dizer que ela retrata de forma imagética o que perpassa na sociedade de uma determinada época. Sendo assim, cabe aqui descrever o uso do “nós” e do “a gente” em uma perspectiva diacrônica, haja vista que o fator tempo é um dos que favorece a recorrência do “a gente” em determinados contextos, antes julgados totalmente formais.

Em estudos antigos, previa a palavra *homem* como um termo indefinido, com o mesmo sentido do *on* francês, que até o fim do século XVI perdeu seus registros (TEYSSIER, *apud* PACHECO, 2018), Assim,

a mudança linguística de *homem* não foi implementada e finalizada no português, pois o item lexical *a gente*, como indefinido ou genérico, entrou primeiramente na língua para ocupar a lacuna pronominal do sistema linguístico desde a evolução do latim, uma vez que *a gente* passou a indicar neutralidade. (PACHECO, 2018, p. 226)

O que se observa é que o “a gente” enveredou-se na língua há muito tempo, tendo, assim, a ideia de que “a emergência de “a gente” se gramaticalizando é um novo processo depois da variação *homem~home*. Primeiro a referência é indefinida com sentido original de povo, depois torna-se genérica”. (ZILLES, 2007, *apud* PACHECO, 2018, p. 227).

Lopes (2005 *apud* Pacheco 2008, p. 227) diz que “Há registros de “a gente” como pronome já no século XVIII. Anteriormente, partiu de uma expressão substantivada para ambiguidade interpretativa entre sinônimo de pessoas ou de “nós” desde o século XVI [...]”.

O que influenciou a ideia de que a perda das características originais do nome *gente* estaria elucidando gramaticalização.

Lopes (2001) partiu de amostras coletadas com base em corpora orais gravados no Rio de Janeiro, nas décadas de 70 e 90 (amostra NURC-RJ) e 80 e 2000 (amostra PEUL-RJ), e concretizou a sua pesquisa intitulada “A gramaticalização de a gente em Português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos”, para a autora,

A forma gramaticalizada mantém do nome *gente* o traço formal de 3ª pessoa, embora acione uma interpretação semântico-discursiva de 1ª pessoa [+EU]. Mesmo que o verbo em concordância com a *gente* permaneça na 3ª pessoa do singular, se pressupõe a existência de um “falante + alguém”, numa frase do tipo a *gente* precisa comprar a nossa própria casa. (LOPES, 2001, p. 52).

Essa mudança é também chamada de decategorização, na qual a palavra passa a ser neutralizada em sua estrutura morfológica, sintática e semântica e assume características da categoria de destino (HOPPER, 1991, *apud* LOPES, 2001), que, nesse caso, deixou de ser um substantivo passando a fazer parte da categoria pronominal.

Essa decategorização ocorreu de maneira gradativa, pois, conforme afirma Lopes (2001), somente no séc. XX, a forma assumiu a ausência do número plural, que, desde o século XVI, se identificou um percentual significativo de 74% de ausência do traço de número plural na forma. A pesquisa indicou também que a substituição de nós por a gente se implementou de forma acelerada nos últimos vinte anos na fala carioca, em maior índice entre os falantes não-cultos, apresentando, pois, as mesmas taxas de frequência nos dois períodos analisados. Entre os falantes cultos, notou-se uma instabilidade, haja vista que o “a gente” popularizou-se e tornou-se mais usual que o “nós”.

Na perspectiva educacional tem-se um fato agravante, se está provado que o uso do “a gente” já é realidade, então como se trabalhar em sala de aula já que essa variação está concretizada e comprovada? Lopes (2013) elaborou em um dos seus trabalhos uma análise do comportamento linguístico do “a gente”, objetivando algumas respostas sobre a categorização do “a gente”. Quando propôs rever as posições de gramáticos sobre o assunto, a autora verificou que “O leque de pronomes, além de não incluir formas amplamente utilizadas na linguagem coloquial, como é o caso de “você/vocês/a gente”, concebe, equivocadamente, “nós” e “vós” como formas plurais de “eu” e “tu”.” (LOPES, 2013, p. 01), e apresentam, além do “a gente”, até mesmo o “você” como pronome de 1ª pessoa, como pronome de tratamento,

pronome indefinido, entre outros, porém, muitas das vezes, na nota de rodapé. Nas palavras da autora:

Nota-se ainda que esse valor genérico, difuso e indeterminado das formas “nós” e “a gente” e “você” se reflete na própria desinência verbal, como apontaram Benveniste (1988) e Lemos Monteiro (1991). O fato de “a gente” e “você”, por exemplo, abarcarem a “não-pessoa” (alia) está expresso na forma verbal a eles associada. Com tais pronomes o verbo fica na 3ª pessoa do singular, que se caracteriza pela marca zero ou falta de desinência e é considerada como forma impessoal. (LOPES, 2013, p. 02).

E por fim, a autora propõe contribuições e sugestões para o ensino que condiz com a decategorização aqui exposta. Há neste item um comparativo entre as pessoas do discurso e a sugestão de se dividir essas pessoas já inserindo o “Nós” e o “a gente”, assim como o “Vós” e “vocês”. Dessa maneira,

Talvez a proposta de classificação de Câmara Jr. (1983) que amplia o número de pessoas para 6, esteja mais próxima da descrição a ser apresentada por nossas gramáticas. Peca o autor ainda na inclusão em seu quadro da 3ª e 6ªs pessoas, esta última deveria ser considerada como verdadeiro plural, sendo ambas explicitadas como “não-pessoa”. Para uma maior coerência, o contorno vago de um “eu” dilatado na forma “nós” também merecia ressalva - o “eu-ampliado” de Benveniste (1988). (LOPES, 2013, p. 05).

É possível então perceber que é necessária uma reformulação e ampliação desse quadro pronominal, para tanto, serão apresentadas nas linhas que seguem algumas pesquisas linguísticas que propõem algumas dessas divisões.

3.2 Pesquisas Linguísticas

Neste subitem apresentaremos algumas pesquisas linguísticas que abordam o “nós” e o “a gente” no aspecto semântico, formal, estrutural e pragmático. Tendo, pois, relevância os aspectos da gramaticalização e da adequação de uma nova tabela pronominal em uso, haja vista que a língua está em constante variação e, por se popularizar, o “a gente” já se torna marca de 1.ª pessoa do plural.

No tocante à classificação dos vocábulos formais, não se caracteriza um termo como um substantivo, adjetivo, pronome, entre outras classes, se ele não corresponder aos aspectos que, de fato, o considerem como tal. Já sabemos que em língua portuguesa, em determinados contextos, os termos variam suas formas e funções, assim como deixam sua classe original

para se portar como uma nova classe, é o caso do próprio “gente” que se transformou em “a gente” caracterizado sob outra classe, não mais como um substantivo, mas como correspondente a um pronome.

Câmara Jr. afirma que

Há, em princípio, três critérios para classificar os vocábulos formais de uma língua. Um é o de que eles de maneira geral significam do ponto de vista do universo biossocial que se incorpora na língua; é o critério semântico. Outro, de natureza formal ou mórfica, se baseia em propriedades de forma gramatical que podem apresentar. Um terceiro critério [...] é o funcional, ou seja, a função ou papel que cabe ao vocábulo na sentença. (CÂMARA Jr. 2001, p. 77).

Dessa maneira, fica evidente que uma classe gramatical é composta por termos que atendam, segundo o autor, a esses critérios. Assim, assemelha com o que chamamos de derivação imprópria, por exemplo, os termos migram e se adéquam entre classes de acordo com sua funcionalidade no enunciado. No que diz respeito aos pronomes, sob o olhar de Câmara Jr. é a classe que gramaticalmente se caracteriza como a pessoa em que ela consiste. Nas palavras do autor “é uma noção que se expressa pela heteronímia, em vez da flexão, ou seja, pela mudança do vocábulo gramatical. Também já conhecemos, em princípio, o sistema desses pronomes, ditos <<persoais>>, cuja função básica é indicar essa noção de pessoa.” (CÂMARA Jr. 2001, p. 117).

Tratando, pois, desse aspecto significativo, formal, estrutural e pragmático do pronome, Castilho (2010) propõe, na *Nova gramática do português brasileiro*, uma nova reconfiguração da tabela pronominal como segue:

Tabela 4 – Pronomes pessoais no PB de acordo com Castilho (2010)

Pessoa	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sg.	Eu	Me, mim, comigo	Eu, a gente	Eu, me, mim, prep + eu, mim
2ª pessoa sg.	Tu, você, o senhor, a senhora	Te, te, contigo, prep + o senhor, com a senhora	Você/ocê/tu	Você/ocê/cê, te, ti, prep + você/ocê (=doce, coce
3ª pessoa sg.	Ele, ela	O, lha, lhe, se, consigo	Ele/ei, ela	Ele, ele, lhe, prep + ele, ela
1ª pessoa pl.	Nós	Nos, conosco	a gente	Agente, prep + agente
2ª pessoa pl.	Vós, os senhores, as senhoras	Vós, convosco, prep + os senhores a senhora	Vocês/ ocês/cês	Vocês/ ocês/cês prepo + vocês/ocês
3ª pessoa pl.	Ele, ela	Os/as lhes, se, si, consigo	Eles/eis, elas	Eles/eis, elas prep + eles/eis, elas

Fonte: Castilho (2010, p. 477).

Dividida em Português Brasileiro Formal e Informal, a tabela proposta por Castilho (2010) denota além da forma “a gente”, para a primeira pessoa, os termos *ocê*, *ocês* e *cês* para a 2.ª pessoa, e *ei* e *eis* para a terceira pessoa. O “a gente” está expresso em ambas, não somente na que corresponda ao plural. Podemos contextualizar esse fato através do exemplo que Bechara menciona ao afirmar que o pronome se refere a um significado dado pelo contexto, sendo, pois, uma classe categoremática. (BECHARA, 2009).

Nas palavras do autor,

Os pronomes pessoais são bastante suscetíveis a mudanças. [...] A centralidade desses pronomes no sistema das línguas explica porque a reorganização do quadro dos pronomes repercute nos demais pronomes, na morfologia verbal, na concordância verbal e na estrutura funcional da sentença.” (CASTILHO, 2010, p. 477).

Assim, exemplos como “Fico triste, mas às vezes a gente pensa que logo passará”, confirmam essa ideia de 1.ª pessoa do singular, pois a própria desinência do verbo anterior denota singularidade. É uma construção corriqueira, bem como o termo na função de complemento, por exemplo, “com a gente”, que Castilho também expõe, entretanto, pode-se observar na tabela que a função de complemento só é estabelecida na 1.ª pessoa do plural.

Sobre essa adequação do pronome “a gente” na primeira pessoa, Omena (1996a) corrobora com a ideia expressa de que “ambos podem referir-se também à mesma pessoa do

singular, sendo que “nós”, significando *eu* é mais comum à escrita do que à fala.”. O autor estuda a alternância do “nós” e do “a gente” e expõe os seguintes exemplos:

- (1) “Porque a única coisa que não vai bem é o seguinte: que nós temos aqui uma dificuldade muito grande de colocar a documentação do bar em dia...”
- (2) “Então, *a gente* tem condição de fazer uma documentação certa, para que eles não tenham o direito de interferir no nosso movimento, entendeu? (OMENA, 1996a, p.185).

No trabalho que apresentou para tratar da primeira pessoa do discurso no plural, Omena (1996a) propôs analisar a alternância que as formas “nós” e “a gente” apresentavam em determinados contextos. Para o autor, a forma *gente* que antes designava qualidade, ideia, objetivo, nacionalidade ou posição, de maneira indeterminada, passou a assumir junto ao artigo a representação da 1.^a pessoa do plural, e já nesse estudo, mostrou que a nova configuração pronominal estava em constante crescimento.

Entre os resultados, Omena (1996a) obteve que 69% dos informantes no geral utilizaram a forma “a gente” em detrimento do uso do “nós”. Observou ainda no contexto geral que a posição frequentemente acionada pelo termo é a de adjunto adverbial, sendo que as posições de sujeito e complemento se equivalem. Outra observação importante é que o termo “a gente” já se encontra também no possessivo, o que corresponde ao *nosso*.

Quando separou a recorrência entre adultos e crianças, foi verificado que 65% dos adultos usam o termo “a gente”, e que entre as crianças chegou ao índice de 80%, sendo nas posições de sujeito e complemento, mas em relação a essas duas categorias, o uso do “a gente” pelas crianças foi verificado em um índice de 90% na posição de complemento. (OMENA, 1996a).

Outro fator relevante a considerar com o resultado dessa pesquisa exposta por Omena (1996a) é que a variação etária poderia estar mudando esse cenário linguístico, pois, para ele,

Embora não possamos, ao lidar com dados de tempo aparente, considerar que a diferença gradual na frequência e a probabilidade do uso de variante, ascendendo dos mais velhos para os mais jovens, indique necessariamente uma mudança em processo, um dos indicativos do fenômeno de mudança linguística é justamente essa variação por faixa etária. (OMENA, 1996a, p. 192).

Em um estudo semelhante, no qual ele propõe estudar as influências sociais na variação entre os termos aqui em estudo na posição de sujeito, Omena afirma que, no tocante à concordância, quando não ferem o padrão, isto é, “nós” concordando em 1.^a pessoa do plural e “a gente” concordando em terceiro singular, não se é tão estigmatizado, principalmente na

oralidade, (OMENA, 1996b), contudo, se utilizados em outras concordâncias, já se concerne um problema de ambas as ordens, tanto oral quanto escrita.

Nesse estudo, Omena analisa algumas variáveis e verifica, conforme dados anteriormente apresentados, que o fator idade modifica o uso dos termos já aqui apresentados. Ao analisar na função sujeito, reparou que, além da idade, o fator sexo também modifica o uso previsto, sendo que, quanto ao uso do “nós”, pessoas com idade entre 07 e 14 anos apresentaram o percentual de ocorrências de 8% no sexo masculino e 11% no sexo feminino; entre 15 e 25 anos de 9% no sexo masculino e 16% no sexo feminino; nas idades entre 26 e 49 anos, o índice foi de 23% para o sexo masculino e 46% para o sexo feminino; no intervalo entre 50 a 71 anos, os índices foram de 55% para o sexo masculino e 41% para o sexo feminino.

É possível compreender que, entre as ocorrências analisadas, de 07 até os 49 anos os dados apresentados mostram que quanto maior a idade maior o índice de recorrência do termo, e que entre as mulheres esse índice é maior também. Entretanto, esse cenário se modifica quando se analisa a idade entre 50 a 71 anos, nesse intervalo há uma inversão, visto que as mulheres apresentam um menor uso do termo “nós”.

Além do fator idade, Omena (1996b) agregou ainda resultados que concernem à escolarização e constatou que o fator escolarização influencia no uso do termo “nós”, isto é, à medida que se aprende as conjugações verbais, menos se usa o “a gente”, entretanto esse dado quebra os paradigmas quando é analisado o 2º grau, isso ocorre porque é tendencioso o uso de gírias e falares que mais aproximam os adolescentes e jovens. Outro aspecto que cabe salientar é que o fato de não ter mais contato com a escola não reduziu o uso da variante “nós”.

À semelhança desse trabalho, Brustolin (2009) propôs analisar os itinerários do “nós” e do “a gente” na educação básica, mas, propriamente, no ensino fundamental. À luz da teoria variacionista, Brustolin pretendeu analisar as variáveis linguísticas: sujeito preenchido/nulo, marcas morfêmicas, referências dos pronomes “nós” e “a gente”, paralelismo formal, saliência fônica e tempo verbal, entre os extralinguísticos: série, faixa etária, sexo, escola e modalidade: fala e escrita.

Em relação à escrita, o “nós” foi o termo mais recorrente, o que não aconteceu na fala, na qual se predominou o “a gente”. Nas palavras da autora,

Se compararmos fala *versus* escrita, verificamos que o pronome **nós** é mais recorrente na escrita (86%) do que o pronome **a gente** é na fala (65%). A leitura desta representação nos permite inferir que nas escolas da rede pública de

Florianópolis pesquisadas: (i) o pronome **nós** é mais utilizado na escrita em detrimento do **a gente**, apesar de este já aparecer na escrita; (ii) o pronome **a gente** é mais usado na oralidade (narrativas de cunho pessoal) em detrimento do pronome **nós**; e (iii) apesar de **a gente** já ter um grande espaço, o emprego do **nós** é proporcionalmente maior do que o emprego do **a gente** na fala. (BRUSTOLIN, 2009, p. 210).

O resultado exposto denota que, na escola, tende-se a utilizar mais a forma “nós”, principalmente na escrita, em virtude do aprendizado formal. Seara (2000) corrobora essa ideia e diz que “não se vê na escola nenhum exercício escrito em que se tenha como pronome a forma “a gente”. Essa variante nem mesmo consta da lista de pronomes das gramáticas. Assim, parece que, quanto mais escolarizado, mais se aproximaria o falante da forma “nós” [...]”, (SEARA, 2000, p. 190). Como já também afirma Zilles (2000), quando diz que “De modo geral, pode-se supor que, não fosse a escola preservar a forma padrão de concordância com *-mos*, o emprego das formas não-padrão poderia ser ainda mais acentuado.” (ZILLES, 2000, p. 216).

Em estudo similar em Florianópolis, mas não especificamente em uma escola, e com as variáveis escrita e fala, como fez Brustolin (2009), Seara (2000) propôs, a partir da ideia pressuposta de que a alternância de uso entre “nós” e “a gente” está em mudança, investigar a posição sujeito através de vários fatores. Entre os fatores linguísticos considerados relevantes para os formulários em estudo, foram considerados o tempo verbal, os graus de conexão discursiva e as características semânticas do sujeito. Entre os fatores sociais, foram significativos: sexo, idade e escolaridade. A hipótese de predominância da forma “a gente” para o português falado em Florianópolis se confirmou, entretanto, na comunidade de fala, essa forma estava predominantemente aparente entre jovens dos 15 aos 24 anos.

Nos resultados, pôde-se verificar que

a variante *a gente* é a mais frequente. [...] vimos que nos tempos verbais em que há menor saliência fônica na diferença entre a 3ª pessoa do singular e a 1ª do plural, como por exemplo no Pretérito Imperfeito, temos maior probabilidade de uso de *a gente*. Vimos ainda que se preserva a predominância da forma *a gente* em frases cujo sujeito é indeterminado semanticamente, ou seja, que o traço [-específico] continua associado à variante *a gente*, no entanto o traço [+específico] também passa a ser associado a essa variante. A questão da mudança em tempo aparente, verificável através das três faixas etárias, também foi introduzida nesta pesquisa e, ao que tudo indica, há efetivamente um processo de mudança em curso. (SEARA, 2000, p. 193).

Ainda na região Sul do país, Tamanine (2010) propõe investigar a variação entre “nós” / “a gente” na posição de sujeito e a gramaticalização de “a gente” a partir da análise das variáveis linguísticas e sociais, tendo como objeto de análise 32 entrevistas com informantes

de Curitiba. A tabela abaixo mostra as realizações gramaticais em que foram encontradas o “a gente” e o “nós”:

Tabela 5 – Posições gramaticais “nós” e “a gente” Tamanine (2010)

GRUPOS DE FATORES	Aplic./ocor./%	Aplic./ocor./%	Aplic./ocor./%
Função sintática	A gente	Nós	Geral
Sujeito	1.130/2.084/54	954/2.084/4	2.084/2.407/86
Adjunto adnominal	29/258/39	229/258/61	258/2.407/10,5
Objeto preposicionado	18/35/51	17/35/49	35/2.407/1,4
Complemento	17/24/71	7/24/29	24/2.407/0,9
Objeto direto	13/20/65	7/20/35	20/2.407/0,8
Adjunto adverbial	7/11/63	4/11/37	11/2.407/0,4
Totais	1.214/50	1.218/50	2.432

Fonte: Tamanine (2010, p. 190)

De acordo com o estudo apresentado, observa-se que o “a gente” só não aparece com maior recorrência quando se trata de adjunto adnominal, ou seja, nessa posição, ainda se preserva o uso do “nós”. A tabela abaixo mostra os grupos de fatores sexo, escolaridade e tipos de verbo – perífrases.

Tabela 6 - Grupo de fatores sexo, escolaridade e tipos de verbo – perífrases.

GRUPOS DE FATORES	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
Sexo				
Feminino	23	710	88	.57
Masculino	298	375	80	.38
Escolaridade				
Superior	196	225	88	.59
Ginásio	251	285	88	.54
Primário	204	235	87	.54
Secundário	270	340	79	.37
Tipo de verbo - perífrases				
Ter que + R	52	53	98	.88
Ir + R	21	23	87	.47
Estar + NDO	15	1	79	.35
Ter + DO	4	5	80	.33
Outras perífrases	41	52	77	.31
Poder + R	16	21	76	.29
Ir + NDO	10	14	71	.21
Estar + DO	3	5	0	.15

Fonte: Tamanine, (2010, p. 187).

É possível verificar que os resultados obtidos nessa pesquisa quanto ao sexo corroboram os resultados que Omena (1996) expôs, quando viu que a recorrência do “a gente” é maior entre as mulheres, e que a escolaridade é um fator que influencia as ocorrências do “nós” e do “a gente”.

Vianna e Célia (2012) propuseram verificar quais as entradas estão favorecendo esse crescimento do “a gente” na língua oral, de antemão, dizem que há dois fatores que colaboram com essa entrada: o primeiro é o espraiamento do pronome em todas as faixas etárias, como foi possível verificar em pesquisas aqui expostas; e o segundo é a não estigmatização desse pronome na fala, mesmo entre os mais cultos. Entre os resultados, obtiveram:

Tabela 7 – Relações gramaticais

	Freq.	PR
Acusativo	24/37 65%	0.40
Dativo	7/12 58%	0.33
(oblique) Complemento	11/12 92%	0.98
(oblique) Adjunto	12/19 63%	0.41

Fonte: Vianna e Célia (2012, p. 145).

Na posição de complemento, observa-se que o “a gente” se destaca, mas a entrada desse pronome na língua ainda é de responsabilidade primordial do núcleo verbal. As autoras verificaram que, das 80 ocorrências localizadas, 68% foram no nível oracional.

Em se tratando de contexto oracional, Zilles (2000) propõe um estudo sobre a concordância em 1.^a pessoa do plural e entre os principais resultados, obteve que, em relação à forma verbal não padrão *–mo*, mulheres e jovens utilizam mais essa variação, isto é, dizem *vamo* ao invés de *vamos*, por exemplo. Entretanto fez um destaque primordial à variável escolaridade, nos índices investigados, notou que o aumento da escolaridade favorece o uso do *–mos*.

Se não fosse a escola preservar a forma padrão de concordância em *–mos*, o emprego das formas não-padrão poderia ser ainda mais acentuado [...] poderia estar atuando no sentido de retardar ou mesmo de bloquear a mudança; obviamente, contudo, outro processo existente na língua parece se contrapor: a substituição de *nós* por *a gente*. (ZILLES, 2000, p. 216).

Essa observância feita pela autora condiz com a ideia de que a própria escola, num contexto geral, seria um ambiente estigmatizador das variações, uma vez que se apregoa o estudo formal da língua, embora já se tenha referido que o CBC e os PCN norteiam o ensino da língua e sua dinamicidade. Entretanto, culturalmente, é uma situação complexa, pois advém do senso comum que o “falar certo” e “falar errado” definem a escolarização do ser humano, raramente o aluno não é corrigido ao utilizar à variante não padrão da língua na escola.

Zilles (2007), em um estudo em Porto Alegre - RS, não absoluto, como ela diz, responde a indagação do parágrafo anterior dizendo que “As análises que já foram feitas revelam o caráter crescente do uso da forma inovadora na fala em todo o país. [...], beirando os 80%, levam à conclusão de que, de modo geral, não há estigma sobre seu emprego.” (ZILLES, 2007, p.37), mas que a forma inovadora, “a gente”, é realidade. Sendo que

são valiosos os registros que caracterizam quem usa a forma inovadora, em que contextos, em que gêneros textuais, para que leitores, com que finalidade, entre tantas outras questões que, se respondidas amplamente, revelariam melhor a avaliação social em jogo. (ZILLES, 2007, p.39).

Sabendo que a língua é um sistema variável, no qual as mudanças perpassam, Pacheco (2014) propôs analisar o “a gente” na fronteira com o Uruguai e constatou que há a presença da forma inovadora “a gente” referenciando a 1ª pessoa do plural. Nas palavras da autora: “[...] apesar de ser em menor proporção que o uso brasileiro. Ao que tudo indica, a entrada desse pronome é recente no português uruguaio e não se realiza em todas as funções sintáticas, sendo mais produtiva na posição de sujeito. (PACHECO, 2014, p. 153).

Pacheco (2014) encontrou amostras de indeterminação, nas quais o “a gente” se referia a pessoas, ou seja, *toda gente* ou *toda pessoa*. Mas não é regra, “Assim, conseqüentemente, o português uruguaio e o português brasileiro dialogam entre si e manifestam a primeira pessoa do plural com as mesmas variantes linguísticas. (PACHECO, 2014, p. 154).

3.3 Nós e A gente: Gramática Normativa

É importante entender como as gramáticas tradicionais expõem os conceitos do “nós” e do “a gente”, e quais paralelos são traçados com os usos do “a gente” em 1.ª pessoa. Para tanto, traçaremos um percurso comparativo entre três gramáticas, quais sejam: *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, do autor Carlos Henrique da Rocha Lima; *Nova gramática do Português Contemporâneo*, dos autores Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra; e *Moderna Gramática Portuguesa*, do autor Evanildo Bechara.

Lima (2005) afirma que o “pronome é a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso [...] se chama o indivíduo que fala, o indivíduo com quem se fala ou a coisa de que se fala” (LIMA, 2005, p. 110), e lista os pronomes pessoais conforme a tabela a seguir:

Tabela 8 - Tabela Pronominal de acordo com Lima (2005)

am - O	(eu)
am - a - s	(tu)
am - a -	(ele/ela)
am - a - mos	(nós)
am - a - is	(vós)
am - a - m	(eles/elas)

Fonte: Lima (2005, p. 110)

Não há menção em nenhum local na gramática, no campo pronominal, que se refira ao “A gente”, nas concepções do autor, o “nós” é o plural de “Eu” em sua exclusiva forma. Estranhamente, há exemplificação com a forma “a gente” ao se tratar de palavras vicárias, entretanto, nada é analisado, ou seja, usou na posição de sujeito para exemplificar outra situação, como segue: “Na famosa frase de Guimarães Rosa, “a gente morre é para provar que viveu” -, o verbo *ser* significa (enfaticamente) *morre* - , palavra vicária. (LIMA, 2005, p. 120).

Cunha e Cintra (2001) descrevem inicialmente os pronomes classificando-os em pronomes substantivos e pronomes adjetivos. “No primeiro caso desempenham a função de substantivo [...]; no segundo chamam-se pronomes adjetivos, porque modificam o substantivo, que o acompanha, como se fossem adjetivos” (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 275). Sabe-se que os substantivos centram determinados sintagmas na língua portuguesa, funcionando como núcleo, que é o caso da posição de núcleo do sujeito e do objeto.

Os pronomes pessoais do caso reto são considerados pronomes sujeitos porque podem substituir o nome (substantivo) em determinados contextos, no tocante a essa classificação pronominal, Cunha e Cintra (2001) reafirmam os pronomes como atuantes nessa posição, exemplificando “a) **Eu** era a desdenhosa e indiferente. (F. Espanca. *S*, 55)” (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 281). Propõem a tabela que segue para indicá-los:

Tabela9 - Classificação pronominal do casoreto de acordo com Cunha e Cintra (2001)

		PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO REFLEXIVOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
Singular	1ª pessoa	Eu	Me	Mim, comigo
	2ª pessoa	Tu	Te	Ti, contigo
	3ª pessoa	Ele/ela	O, a, lhe	Ele,ela
Plural	1ª pessoa	Nós	Nos	Nós, conosco
	2ª pessoa	Vós	Vos	Vós, convosco
	3ª pessoa	Ele/elas	Os, as, lhes	Eles, elas

Fonte: Cunha e Cintra (2001, p. 277).

Verificou-se que o “nós” é utilizado como um pronome pessoal do caso reto, ocupando a 1ª pessoa do número plural. É também classificado como um pronome substantivo, pois substitui um nome estando em posições específicas, incluindo, pois, o núcleo do sujeito.

No que se refere ao “a gente”, nada foi encontrado, nem na tabela pronominal, nem em observações didáticas que são introduzidas por “Observação”, “Atenção”, entre outros, muito menos no rodapé para explicitar que há o uso e como se deve classificar. Não há nenhuma exemplificação em nenhum dos itens pronominais com o termo “a gente”, e nenhuma ampliação de conhecimento que se propõe às situações que fogem ao controle normativo.

Por fim, Evanildo Bechara (2009) traz a ideia de classe de palavras categoremáticas, as quais reúnem unidades em número limitado, mas que se referem a um significado dado pelo contexto. Também define os pronomes em relação às pessoas do discurso, afirmando haver pessoas determinadas, o “eu” e o “tu” e a terceira pessoa, o “ele”, como sendo indeterminada. No tocante ao “nós”, Bechara (2009) diz que é um pronome pessoal do caso reto, que representa a primeira pessoa do plural, não sendo, pois, o plural de “eu”, isto é, “o plural de “nós” indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu + eu*”¹³ (BECHARA, 2009 p. 164.), dessa maneira, o “Nós” representa o “eu” mais outra pessoa, que não o “eu” novamente.

¹³O autor evidencia Benveniste em "Problemas de linguística geral", no qual afirma que "O simples fato de que palavras diferentes sejam muito geralmente empregadas para o “eu” e “nós” (e também para “tu” e “vós”) é suficiente para excetuar os pronomes dos processos ordinários de pluralização (...). Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inerente a “eu” contradizem a possibilidade a possibilidade de uma pluralização. (BREVENISTE, 1976, *apud* BECHARA, 2009, p. 164).

No que se refere ao termo “a gente”, Bechara não o cita como algo que se assemelha aos falantes “eu” + “tu”, por exemplo, (1ª pessoa plural), há apenas uma citação em nota de rodapé exemplificando o uso da 2ª pessoa não somente como ouvinte, mas também falante, dessa maneira, elucida que o “a gente” pode sim representar quem fala, porém não há nenhuma categorização expressa em seu texto que afirme isso. Segue, pois, o exemplo:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= “eu”, “a gente”, impessoalizador) não sabe o que fazer”. *Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo, quando um desconhecido fala ao seu respeito não diz mais “aquela moça”, e sim “aquela senhora” (...) Sem falar nos que morreram, porque morreram muitos à medida que *a gente* fica mais velha¹⁴. (BECHARA, 2009, p. 162).

A partir do exemplo, pode-se observar o termo “a gente” como possível enunciador, assumindo uma posição de sujeito, haja vista que na oração “à medida que “a gente” fica mais velha” a mudança de estado que é estabelecida pelo verbo “ficar” é conduzida pelo sujeito “a gente”, nesse caso, a acepção que nos é dada é que, mesmo não estando expresso, o “a gente” funciona como pronome substantivo.

Ao evidenciar que a gramática tradicional não dispõe o termo “a gente” ou o cita e nada se categoriza, percebe-se que há uma necessidade de adequação do quadro pronominal brasileiro, não somente pelo fator “língua em uso”, mas pela decategorização já fixada e descrita em estudos diacrônicos da língua. No tocante ao “nós”, todos consideraram-no como pronome pessoal do caso reto, assumindo a 1ª pessoa do plural, embora Cunha e Cintra (2001) o caracterizasse ainda como pronome substantivo e Bechara (2009) afirmasse como não sendo o plural correspondente a “eu”, mas sim “eu” = “eu” + outra pessoa, conforme aponta os estudo de Benveniste (1976).

3.4 Da pesquisa que se apresenta

Partindo da ideia de que em Minas Gerais esse progresso existe e de que as tendências do uso do “A gente” estão presentes no cotidiano dos alunos do ensino fundamental, investigamos, pois, as ocorrências do “Nós” e “A gente” em uma turma, que no período diagnóstico estava no 8º ano, e ao término da intervenção, no 9º ano do Ensino Fundamental

¹⁴ Trecho com exemplo retirado da obra *O Brasileiro perplexo* de Raquel de Queiroz, 1963.

de uma escola da região de Januária-MG. Verificamos as ocorrências, bem como os fatores extralinguísticos que corroboram para o surgimento do “nós” e do “a gente”, isso porque

a variante explícita de plural é a variante de prestígio. A variante zero de plural, quando percebida, é julgada pela tradição e pelos falantes como índice de não saber falar português. Todavia, diversos estudos têm evidenciado que a variação da concordância de número no português brasileiro é sistematicamente regida por restrições linguísticas e não linguísticas. Inquestionavelmente, as forças sociais atuam na condução da variação e da mudança linguística. Todavia, nem só do social vivem as línguas. As forças linguísticas também estão presentes, exercendo o seu papel, em maior ou menor grau. (SHERRE, 2006, p. 108)

Acreditamos que esta pesquisa, por direcionar uma proposta de ensino, auxiliou a prática em sala de aula, visto que foram propiciados os conhecimentos sobre a concordância e, concomitantemente, foram feitas reflexões sobre a língua. Sendo assim, o aluno teve contato com o conceito dos termos e suas variações, com as propostas de mudanças na língua e relacionou o conhecimento adquirido ao uso gramatical, o que, por consequência, gera a adequação às diferentes situações de uso, pensando a língua como um objeto de interação, e não somente um conjunto de regras.

O estado da arte aqui traçado mostrou a relevância da investigação do uso do “nós” e também do “a gente”, esse último como uma forma variante da primeira pessoa. Ressaltamos ainda que o estudo da variação linguística em sala de aula faz com que o professor pesquisador procure adequar metodologias para o trabalho com a língua materna, a qual se apresenta como intrínseca à sociedade.

A seguir, apresentaremos a metodologia usada no desenvolvimento desta pesquisa.

4 METODOLOGIA

Trataremos do estudo das ocorrências do "Nós" e do "A gente" em manifestações textuais dos alunos do Ensino Fundamental de uma escola da cidade de Januária– MG à luz da Sociolinguística Educacional.

4.1 Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa é de natureza interpretativa, e a metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa, isto porque esse tipo de pesquisa

Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995, p. 58).

Assim, parte-se de questões ou focos de interesses amplos, que se vão definindo à medida que o estudo progride, dessa maneira, a pesquisa delinea-se à medida que as ocorrências são analisadas.

O método científico é conceituado por Marconi e Lakatos (2003, p. 83) como "o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo", levando-nos ao conhecimento, corrigindo, adequando, experimentando. O método científico escolhido para esse trabalho foi o da pesquisa-ação, visto que essa

é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1985, p.14).

Dessa forma, a pesquisa-ação é inovadora, contínua, proativa estrategicamente, participativa, intervencionista, problematizada, deliberada, documentada, compreendida e disseminada. (TRIPP, 2005), e, por apresentar essas características, atende às perspectivas do objeto proposto que foi investigado neste trabalho.

Utilizamos das técnicas de documentação indireta, isto é, da pesquisa bibliográfica e documental, haja vista que se retomam outras pesquisas e demais teorias para se fundamentar;

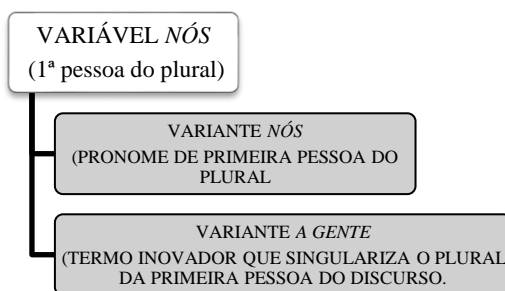
e da técnica de documentação direta, visto que partimos para o campo, sendo, então, utilizada a observação direta extensiva, uma vez que trata de uma pesquisa-ação, e, nesse trabalho, exigiu-se a aplicação de questionários e atividades diagnósticas.

4.1.1 Variáveis consideradas

De acordo com Tarallo (1997), às formas linguísticas em variação dá-se o nome de “variantes”. Para ele, “Variantes linguísticas” são, portanto, diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes, dá-se o nome de “variável linguística”. (TARALLO, 1997, p. 8).

Para esta pesquisa, a compreensão dos conceitos torna-se importante, pois tratará de um fenômeno da língua que é manifestada tanto na fala quanto na escrita dos alunos. A proposta de quantificar esses dados tornará, na pesquisa, uma possibilidade para se mapear as ocorrências, bem como descobrir fenômenos que podem surgir na comunidade investigada.

Compreendemos, então, que o pronome de 1ª pessoa “nós” é a variável investigada que é possível que varie em duas formas, quais sejam: o “nós” e o “a gente”, os quais serão as variantes do pronome de primeira pessoa, conforme esquema a seguir:



Conforme explícito por Calvet (2002), as variantes são as diversas possibilidades de se dizer a mesma coisa, Sendo assim, investigamos nesta pesquisa a variação entre os termos para refutar ou confirmar as hipóteses levantadas.

4.2 Fase diagnóstica: coleta, tratamento dos dados e análise

Nesta seção, serão apresentados os instrumentos utilizados para o diagnóstico. É importante registrar que a turma possuía nesta fase 25 alunos, entretanto, apenas 22 estavam presentes na aplicação da atividade oral e 21 presentes na aplicação da prova escrita. As

atividades e relatórios de aplicação estão nos apêndices dessa pesquisa. Os dados do diagnóstico escrito foram obtidos por meio de atividades de percepção linguística escrita que versavam sobre uma pesquisa de campo que os alunos fizeram no ano de 2018; os dados do diagnóstico oral referiam-se à infestação de um besouro conhecido como “potó” que aconteceu na cidade de Januária-MG, no mês de outubro de 2018. Para a captação desses dados, foi utilizado o aplicativo *Whatsapp*, cujos áudios referentes aos comentários sobre o tema proposto foram registrados no telefone da professora. Os resultados obtidos serão descritos a seguir.

4.2.1 Dados do diagnóstico escrito

Os dados encontrados partiram da aplicação da atividade de percepção linguística. Para a descrição dos dados, inicialmente, será exposta a quantidade de ocorrências que foi identificada de acordo com as produções dos alunos em seis questões. Essa proposta de atividade visa investigar as percepções que eles tiveram em uma pesquisa de campo que acontece todos os anos no conteúdo de Língua Portuguesa, e, neste ano, escolhemos essa turma para também desenvolvê-la.

O trabalho consiste no nosso deslocamento (professora e alunos) para fazer com que os alunos compreendam a variação linguística *in loco*, os alunos levam questionários para descobrir o nome de objetos, rituais, locais, entre outros, alguns não foram a campo, mas participaram das etapas realizadas na escola, isto é, planejamento da pesquisa, apresentação do percurso e direcionamentos diversos, tais quais: a importância da disciplina, a maneira de se portar numa entrevista, bem como as sanções que seriam atribuídas aos que desrespeitassem as normas estabelecidas.

Os resultados da escrita demonstraram que há a variação entre o “nós” e o “a gente” na turma do Ensino Fundamental escolhida para a pesquisa, o que confirma a suspeita delimitada para a variável e as variantes escolhidas, há a alternância em textos e as recorrências não são unívocas, visto que estão em diferentes posições sintáticas, e aparecem na escrita até mesmo de alunos que tendem a usar mais a norma padrão na escrita.

Os dados obtidos serão apresentados separadamente por questão. Essa separação tornou-se necessária, uma vez que há a alternância dos usos em questões distintas pelo mesmo aluno, ou seja, ora se usa o “nós”, ora o “a gente”, ora na posição de sujeito, ora de complemento:

Tabela 10 - Análise da Questão 01 da atividade escrita

QUESTÃO 01: “Descreva nas linhas que seguem como foi cada etapa da pesquisa.”								
Aluno	Sujeito		Comple- mento		Sujeito		Comple- mento A gente	Não há dados nesta etapa
	Nós (explícito)	Nós (implícito)	Nós	Nos	A gente (explícito)	A gente (implícito)		
I01M-AMA								X
I02F-ACAM	-	04			-	-		
I03F-ARLS	-	-			-	-		
I04M-ATCA								X
I05F-BS	-	-			-	-		
I06F-BAS	-	-			-	-		
I07F-EDO	-	05			-	-		
I08F-EFS	-	03			-	-		
I09F-ERJ	-	-			-	-		
I10M-GPS								X
I11M-HSCA	-	-			-	-		
I12M-INFS	-	-			-	-		
I13F-JGSP	-	01	01		-	-		
I14F-JNP	-	-			-	-		
I15M-JABS	-	02			-	-		
I16M-KGS	-	-			01	-		
I17M-KVRS	-	01		02	-	-		
I18F-KEAB	-	-			-	-		
I19F-KSA	-	01			-	-		
I20F-NAAS	-	03			-	-		
I21M-RBSB	-	-			-	-		
I22M-RCMR								X
I23M-TFC	-	-			-	-		
I24M-TLS	-	02			-	-		
I25F-VCP	-	-			-	-		
SUBTOTAL	0	22	01	02	01	0	0	04

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2018.

De acordo com os dados da tabela, na questão 01 podemos observar que há a variação do uso do “nós” (não explícito) e do “a gente” (explícito) na posição de sujeito, como complemento, o “a gente” não foi encontrado. Nessa questão, salientamos a concordância plural e singular da 1ª pessoa plural e a alternância de usos, conforme a atividade a seguir, da aluna I20F-NAAS, a qual pontua a etapa da pesquisa que participou e qual o direcionamento para as próximas etapas.

Atividade de Percepção Linguística

No dia 11/08 fizemos uma pesquisa de campo sobre as variedades linguísticas da comunidade do Brejo do Amparo, Distrito de Januária. Foi muito interessante a participação dos alunos que puderam conhecer mais sobre a diversidade da língua em nossa região.

Agora é com você! Bom trabalho!

Respondam a seguintes perguntas:

01 Descreva nas linhas que seguem como foi cada etapa da pesquisa.

Olha, eu não participei da ida ao Brejo, porém estava no planejamento e na reunião (discutimos como iríamos abordar as pessoas e como faríamos os gráficos da pesquisa).

Versão digitada da resposta à questão 01 do aluno **I17M-KVRS**:

- L1: *Olha, eu não participei da ida ao Brejo,*
 L2: *porém estava no planejamento e na reunião*
 L3: *(discutimos como iríamos abordar as pessoas*
 L4: *e como faríamos os gráficos da pesquisa).*

O aluno I17M-KVRS também seguiu o padrão de concordância, visto que utilizou o *nos* na posição de objeto dessa questão, conforme as gramáticas normativas, uma vez que é o oblíquo de “nós”. Embora houvesse a alternância para o singular em *reunir* ao invés de *reunirmos*. Esse aluno também não utilizou o “nós” explícito:

Atividade de Percepção Linguística

No dia 11/08 fizemos uma pesquisa de campo sobre as variedades linguísticas da comunidade do Brejo do Amparo, Distrito de Januária. Foi muito interessante a participação dos alunos que puderam conhecer mais sobre a diversidade da língua em nossa região.

Agora é com você! Bom trabalho!

Respondam a seguintes perguntas:

01 Descreva nas linhas que seguem como foi cada etapa da pesquisa.

A primeira etapa foi o planejamento, a segunda foi a reunião, onde reparamos todas as decisões. A terceira etapa foi nos reunir para ir até o brejo. Na quarta etapa nos dividimos para a pesquisa.

Versão digitada da resposta à questão 01 do aluno **I17M-KVRS**:

- L1: *A primeira etapa foi o planejamento. A segunda*

L2: *foi a reunião, onde repassamos todas as decisões.*

L3: *A terceira etapa foi nos reunir para ir até o*

L4: *brejo. Na quarta etapa nos dividimos para a pesquisa*

A aluna I19F-KSA, nessa questão, não utilizou também o “nós” explícito, mas se equivocou quanto à concordância no que tange ao uso do plural, mais precisamente no plural da forma nominal particípio do verbo *dividir* “fomos dividido”, como segue:

Atividade de Percepção Linguística

No dia 11/08 fizemos uma pesquisa de campo sobre as variedades linguísticas da comunidade do Brejo do Amparo, Distrito de Januária. Foi muito interessante a participação dos alunos que puderam conhecer mais sobre a diversidade da língua em nossa região.

Agora é com você! Bom trabalho!

Respondam a seguintes perguntas:

01 Descreva nas linhas que seguem como foi cada etapa da pesquisa.

Bom, primeiro teve o planejamento aqui na sala e depois foi a reunião. Chegando lá fomos dividido em grupos para fazer a pesquisa. Resumindo foi muito bom cada etapa.

Versão digitada da resposta à questão 01 da aluna I19F-KSA:

L1: *Bom, primeiro teve o planejamento aqui na sala*

L2: *e depois foi a reunião. Chegando lá fomos*

L3: ***dividido** em grupos para fazer a pesquisa.*

L4: *Resumindo foi muito bom cada etapa.*

Sobre essa 1ª questão, cabe ainda salientara neutralidade que se expõe na escrita. A questão proposta poderia ser respondida em primeira pessoa, pois se tratava de relatos e descrições, o que permitia percepções individuais, no entanto, o aluno, mesmo participando da pesquisa de campo, descreveu usando a 3ª pessoa, entretanto não particularizando os pronomes, dando preferência a outros termos para se referir a eles, quais sejam: “muita gente”, “todo mundo”, “ninguém”, conforme mostra a escrita do aluno I21M-RBSB.

No dia 11/08 fizemos uma pesquisa de campo sobre as variedades linguísticas da comunidade do Brejo do Amparo, Distrito de Januária. Foi muito interessante a participação dos alunos que puderam conhecer mais sobre a diversidade da língua em nossa região.

Agora é com você! Bom trabalho!

Respondam a seguintes perguntas:

01 Descreva nas linhas que seguem como foi cada etapa da pesquisa.

*foi bem legal, foi muita gente todo mundo se deu
bem, ninguém brigou foi muito legal*

Versão digitada da resposta à questão 01 do aluno **I21M-RBSB**:

L1: *foi bem legal, foi muita gente todo mundo se deu*

L2: *bem, ninguém brigou foi muito legal*

Em relação ao termo “a gente”, encontrado na posição sujeito dessa questão, percebemos que não houve problemas com concordância, haja vista que o aluno utilizou a 3ª pessoa do singular, entretanto há erro na grafia do termo, isto é, ao invés do uso do “a gente”, o aluno I16M-KGS grafou *agente*, que, por sua vez, possui outro significado. Podemos observar que o uso corresponde ao termo em estudo, ainda que sua grafia esteja erroneamente marcada, conforme mostra a imagem a seguir:

Atividade de Percepção Linguística

No dia 11/08 fizemos uma pesquisa de campo sobre as variedades linguísticas da comunidade do Brejo do Amparo, Distrito de Januária. Foi muito interessante a participação dos alunos que puderam conhecer mais sobre a diversidade da língua em nossa região.

Agora é com você! Bom trabalho!

Respondam a seguintes perguntas:

01 Descreva nas linhas que seguem como foi cada etapa da pesquisa.

*Foi muito bom, por que agente conversou com
bastante pessoas diferente, com opiniões diferentes.*

Versão digitada da resposta à questão 01 do aluno **I16M-KGS**:

L1: *Foi muito bom, por que agente converssol com*

L2: *bastante pessoas diferente, com opiniões diferentes.*

A seguir, os resultados da segunda questão:

Tabela11- Análise da Questão 02 da atividade escrita

QUESTÃO 02: “Discorra como foi a abordagem e o processo de entrevistas do seu grupo?”								
Aluno	Sujeito		Comple- Mento		Sujeito		Comple- mento	Não há dados nesta etapa
	Nós (explícito)	Nós (implícito)	Nós	Nos	A gente (explícito)	<u>A gente</u> (implícito)		
I02F-ACAM	-	01			-	-		X
I03F-ARLS	-	-	-	01	-	-		
I04M-ATCA								X
I05F-BS	-	-			-	-		
I06F-BAS	-	-			-	-		
I07F-EDO	-	02			-	-		
I08F-EFS	-	01			-	-		
I09F-ERJ	01	01	01		-	-		
I10M-GPS								X
I11M-HSCA	-	-			-	-		
I12M-INFS	-	01			-	-		
I13F-JGSP	-	02			-	-		
I14F-JNP	-	-			-	-		
I15M-JABS	01	02			-	-		
I16M-KGS	-	-			01	-		
I17M-KVRS	-	-			02	01	01	
I18F-KEAB	-	01			-	-		
I19F-KSA	-	05			01	-		
I20F-NAAS	-	-			-	-		
I21M-RBSB	-	-			-	-	02	
I22M-RCMR								X
I23M-TFC	-	-			-	-		
I24M-TLS	01	03			-	-		
I25F-VCP	-	-			-	-		
SUBTOTAL	03	19	01	01	04	01	03	04

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2018.

Nessa tabela, podemos perceber que já houve ocorrências do “nós” como sujeito, o que não se manifestou na questão anterior. Nessa, percebe-se o uso do “nós” como complemento. A aluna I09F-ERJ utiliza o termo na sentença “As pessoas trataram todos nós com muito respeito [...]”. Como segue:

No dia 11/08 fizemos uma pesquisa de campo sobre as variedades linguísticas da comunidade do Brejo do Amparo, Distrito de Januária. Foi muito interessante a participação dos alunos que puderam conhecer mais sobre a diversidade da língua em nossa região.
Agora é com você! Bom trabalho!

Respondam a seguintes perguntas:

01 Descreva nas linhas que seguem como foi cada etapa da pesquisa.

A PRIMEIRA ETAPA FOI O PLANEJAMENTO A SEGUNDA FOI A REUNIÃO.

02 Discorra como foi a abordagem e o processo de entrevistas do seu grupo?

NÓS SAÍMOS TODOS JUNTOS E FOMOS DE CASA EM CASA FAZENDO PERGUNTAS, AS PESSOAS TRATARAM TODOS NÓS COM MUITO RESPEITO E EDUCAÇÃO E NÃO SE ENCOMODARA DE RESPONDER AS PERGUNTAS.

Versão digitada da resposta à questão 02 da aluna **I09F-ERJ**:

- L1: Nós saímos todos juntos e fomos de casa em
L2: casa fazendo perguntas, as pessoas trataram
L3: todos nós com muito respeito e educação e não
L4: se encomodar a de responder as perguntas.

Houve também na posição de complemento 02 (duas) ocorrências do termo “a gente” na escrita do aluno I21M-RBSB, conforme imagem a seguir:

01 Descreva nas linhas que seguem como foi cada etapa da pesquisa.

foi bem legal, foi muita gente todo mundo se deu bem, ninguém chateou foi muito legal

02 Discorra como foi a abordagem e o processo de entrevistas do seu grupo?

foi boa não reclamaram a gente e foram bem educados com a gente

Versão digitada da resposta à questão 02 do aluno **I21M-RBSB**:

L1: *foi boa não reclamaram a gente e foram bem educados*

L2: *com a gente*

Tabela12 - Análise da Questão 03 da atividade escrita

QUESTÃO 03: “Houve algum empecilho ou aborrecimento que atrapalhou a entrevista? Relate.”								
Aluno	Sujeito		Comple- mento		Sujeito		Comple- mento	Não há dados nesta etapa
	Nós (explícito)	Nós (implícito)	Nós	Nos	A gente (explícito)	A gente (implícito)	A gente	
I01M-AMA								X
I02F-ACAM	-	01			-	-		
I03F-ARLS	01	-		01	-	-		
I04M-ATCA								X
I05F-BS	-	-			-	-		
I06F-BAS	-	-			-	-		
I07F-EDO	-	-			-	-		
I08F-EFS	-	-		01	-	-		
I09F-ERJ	-	-			-	-		
I10M-GPS								X
I11M-HSCA	-	-			-	-		
I12M-INFS	-	-			-	-		
I13F-JGSP	-	-			-	-		
I14F-JNP	-	-			-	-		
I15M-JABS	-	01			-	-	01	
I16M-KGS	-	-			-	-		
I17M-KVRS	-	-		02	-	-		
I18F-KEAB	-	-			-	-		
I19F-KSA	-	-			-	-		
I20F-NAAS	-	-			-	-		
I21M-RBSB	-	-			-	-		
I22M-RCMR								X
I23M-TFC	-	-			-	-		
I24M-TLS	-	-			-	-		
I25F-VCP	-	-			-	-		
SUBTOTAL	01	02	0	04	0	0	01	04

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2018.

Nessa questão, houve uso “nós” (explícito), mas nenhuma ocorrência do “a gente” na posição de sujeito. A aluna I03F-ARLS inseriu tanto o “nós” (explícito), quanto o *nos* na posição de complemento, o “nós” (explícito) aparece conforme a imagem que segue:

02 Discorra como foi a abordagem e o processo de entrevistas do seu grupo?

Tranquila fizemos uma abordagem oral mais com muita educação, sendo que os entrevistados nos receberam bem (com exceções) foi muito divertido e interessante para os alunos presentes.

03 Houve algum empecilho ou aborrecimento que atrapalhou a entrevista? Relate

Sim. Uma senhora que nos recebeu mais com preceito. Sem as perguntas, nós retiramos quando a senhora se recusou a responder.

Versão digitada da resposta à questão 03 da aluna **I03F-ARLS**:

L1: Sim. Uma senhora que nos recebeu não com

L2: preceito bem as perguntas, nós retiramos quando

L3: a senhora se recusou a responder.

Na posição de complemento, houve uma ocorrência, pois o aluno I15M-JABS, conforme a imagem que segue, utilizou o “a gente” nessa posição, além de usar o “nós” implícito no início também no texto escrito nessa mesma questão. Esse mesmo aluno utiliza a alternância “nós” (explícito e implícito) na questão anterior. Esse fato pode acarretar a não utilização na questão que se segue, dando a entender que seria uma progressão, por isso a omissão do “nós” na questão seguinte, a questão 03, cuja análise proporciona-se neste parágrafo também.

02 Discorra como foi a abordagem e o processo de entrevistas do seu grupo?

nos chegamos nos casos de mães e sómos com as pessoas mais idosas

03 Houve algum empecilho ou aborrecimento que atrapalhou a entrevista? Relate

Não, porque - todas as pessoas que entrevistamos sala conosco com a gente

Versão digitada da resposta à questão 03 do aluno **I15M-JABS**:

L1: *Não, porque todas as pessoas que entrevistamos*

L2: *colaboraram com a gente*

Tabela 13 - Análise da Questão 04 da atividade escrita

QUESTÃO 04: “Quais os resultados que o seu grupo obteve com a pesquisa de campo?”								
Aluno	Sujeito		Comple- mento		Sujeito		Comple- mento	Não há dados nesta etapa
	Nós (explícito)	Nós (implícito)	Nós	Nos	A gente (explícito)	A gente (implícito)	A gente	
I01M-AMA								X
I02F-ACAM	-	03			-	-		
I03F-ARLS	-	-			-	-		
I04M-ATCA								X
I05F-BS	-	-			-	-		
I06F-BAS	-	-			-	-		
I07F-EDO	-	01			-	-		
I08F-EFS	-	-			-	-		
I09F-ERJ	-	-			-	-		
I10M-GPS								X
I11M-HSCA	-	-			-	-		
I12M-INFS	01	-			-	-		
I13F-JGSP	-	01			-	-		
I14F-JNP	-	01			-	-		
I15M-JABS	-	-			-	-		
I16M-KGS	-	-			01	-		
I17M-KVRS	-	01			-	-		
I18F-KEAB	-	02			01	-		
I19F-KSA	-	01			-	-		
I20F-NAAS	-	01			-	-		
I21M-RBSB	-	-			-	-		
I22M-RCMR								X
I23M-TFC	-	-			-	-		
I24M-TLS	-	-			-	-		
I25F-VCP	-	-			-	-		
SUBTOTAL	01	11	0	0	02	0	0	04

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2018.

Nessa questão, o “a gente” (explícito) superou o “nós” (explícito), mas houve a recorrência do uso “nós” (implícito) mais vezes. Nenhum dos termos foi encontrado na posição de complemento. Em relação a essa questão, é importante salientar o padrão variável de concordância dentro do mesmo texto.

04 Quais os resultados que o seu grupo obteve com a pesquisa de campo?

O que a gente estava esperando, vimos a línguas que o povo do campo fala vimos como eles vivem.

05 O que você levará de ensinamento para a sua vida a partir do contato com a pesquisa sobre a linguagem?

Levarei comigo a vontade de estudar, as línguas que também são usadas pelo povo do campo mais com o mesmo significado das que usamos também.

Versão digitada da resposta à questão 04 da aluna **I18F-KEAB**:

L1: O que a gente estava esperando, vimos a línguas

L2: que o povo do campo fala vimos como eles vivem.

Na quarta questão, a aluna I18F-KEAB utiliza a sentença “a gente” *estava* e, em seguida, *vimos a línguas*. Encontramos aqui um caso de ausência de paralelismo formal, isto é, a não observância da concordância entre as pessoas e os verbos dentro do período. Inicialmente, concorda-se em 3ª pessoa do singular e, na oração seguinte, alterna-se para a 1ª do plural elíptica de pronome.

Tabela 14 - Análise da Questão 05 da atividade escrita

QUESTÃO 05: “O que você levará de ensinamento para a sua vida a partir do contato com a pesquisa sobre a linguagem?”								
Aluno	Sujeito		Comple- mento		Sujeito		Comple- mento	Não há dados nesta etapa
	Nós (explícito)	Nós (implícito)	Nós	Nos	A gente (explícito)	A gente (implícito)	A gente	
I01M-AMA								X
I02F-ACAM	-	01			-	-		
I03F-ARLS	-	-			-	-		
I04M-ATCA								X
I05F-BS	-	-			-	-		
I06F-BAS	-	-			-	-		
I07F-EDO	-	01			-	-		
I08F-EFS	-	01			-	-		
I09F-ERJ	02	01			-	-		
I10M-GPS								X
I11M-HSCA	-	01			-	-		
I12M-INFS	-	-			-	-		
I13F-JGSP	-	01			-	-		
I14F-JNP	-	-			-	-		
I15M-JABS	-	-			-	-		
I16M-KGS	-	-			-	-		
I17M-KVRS	-	-			-	-		
I18F-KEAB	-	01			-	-		
I19F-KSA	-	02			-	-		
I20F-NAAS	-	01			-	-		
I21M-RBSB	-	-			-	-		
I22M-RCMR								X
I23M-TFC	-	-			-	-		
I24M-TLS	-	01			-	-		
I25F-VCP	-	-			-	-		
SUBTOTAL	02	11	0	0	0	0	0	04

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2018.

Nessa questão, podemos verificar que não apareceu nenhum termo “a gente”, nem na posição sujeito e nem de complemento, verificou-se a presença do “nós” (explícito e implícito). No entanto, uma observação faz-se necessária nessa questão, pois o aluno I24M-TLS utilizou o termo *você* para fazer a correspondência com a 1ª pessoa do plural, uma vez que ele também estava presente na pesquisa em campo.

05 O que você levará de ensinamento para a sua vida a partir do contato com a pesquisa sobre a linguagem?

Respeito. Por que você sempre
 sempre variedade de linguagens e
 de dote que aprendemos muito.

Versão digitada da resposta à questão 05 do aluno **I24M-TLS**:

L1: *Respeito. Por que você conhece*

L2: *uma variedade linguística*

L3: *de sotaque e aprendemos muito.*

Esse uso do *você*, além de denotar subjetividade, mostra que existem outras formas para referir-se ao “eu + eu” na elocução. Como assevera Bechara (2009), já citado no capítulo anterior, ao dizer que o que marca a presença do pronome é a referência a um significado dado pelo contexto (BECHARA, 2009), a referência feita, nesse caso, é a primeira pessoa plural, pois o aluno era também participante da pesquisa na coleta de dados.

Tabela 15 - Análise da Questão 06 da atividade escrita

QUESTÃO 06: “Gostaria de escrever alguma sugestão para os próximos passeios, trabalhos de campo?”								
Aluno	Sujeito		Comple- mento		Sujeito		Comple- mento	Não há dados nesta etapa
	Nós (explícito)	Nós (implícito)	Nós	Nos	A gente (explícito)	A gente (implícito)	A gente	
I01M-AMA								X
I02F-ACAM	-	01			-	-		
I03F-ARLS	-	-			-	-		
I04M-ATCA								X
I05F-BS	-	01			-	-		
I06F-BAS	-	-			-	-		
I07F-EDO	-	-			-	-		
I08F-EFS	-	01			-	-		
I09F-ERJ	-	-			-	-		
I10M-GPS								X
I11M-HSCA	-	02			-	-		
I12M-INF5	01	-			-	-		
I13F-JGSP	-	-			-	-		
I14F-JNP	-	-			-	-		
I15M-JABS	-	-			-	-		
I16M-KGS	-	-			-	-		
I17M-KVRS	-	-			-	-		
I18F-KEAB	-	01			-	-		
I19F-KSA	-	-			-	-		
I20F-NAAS	-	-			-	-		
I21M-RBSB	-	-			-	-		
I22M-RCMR								X
I23M-TFC	-	-			-	-		
I24M-TLS	-	-			-	-		
I25F-VCP	-	-			-	-		
SUBTOTAL	01	6	0	0	0	0	0	04

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2018.

Nessa última questão, observamos que apenas um informante utilizou o termo “nós” explicitamente, contudo com incorreção. Apareceu somente o “nós” (implícito) para se referir ao sistema pronominal. Explicitaremos, na sequência, a resposta de um aluno que possui dificuldades ainda não superadas nessa fase da educação básica.

06 Gostaria de escrever alguma sugestão para os próximos passeios, trabalhos de campo?

*para nois a prafudar mar
para o fundo do Brejo para
ter mais tipos de language
para descobrir.*

Versão digitada da resposta à questão 06 do aluno **I12M-INFS**:

L1: para nois a prafudar mas

L2: para o fundo do Brejo para

L3: ter mais tipos de language

L4: para descobrir

Observa-se que o aluno I12M-INFS utiliza o *R* e o *S* com grafias semelhantes, entende-se que seja “nois” na sentença “para **nois a prafudar mas**”. Esse aluno demonstra, na escrita, que ainda não possui domínio satisfatório do código escrito, o que está evidente não somente nessa questão, mas também nas anteriores.

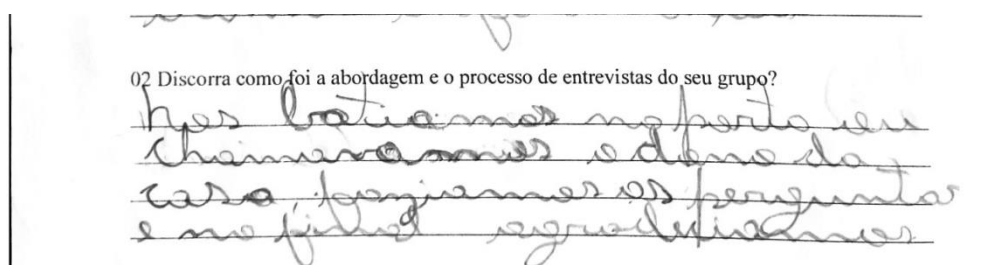
A seguir, a relação total das ocorrências e as observações feitas a partir do diagnóstico escrito para direcionar a proposta de ensino.

Tabela16 - Resultado total do levantamento dos dados escritos

Resultado total dos dados por questão:								
Ocorrências	Sujeito		Comple- mento		Sujeito		Comple- mento	Não há dados nesta etapa
	Nós (explícito)	Nós (implícito)	Nós	Nos	A gente (explícito)	A gente (implícito)		
QUESTÃO 01	0	22	01	02	01	0	0	04
QUESTÃO 02	03	19	01	01	04	01	03	04
QUESTÃO 03	01	02	0	04	0	0	01	04
QUESTÃO 04	01	11	0	0	02	0	0	04
QUESTÃO 05	02	11	0	0	0	0	0	04
QUESTÃO 06	01	6	0	0	0	0	0	04
TOTAL	08	71	02	07	07	01	04	-

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2018.

Foram encontradas 13 ocorrências de Sujeito explícito (nós e a gente), sendo que desses, 61,5% utilizam o “nós” na escrita, enquanto os outros 58,5% utilizam o “a gente”. Esse dado nos mostra primordialmente que o termo inovador está em ascensão na escrita, a qual, geralmente, tende-se a evidenciar contextos formais, portanto, fazendo uso da gramática normativa:



Versão digitada da resposta à questão 02 do aluno **I24M-TLS**:

- L1: *Nos batiamos na porta ou*
 L2: *chamavamos o dono da*
 L3: *casa, faziamos as perguntas*
 L4: *e no final agradeciamos*

Houve informante, como já citado na análise por questão, que alternou o uso do “nós” e do “a gente” entre as questões, e também na mesma questão, assim como houve 01 (um) informante que, em momento algum, utilizou o “nós”, nem explícita nem implicitamente, e, mesmo usando o termo “a gente”, ainda utilizou com incorreção:

01 Descreva nas linhas que seguem como foi cada etapa da pesquisa.

Foi muito bom, por que agente converssol com bastante pessoas diferente, com opiniões diferentes.

02 Discorra como foi a abordagem e o processo de entrevistas do seu grupo?

Foi bem legal, por que agente obtrendeu muitas falas deles diferente do nosso.

Versão digitada da resposta às questões 01 e 02 do aluno **I16M-KGS**:

- Q.1** L1: *Foi muito bom, por que agente converssol com*
L2: *bastante pessoas diferente, com opiniões diferentes.*
- Q.2.** L1: *Foi bem legal, Por que agente aPrendeu muitos*
L2: *falas deles diferente do nosso.*

Essa realidade expressa pelo diagnóstico denota que a fala e a escrita estão reconfigurando a língua em uso. Observamos que os alunos, em um contexto em que favoreça a primeira pessoa, ou seja, no qual eles também estejam inseridos, não se importam de aproximar a língua ao seu uso, por essa razão, há termos como “**olha**” usados para iniciar a sentença, bem como diversos juízos de valor.

Quanto às ocorrências de apresentação e/ou concordância com o “nós” implícito, o número é relativamente superior à presença do termo “a gente”. Das 72 ocorrências, em apenas 01, observamos a progressão textual em 3.^a pessoa do singular. Entretanto, o que é mais relevante nesse dado não é o fato de que há poucos alunos utilizando o “a gente” como referente na progressão, mas sim o número de alunos que não utilizam o nós explicitamente.

Ainda que assimilamos, num contexto geral, a língua padrão para a escrita engajada com seus termos formais, nesse diagnóstico verificamos que apenas 05 (cinco) alunos, quais sejam, I03F-ARLS, I09F-ERJ, I15M-JABS, I12M-INFS e I23M-TFC, utilizaram o nós explícito, ou seja, o alto índice de ocorrências da concordância da 1^a pessoa do plural através da desinência do verbo não condiz apenas com a ideia de progressão textual, mas com uma possível reconfiguração no sistema de escrita. Os informantes, em sua maioria, já não utilizam mais o marcador pronominal de 1^a pessoa na escrita através da apresentação do pronome.

Poderíamos hipotetizar sobre as causas dessas novas configurações apresentadas na escrita, tal qual da economia tendenciosa que se faz na língua quanto à redução de vocábulos. Essa redução ocorre pelo acesso à informação que apresenta uma infinidade de termos reduzidos e abreviados, pela necessidade de velocidade com que tudo hoje é transmitido. Outra hipótese, interligada à exposta anteriormente, poderia se firmar na variação etária, ou seja, os adolescentes sentem necessidade de transmitir com velocidade tudo o que anseiam, e essa aceleração pode já estar sendo evidenciada na escrita, o que, de fato, já mudaria o sistema pronominal, não expondo apenas o “nós” e o “a gente” como marcas que correspondam à 1ª pessoa (eu + eu), mas também o verbo com sua desinência com Θ .

Entre os complementos, 58,4% dos informantes utilizaram o correspondente oblíquo *nos* na referência, 25% utilizaram o “a gente” e 16,6% utilizaram o “nós” como complemento. Esse resultado evidencia que, embora existam outras formas de representar os complementos, o *nos* é ainda o que representa a associação da maioria quando se aciona esse contexto, ele representa a norma padrão nos contextos gerais da Gramática Tradicional. Isso significa que, no tocante aos complementos, os alunos possuem uma escrita mais próxima do formal no momento de utilizar e alocar os termos sintáticos no complemento, ainda que alguns se materializem com erros de colocação pronominal.

Os complementos encontrados foram os seguintes:

Tabela 17 - descrição dos complementos encontrados

ALUNO	OCORRÊNCIA	CONTEXTO FRASAL	CLASSIFICAÇÃO DO COMPLEMENTO
I13F-JGSP	<i>Nós</i>	No segundo momento uma reunião, com <i>nós</i> alunos	Complemento Nominal
I17M-KVRS	<i>Nos</i>	<i>Nos</i> dividir.. (Dividimo-nos)	Objeto direto
I17M-KVRS	<i>Nos</i>	<i>nos</i> reunir (reunimo-nos)	Objeto direto
I17M-KVRS	<i>Nos</i>	Nos atenderam (todas as pessoas <i>nos</i> atenderam..)	Objeto direto
I17M-KVRS	<i>Nos</i>	Nos atenderam (<i>nos</i> atenderam sem negar participação no projeto)	Objeto direto
I17M-KVRS	<i>Agente</i>	Quem era <i>a gente</i>	Predicativo
I03F-ARLS	<i>Nos</i>	Os entrevistados <i>nos</i> receberam bem	Objeto direto
I03F-ARLS	<i>Nos</i>	Uma senhora que <i>nos</i> recebeu	Objeto direto
I21M-RBSB	<i>A gente</i>	Não reclamaram <i>a gente</i>	Objeto direto
I21M-RBSB	<i>A gente</i>	Foram educados com <i>a gente</i>	Complemento nominal
I15M-JABS	<i>A gente</i>	Todas as pessoas que entrevistamos foram legais com <i>a gente</i>	Complemento nominal
I08F-EFS	<i>Nos</i>	As pessoas <i>nos</i> trataram bem	Objeto direto
I09F-ERJ	<i>Nós</i>	As pessoas trataram todos <i>nós</i> com respeito.	Objeto direto

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2018.

Percebemos que os alunos tendem a aproximar-se da variação formal enquanto escrevem, isso está representado na tabela através da quantidade de *nos* que se utiliza como complemento, fazendo a correspondência com o “nós” explícito ou não, já determinado na Gramática Tradicional. Os complementos encontrados foram: complemento nominal, objeto direto e houve também uma ocorrência de predicativo.

Quanto às ocorrências de complemento nominal, nessa atividade escrita, encontramos 03 (três), das quais 02 (duas) correspondiam ao “a gente” e uma ao “nós”. Não foi encontrado nenhum *nos* nessa função, embora seja o complemento com maior número de ocorrências entre as verificadas.

No tocante ao objeto direto, esse tipo de complemento representa 69,2% dos casos de complementos analisados. Nessa posição sintática, o *nos* foi o termo mais recorrente, isso porque já é tendencioso seu aparecimento na escrita. Entre as 09 ocorrências verificadas, 07 são do *nos*, o “a gente” e o “nós” foram encontrados uma vez cada.

Outra posição sintática verificada foi a de predicativo do sujeito. Na sentença “Quem era “a gente””, verificamos que o termo inovador apresenta-se também em outras posições e denota com isso a versatilidade com que pode se manifestar. Mesmo havendo 01 ocorrência, é perceptível que até a concordância em 3ª pessoa do singular traz as marcas da singularização da 1ª pessoa.

4.2.2 Dados do diagnóstico oral

A seguir, serão apresentados os dados encontrados no diagnóstico oral. Serão expostas as ocorrências por participante da pesquisa, e, em seguida, faremos a análise. As ocorrências dos termos “nós” e “a gente” foram encontradas em 10 dos áudios do aplicativo *whatsapp*, conforme descrições a seguir:

QUADRO 1 -diagnóstico oral I12M-INFS

Código do Participante	I12M-INFS
Data da gravação	26/11/2017
Sexo	Masculino
Idade	13
Zona	Urbana
<p>(...) tipo assim... não teve nenhum acidente lá não.. que nóis cabo queles rapidí:::::m (...) aí pegô ... nóis colocô eles na frein do fogo e ficou is:ispremeno (...)</p>	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2018.

QUADRO 2 - diagnóstico oral I24M-TLS

Código do Participante	I24M-TLS
Data da gravação	26/11/2017
Sexo	Masculino
Idade	14
Zona	Urbana
<p>(...) Ih pá nóis preveni o potó.. eh::::: eu pensei em comprá sapo (...)</p>	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2018.

QUADRO 3 – diagnóstico oral I09F-ERJ

Código do Participante	I09F-ERJ
Data da gravação	26/11/2017
Sexo	FEMININO
Idade	13
Zona	Urbana
<p>(...) Ai a minha tia falô qui si jogasse água neles... eles morriam... é aí a gente colocou água pá fervê e jogamo neles e eles morreram de fato (...) aí como (a gente) ... a gente dormia no quarto da frente e o poste fica na frente... aí no nosso quarto tinha que fechar a janela (...)</p>	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2018.

QUADRO 4 - diagnóstico oral I21M-RBSB

Código do Participante	I21M-RBSB
Data da gravação	26/11/2017
Sexo	MASCULINO
Idade	13
Zona	Urbana
<p>(...) I::cumeço a enchê de potó lá ... aí (nóis) não sabia o quê qui fazê us potó (...) aí na hora que nóis foi lá na rua tava cheim de potó nas rua tamém (...)</p>	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2018.

QUADRO 5 - diagnóstico oral I14F-JNP

Código do Participante	I14F-JNP
Data da gravação	26/11/2017
Sexo	FEMININO
Idade	14
Zona	Urbana
<p>(...) I::A gente teve que ficá a noite todinha () matano () cum chinelo esse potó (...)</p>	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2018.

QUADRO 6 - diagnóstico oral I18F-KEAB

Código do Participante	I18F-KEAB
Data da gravação	26/11/2017
Sexo	FEMININO
Idade	14
Zona	Urbana
<p>(...) mais quais todo mundo da minha casa foi picada porque não tem como ... tem () picô no nariz ... ovÍ::do ... todo mun.. quais todo mundo foi ne ouvido ... teve que colocá algodão ... (...) Aí a gente jogou água quente... (...)</p>	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2018.

QUADRO 7 - diagnóstico oral I07F-EDO

Código do Participante	I07F-EDO
Data da gravação	26/11/2017
Sexo	FEMININO
Idade	13
Zona	Urbana
<p>(...) Na minha casa não teve tanto potó assim porque a gente mora mais afastado da ... da... dos poste de lu::z (...) Uma forma que a gente usou prÁ:: ispantar os potó foi ficar com as luzes apagadas na maioria do tempo (...) E também a gente jogou água com água sanitária nos bichinho (...) na ... na minha igreja ... éh ... a gente não tava conseguindo assisti a missa... Tivemos que assisti a missa com todas as luzes apagadas (...) A gente foi fazê educação física ... a quadra estava repleta de potós no chão (...)</p>	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2018.

QUADRO 8 - diagnóstico oral I09F-ERJ

Código do Participante	I09F-ERJ
Data da gravação	26/11/2017
Sexo	FEMININO
Idade	13
Zona	Urbana
<p>(...) Aí tipo toda vez que dava umas cinco hora... a gente tinha que fechá todas as portas... a gente ficava toda hora mesmo com as portas fecha::da ... inda entrava um bocado de bezouro (...) a gente apagava todas as luzes (...) a gente ficava com mó medo de sê picado (...) aí a gente dormia tudo embrulhado naquele calor. (...)</p>	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2018.

QUADRO 9 - diagnóstico oral I25F-VCP

Código do Participante	I25F-VCP
Data da gravação	26/11/2017
Sexo	FEMININO
Idade	14
Zona	Urbana
(...) Bão ... pá matáos potó ... nóis pegamo um chinelinho e matamos ele (...)	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2018.

QUADRO 10 - diagnóstico oral I03F-ARLS

Código do Participante	I03F-ARLS
Data da gravação	26/11/2017
Sexo	FEMININO
Idade	13
Zona	Urbana
(...) A infestação dos potós foi algo muito ruim ... muito ruim mes::mo... a ponto da gente dormí e colocá ... eh... eh ... sacola na cabeça (...) a gente olhava pro teto potó voando em tu::do quanto é canto (...)	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2018.

Foram analisadas 22 ocorrências dos termos “nós” e “a gente” na fala dos alunos. Dessas, 72,8% representaram o termo “a gente”. Assim como em pesquisas citadas no capítulo anterior, na fala, há a predominância do “a gente” na faixa etária dos alunos que enunciaram os termos, isto é, pessoas entre 13 e 14 anos. Com unanimidade, o termo “a gente” foi percebido na fala feminina. Nenhum dos adolescentes do sexo masculino mencionou o termo.

Quanto à concordância do termo inovador “a gente”, em relação ao verbo imediatamente posposto, todas as ocorrências estabeleceram a concordância com a 3.^a pessoa do singular. Apenas a informante I09F-ERJ alternou na progressão textual com um “nós” (implícito) no trecho: “**“a gente”** colocou água pá fervê e jogamo neles”; há aí a concordância com o “nós” (implícito) antecedendo o “jogamo”. Essa situação denota a ausência do paralelismo formal na frase enunciada, haja vista que a alternância dos termos quebra a sequência formal esperada.

Ainda no que tange ao termo “a gente”, todas as ocorrências se apresentaram sintaticamente na posição de sujeito da oração pré-estabelecida, não houve registros na posição de complemento, como ocorreu na escrita, entretanto, houve uma contração do *de+* “a gente” no seguinte trecho “*a ponto da gente dormi e colocá..eh..eh.. sacola na cabeça*”, mesmo sendo ocultado, subentende-se que haveria um verbo “chegando” para assim condizer “chegando ao ponto **da gente** [...]”. A oração pode ser hipotetizada como um complemento nominal do “ao ponto” que completa o sentido desse verbo implícito, entretanto, no sintagma que essa oração representa, o “a gente” (de a gente) continua sendo o sujeito do verbo *dormi e colocá*.

Quanto ao uso do “nós”, todos os informantes do sexo masculino executaram esse termo, ou seja, nenhum dos alunos informantes do sexo masculino manifestou o uso do “a gente” na oralidade. Entre as meninas, apenas uma executou a forma relacionada ao “nós”. As demais utilizaram o termo “a gente” na construção dos enunciados orais.

Cabe salientar ainda que, na oralidade, não houve a forma “nós” exposta da maneira como está na Gramática Tradicional. Encontramos o termo *nóis* em todas as ocorrências descritas. É relevante essa observação, pois ela mostrou que há a tendência para a ditongação nesse contexto em estudo, isto é, mesmo utilizando o “nós”, todos os informantes que utilizaram esse termo, utilizaram-no como *nóis*.

No que tange à concordância, nenhum dos informantes do sexo masculino utilizou a correspondência verbal em 1.^a pessoa do plural, isto é, embora tenham utilizado o termo *nóis* em detrimento do “a gente”, todos os informantes do sexo masculino concordaram o *nóis* de acordo com a 3.^a pessoa do singular.

Essa análise prova que, embora se utilize o pronome de 1.^a pessoa, a concordância na oralidade perpassa uma simplificação, ou seja, é mais fácil e prático utilizar os verbos na 3.^a pessoa do singular, como mostra a evolução proposta por Castilho (2010) já referenciada neste trabalho.

Apenas a informante que utilizou o *nóis* inseriu a concordância em 1.^a pessoa do plural. Contudo, com incorreções, sendo assim, ao utilizar o “*Nóis pegamo*”, a aluna denota a presença de um apócope. Roberto (2016) salienta que esse processo fonológico ocorre porque “evidencia uma tendência comum na fala atual, em que o rótico final dos verbos no infinito não aparece na fala, gerando, inclusive, dificuldade na escrita de crianças.” (ROBERTO, 2016, p. 120), mesmo o *Nóis* elucidando uma fala mais próxima do formal, por assemelhar ao “nós”, a concordância seguida do apócope desconstrói essa possibilidade.

4.2.3 Análise do fatores sociais propostos

Nesta seção, foi realizada a descrição de alguns resultados relevantes acerca do perfil sociocultural do aluno, com base nas respostas que foram obtidas em dois questionários: um questionário sobre o perfil do aluno e outro sobre o perfil do responsável; os quais foram aplicados para que pudéssemos entender as variáveis não estruturais. Esses dados serão cruzados com os dados da pesquisa diagnóstica, a fim de identificar aspectos que podem influenciar as ocorrências analisadas.

Inicialmente, foi proposto analisar o sexo, a escolaridade e a classe social dos alunos, contudo, a escolaridade deles é a mesma, o que não desobriga salientar que, embora estivessem numa mesma sala de aula, as dificuldades individuais de aprendizagem não os nivelavam. Hipotetizamos também que muitos desses alunos possuem o ambiente familiar como influência para o desenvolvimento da aprendizagem, sendo assim, a assistência aos estudos, a escolaridade dos pais e o acompanhamento pedagógico como um todo, por parte da família, podem colaborar positivamente para o sucesso do ensino/aprendizagem.

Através do questionário sobre o perfil do aluno, vimos que participaram da aplicação 13 meninas e 10 meninos, com idade entre 13 e 16 anos. Divididos da seguinte maneira:

Tabela 18 - perfil do aluno Sexo/Idade

Idade	Meninos	Meninas
13 anos	2	7
14 anos	7	5
15 anos	1	0
16 anos	0	1

Fonte: dados coletados pela pesquisadora, 2018.

Quanto à classe social, questionamos em que lugar eles moram, e obtivemos as seguintes respostas: 54% moram em bairros urbanizados e 46% moram em bairros periféricos com precária urbanização. Do total de alunos, apenas 06 (seis) deles não nasceram em Januária; a maioria deles mora com mais 03 (pessoas), denotando ainda que a constituição da família não está centrada na formação pais e filhos, alguns moram com outros parentes, conforme mostra a tabela que segue:

Tabela19 - Formação da família dos alunos

QUESTÃO 03 : COM QUEM MORA									
	PAI	MÃE	AVÓ	AVÓ	IRMÃO	PADRASTO	TIO	OUTRO TIPO	NÃO HÁ DADOS
I01M-AMA									X
I02F-ACAM		X							
I03F-ARLS	X	X			X				
I04M-ATCA	X	X							
I05F-BS	X				X				
I06F-BAS		X	X	X	X				
I07F-EDO	X	X							
I08F-EFS	X	X			X				
I09F-ERJ	X	X			X			X	
I10M-GPS									X
I11M-HSCA	X	X			X				
I12M-INFS		X			X	X		X	
I13F-JGSP	X	X							
I14F-JNP		X			X			X	
I15M-JABS			X	X			X		
I16M-KGS		X			X	X			
I17M-KVRS		X			X				
I18F-KEAB			X		X		X	X	
I19F-KSA	X	X			X			X	
I20F-NAAS	X		X		X				
I21M-RBSB		X			X				
I22M-RCMR	X	X						X	
I23M-TFC	X	X			X				
I24M-TLS	X	X			X				
I25F-VCP	X	X			X				

Fonte: dados coletados pela pesquisadora, 2018.

Quatro dos alunos responderam que trabalham ajudando os pais em suas profissões ou mesmo para conseguir o próprio dinheiro, afirmaram trabalhar em lanchonetes, casa de família como doméstica ou babá, como vendedores no comércio local. Ainda que a maioria dos alunos tenha tempo livre para se dedicar aos estudos, afirmaram que não dispõe de ao menos uma hora de estudo por dia, em contrapartida, gastam mais de 03 (três) horas assistindo à televisão, acessando à internet ou brincando com jogos.

Tabela20 - Atividades que osalunosrealizam

QUESTÃO 07: Você geralmente					
	TV	INTERNET	JOGOS	NENHUM	NÃO HÁ DADOS
I01M-AMA					X
I02F-ACAM	X	X	X		
I03F-ARLS	X	X			
I04M-ATCA	X	X	X		
I05F-BS	X	X	X		
I06F-BAS	X	X			
I07F-EDO	X	X			
I08F-EFS	X	X			
I09F-ERJ	X	X	X		
I10M-GPS					X
I11M-HSCA	X	X	X		
I12M-INFS	X	X	X		
I13F-JGSP	X	X			
I14F-JNP	X	X			
I15M-JABS		X			
I16M-KGS		X	X		
I17M-KVRS	X	X			
I18F-KEAB	X	X			
I19F-KSA	X	X			
I20F-NAAS	X	X	X		
I21M-RBSB	X	X			
I22M-RCMR	X	X	X		
I23M-TFC	X	X	X		
I24M-TLS	X	X	X		
I25F-VCP		X			

Fonte: dados coletados pela pesquisadora, 2018.

Quanto ao acesso à leitura, apenas 01 (um) aluno lê jornal e revistas com frequência; a maioria lê, de vez em quando, histórias em quadrinhos, eles disseram também que sempre leem livros em geral, mas quase nunca da literatura infanto-juvenil; vez ou outra leem a bíblia.

Entretanto, 13 (treze) deles afirmaram que sempre assistem a novelas e séries, isso significa que preferem as tecnologias ao próprio material disponível impresso, inclusive

aqueles disponibilizados na biblioteca, pois apenas 8 (oito) alunos disseram ir sempre à biblioteca, seja a da escola, seja de outros lugares; e a maioria deles, quando vai à biblioteca da escola, vaiem busca de livro didático ou com o intuito de pedir material emprestado.

Tabela 21 - Objetivo da ida à biblioteca

QUESTÃO 19: Vai a biblioteca para:							
	PEDIR MATERIAL	LIVRO DIDÁTICO E LIVRO PARA LEITURA	APENAS DIDÁTICO	APENAS LIVROS PARA LEITURA	FILME	NENHUM	NÃO HÁ DADOS
I01M-AMA							X
I02F-ACAM	X	X					
I03F-ARLS				X			
I04M-ATCA	X						
I05F-BS				X			
I06F-BAS			X				
I07F-EDO		X					
I08F-EFS	X	X					
I09F-ERJ	X		X				
I10M-GPS							X
I11M-HSCA	X		X	X			
I12M-INFS	X						
I13F-JGSP			X				
I14F-JNP			X				
I15M-JABS				X			
I16M-KGS						X	
I17M-KVRS		X					
I18F-KEAB	X		X				
I19F-KSA	X		X				
I20F-NAAS	X	X					
I21M-RBSB						X	
I22M-RCMR		X					
I23M-TFC			X				
I24M-TLS						X	
I25F-VCP	X	X					

Fonte: dados coletados pela pesquisadora, 2018.

A maioria dos alunos respondeu que não tem ajuda com os estudos em casa, isso é um reflexo do que foi descrito aqui, principalmente, quanto ao horário dedicado aos estudos fora da escola, sendo que leem, na maioria das vezes, por iniciativa própria. 18 (dezoito) deles ainda afirmaram que sempre leem algo na internet, seja pelo celular, seja por outros

meios; disseram também que todos dispõem de aparelho celular com acesso à internet, próprio ou de algum familiar. No geral, utilizam a internet para acesso às redes sociais, jogos e pesquisas escolares, e o que mais fazem no uso das redes é compartilhar memes.

Tabela 22– Os gêneros que os alunos mais compartilham na internet

QUESTÃO 23: Gêneros que compartilha:						
	Notícia	Memes	Anúncios	Textos religiosos	Nenhum desses	NÃO HÁ DADOS
I01M-AMA						X
I02F-ACAM	X	X				
I03F-ARLS		X				
I04M-ATCA	X					
I05F-BS		X				
I06F-BAS		X		X		
I07F-EDO		X				
I08F-EFS		X		X		
I09F-ERJ		X				
I10M-GPS						X
I11M-HSCA	X	X				
I12M-INFS		X	X			
I13F-JGSP					X	
I14F-JNP		X		X		
I15M-JABS		X	X			
I16M-KGS		X				
I17M-KVRS		X				
I18F-KEAB		X				
I19F-KSA		X				
I20F-NAAS		X				
I21M-RBSB		X	X	X		
I22M-RCMR		X				
I23M-TFC		X		X		
I24M-TLS		X				
I25F-VCP		X		X		

Fonte: dados coletados pela pesquisadora, 2018.

Embora os alunos tenham acesso às novas tecnologias, o que requer algum gasto financeiro, o perfil do responsável mostra que eles são provenientes de família de baixa renda, mas que conseguem se manter; a maioria respondeu que a família possui renda de até um salário mínimo (R\$ 954,00, em 2018), tem casa com dois ou três quartos e possuem banheiro

dentro de casa. Cabe salientar que muitos deles moram em um bairro com casas disponibilizadas pelo governo federal através do programa “Minha casa minha vida”, e que possuem dois quartos. Através desse programa, eles tinham também acesso à compra de eletrodomésticos, o que contribuiu no resultado da questão em que perguntava sobre o que tinham em casa, na qual obtivemos como resposta que todos têm em casa pelo menos uma geladeira, um fogão, um tanquinho, uma televisão e uma bicicleta.

Quanto ao grau de escolaridade, a maioria dos pais ou responsáveis pelos alunos dessa turma possui o Ensino Médio, incentiva os alunos a estudar e vai à escola com frequência. Entretanto, poucos conversam com os filhos sobre o que acontece na escola; a maioria sabe ler e escrever e acha a leitura importante.

Percebemos, por meio desses dados, que os alunos tendem às novas tecnologias, mas também precisam se dedicar mais aos estudos, o que nos deu pistas do que poderíamos propor para a nossa intervenção.

Sendo assim, a nossa proposta de ensino foi pautada na aplicação de um caderno didático que versou sobre os pronomes, a variação linguística e também sobre a concordância de uma maneira mais dinâmica, haja vista que, após verificar o perfil dos alunos e dos responsáveis, concluímos que gêneros como os memes e aulas mais animadas prendem a atenção desses alunos. A nossa proposta interventiva e os resultados dela serão detalhados a seguir

5 PROPOSTA DE ENSINO

Neste capítulo, faremos a descrição da proposta de ensino baseada nos resultados obtidos no diagnóstico, já que foi possível constatar que os alunos utilizam as formas variantes “nós” e “a gente”, termos que nortearam este estudo.

5.1 Apresentação

A proposta de ensino foi constituída por estratégias, as quais se basearam em atividades elaboradas por nós, e que culminaram em um caderno didático que abordou aspectos da língua oral e escrita. Os recursos estratégicos utilizados foram diferentes gêneros textuais, para que os alunos pudessem identificar as variações linguísticas, as diferentes concordâncias dos pronomes e o sentido dos enunciados através da utilização de um ou outro pronome, dando ênfase aos que foram propostos para esta pesquisa.

A proposta foi desenvolvida entre os meses de agosto a setembro, entretanto sua aplicação iniciou-se em Outubro e finalizou-se em dezembro. A demora na conclusão englobou vários fatores, dentre eles, os estudos para as avaliações externas e para outras seleções para cursar o ensino médio, haja vista que se tratava de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental.

No ano de 2019, a turma era composta por 15 (quinze) alunos, desses, 13 (treze) fizeram parte da turma em que foi aplicado o diagnóstico no ano de 2018. Todos os alunos adquiriram o caderno, que foi custeado com recurso nosso e deles também. Nem todos concluíram as atividades, ainda que participassem das aulas de intervenção. Ao término da ação interventiva, apenas 10 alunos entregaram os cadernos para a análise.

5.2 Caderno didático

O caderno didático proposto é denominado “O português que a gente gosta”, cujo subtítulo é “O eu e o outro para nós ou para a gente: um estudo da variação pronominal”, é composto por 03 (três) módulos, os quais foram divididos da seguinte maneira:

Módulo 01: “O eu e o outro em função de nós e da gente”. Nesse módulo inicial, trabalhamos 06 (seis) atividades, as quais trouxeram gêneros do domínio¹⁵ interpessoal, tais como biografia, autobiografia, página de diário, poesia e outros, como tirinhas, músicas e memes que objetivaram o conhecimento sobre as pessoas do discurso, sobre sua predominância em diferentes textos, bem como acerca do sentido que se estabelece em cada relação de uso desses pronomes.

Esse módulo foi bem aceito pelos alunos, haja vista que algumas atividades propunham a troca de informações entre eles, para que constituíssem textos sobre o outro a partir dos conhecimentos que haviam adquirido para si. Os textos selecionados possuem diferentes abordagens culturais, inclusive, as músicas foram escolhidas com propósitos distintos, uma vez que algumas eles conheciam, outras não, ampliando também o repertório cultural desses alunos através das atividades a eles apresentadas.

Módulo 02: “Nós, Nós e A gente: Uma abordagem variacionista”. Nesse módulo, foram apresentadas as diferentes variantes do “Nós”, conforme a proposta metodológica deste trabalho, através de gêneros que embasaram a explanação do conceito de variação linguística, bem como da ampliação dos conceitos de adequação e inadequação, conforme a língua em uso.

Esse módulo consta de 06 (seis) atividades que versam sobre o nível formal e informal da língua portuguesa, as variações linguísticas e os fatores que contribuem para a compreensão das variações. Os alunos aceitaram-no muito bem, pois puderam compreender as variações e entender que a língua é um sistema dinâmico com fins de comunicação e, em hipótese alguma, de discriminação, preconceito, segregação, entre outros.

Módulo 03: “Eu vou, Tu vens e Nós bora: A concordância verbal com o pronome sujeito”. Esse módulo é composto por 07 (sete) atividades que apresentam não só o emprego do “nós” e do “a gente”, mas também o que diz a gramática sobre a concordância verbal com os pronomes pessoais, incluindo também o “a gente” e o “você”. Cada pessoa do discurso foi abordada em um bloco de atividades, as quais trouxeram novamente o formal, o informal e os

¹⁵Os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração para geração com propósitos e efeitos definidos e claros. Além disso, acarretam formas de ação, reflexão e avaliação social que determinam formatos textuais que última instância desembocam na estabilização de gêneros textuais. [...]. (MAARCUSCHI, 2008, p. 194).

diferentes tipos de concordância. Nas estratégias XVIII e XIX, elucida-se o diagnóstico final através da produção de textos, informal e formal.

Os alunos receberam bem as atividades propostas, pois nelas utilizamos textos atuais, polêmicos, e, principalmente, humorísticos. Nesse módulo, inserimos um texto de um aluno da turma para direcionar os estudos, o que chamou a atenção dos demais e aguçou a curiosidade para a leitura. A criatividade fluiu com a produção de memes, em que foi possível compreender que, além do entendimento do conteúdo, os alunos acionaram outros recursos estilísticos, tais como a ironia, o sarcasmo, a intertextualidade, entre outros, no momento da produção.

A seguir, será exposta a análise da aplicação das atividades, corroborando os objetivos que foram propostos para esta pesquisa. Cabe ainda salientar que algumas atividades foram feitas sob nossa supervisão; outras foram feitas em casa, pois a resolução delas necessitava de informações que os pais ou outros familiares e amigos forneceriam; outras atividades foram realizadas em dupla dentro da própria escola, mas sem muita intervenção, haja vista que se tratava de informações pessoais que os alunos trocariam entre si.

5.3 Análise e Resultado das estratégias metodológicas

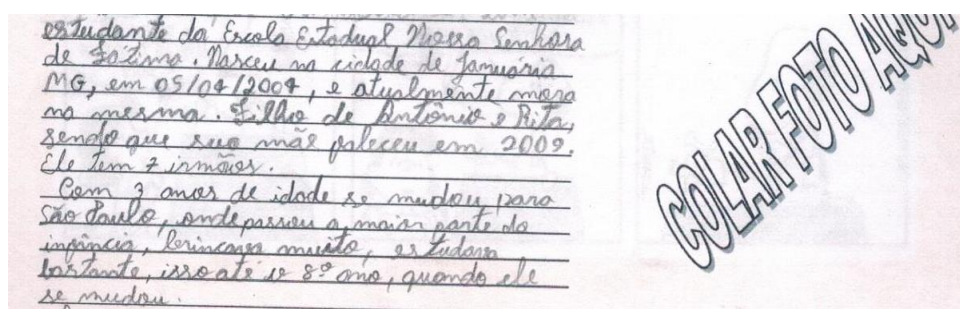
Para proceder à análise, detalharemos as estratégias que nortearam as atividades e apresentaremos o objetivo pretendido em cada uma, bem como a habilidade específica requerida para cada item apresentado, caso haja.

No caderno didático, cada estratégia corresponde a uma atividade com número variável de questões. Cabe salientar que não serão expostas todas as questões, visto que nem todas estão diretamente relacionadas ao objeto de pesquisa. No entanto, serão descritas estratégias que fazem parte dos 03 (três) módulos, sendo que as de número I a VI pertencem ao módulo I; as estratégias de VII ao XII dizem respeito ao módulo II; e, por fim, as estratégias de XIII a XIX compõem o módulo III. As atividades de percepção final estão presentes nesse último módulo, nas estratégias XVIII e XIX. A apresentação delas é linear, e cada módulo seguiu um objetivo maior, conforme o detalhamento supracitado. A seguir, faremos a apresentação das 19 (dezenove) estratégias.

5.3.1 Estratégia I: A descoberta do “OUTRO”:

Nesta atividade, a proposta era compreender e formular o conceito de “biografia” através da formação etimológica da palavra e, a partir das especificações de um texto biográfico, estabelecer as relações semânticas para a estruturação de um texto com essa configuração, que culminaram na produção de um texto biográfico de um colega da sala de aula. Após a construção do conceito, realizada por meio da exploração dos radicais que formam a palavra e do reconhecimento de outras palavras que pudessem ser construídas com o radical “bio”, passou-se à exemplificação.

Estrategicamente, para fomentar a curiosidade e incentivar o aluno a escrever, utilizamos um trecho da biografia do DJ Alok, que é reconhecido mundialmente, e cuja maioria das músicas é do conhecimento dos alunos. Os alunos leram o texto e basearam-se nos detalhes que ele continha para produzir seus próprios textos, inserindo, pois, informações sobre o nascimento, a família, a infância, a escolaridade, carreira profissional, entre outros aspectos, inclusive a adequação à pessoa do discurso.



Versão digitada de um trecho da produção textual biográfica do aluno **I17M-KVRS**

*“[...] estudante da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima. Nasceu na cidade de Januária MG, em 05/07/2007, e atualmente mora na mesma. Filho de Antônio e Rita, sendo que sua mãe faleceu em 2009. **Ele** tem 7 irmãos.*

*Com 3 anos de idade se mudou para São Paulo, onde passou a maior parte da infância, brincava muito, estudava bastante, isso até o 8º ano, quando **ele** se mudou [...]”*

No que tange à pessoa do discurso, o gênero proposto exige a 3ª pessoa, e todos os alunos que produziram esse texto apresentaram a pessoa mencionada. Solicitamos ainda, no decorrer das questões, a identificação do sujeito, bem como da palavra que poderia substituí-

lo. A maioria dos alunos conseguiu identificar o pronome “ele” como possível substituto, e justificaram o motivo dessa escolha.

QUESTÃO 09: Observe o trecho e responda: “Nos anos de 2014 e 2015 foi considerado, pela revista de música eletrônica “House Mag Brasil” o “Melhor DJ do Brasil.”

A) Quem é o sujeito da locução *foi considerado*? Alok Ackar

B) Por que palavra esse sujeito pode ser substituído? O DJ, Ele

C) Explique o porquê da sua escolha? São palavras que fazem sentido.

Versão digitada da resposta à questão 09 da atividade 01 módulo 01, da aluna **I02F-ACAM**:

- a): *Alok Ackar*
- b): *O DJ, Ele.*
- c): *São palavras que fazem sentido.*

O texto produzido em dupla foi feito em sala, cuja responsabilidade da adequação ao gênero foi elucidada, mediante o cuidado por estar escrevendo sobre outra pessoa que, nesse caso, foi o seu colega de turma. Ao término dessa atividade, percebemos que os objetivos foram concluídos, uma vez que a turma demonstrou interesse em participar e, mesmo com algumas dificuldades de expressão oral, realizaram as atividades propostas, o que nos permite inferir que essa primeira estratégia corrobora a ideia apregoada por Possenti de que “não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas”. (POSSENTI, 1996, p. 47).

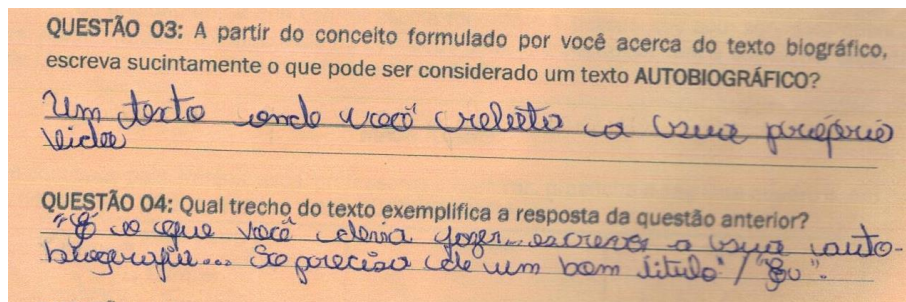
5.3.2 Estratégia II: A descoberta do “EU”

A partir da primeira estratégia, desenvolvemos a segunda, visto que, naquela, a proposta foi entender o outro, o conceito do outro e escrever sobre “outro”; já nesta, a ideia foi similar, no entanto, um pouco mais complexa, pois partimos da ideia da descoberta do “Eu”. O gênero selecionado para guiar o aprendizado foi a autobiografia.

Após a formulação do conceito e da compreensão do texto inicial, os alunos leram, para fins de exemplificação, a autobiografia da professora. Essa estratégia foi muito bem aceita, pois gerou, além da curiosidade, o interesse pela leitura. Percebemos que esse interesse partiu da proposta de ler o texto de alguém que eles conheciam, ou seja, o da professora. Essa estratégia elucidada o que Marcuschi (2008) menciona sobre a importância do ensino através do texto, mas não apenas como pretexto para mediar outro conteúdo, pois, além de ser uma entidade de comunicação e um artefato sociohistórico, o texto “é uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo”. (MARCUSCHI, 2008, p. 72).

Dessa maneira, o texto autobiográfico da professora narrando sua história de vida desde o seu nascimento, e de uma forma descontraída, prendeu o aluno em cada detalhe, pois, à medida que lia, compreendia àquela pessoa que estava com eles durante vários dias na semana, várias semanas e meses no ano.

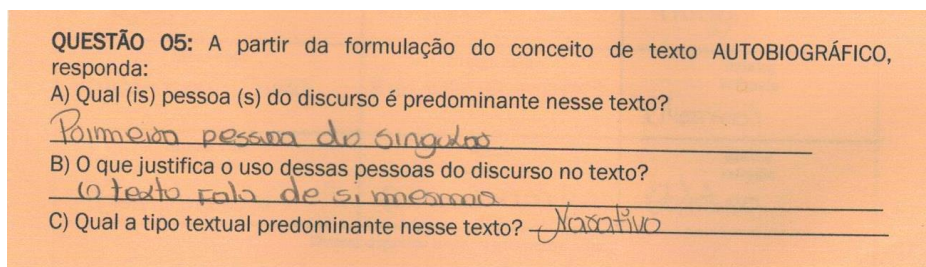
A proposta de construção do conceito e da compreensão do sentido textual foi concretizada pelos alunos, como exposto no exemplo abaixo:



Versão digitada da resposta às questões 03 e 04 da Atividade 02 do módulo 01, da aluna **I19F-KSA**:

- Q1: L1: "um texto onde você relata a sua própria"
L2: "vida"
- Q2: L1: "É o que você devia fazer... escrever a sua própria auto-
biografia... só precisa de um bom título / 'Eu'".

A partir da formulação do conceito e da explanação sobre o sentido, partimos para a compreensão das pessoas do discurso envolvidas no texto autobiográfico que, mediante o direcionamento da oficina, propiciou também um conhecimento construído a partir da estratégia elaborada.



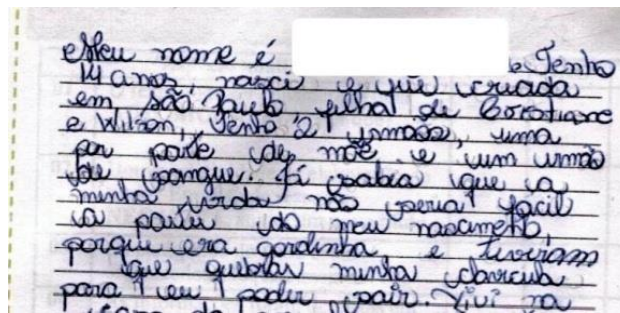
Versão digitada da resposta à questão 05 da Atividade 02 do módulo 01, da aluna **I18F-KEAB**:

- a) "Primeira pessoa do singular"

- b) “O texto fala de si mesmo”
 c) “Narrativo”

Como é possível verificar, além de relacionar a pessoa do discurso ao número, a aluna também fez a justificativa correta desse uso no texto, compreendendo ainda que um texto autobiográfico, tipologicamente, apresenta-se com cunho narrativo.

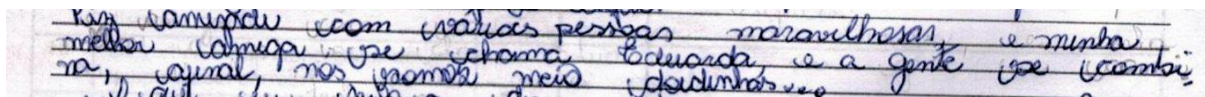
A partir da identificação do conceito, das leituras e da reflexão sobre o texto, os alunos partiram para a escrita autobiográfica. A produção final dos alunos envolveu aspectos pessoais que, muitas vezes, dificultam o trabalho em sala de aula, haja vista que falar de si não é algo simples, contudo, através da fomentação da escrita e do exemplo que partiu da professora, a maioria dos alunos produziu o texto solicitado, de acordo com a estrutura do gênero e sua funcionalidade, conforme se observa no trecho a seguir.



Versão digitada do trecho da autobiografia da aluna **I20F-NAAS**:

- L1: “Meu nome é __. Tenho
 L2: 14 anos, nasci e fui criada
 L3: Em São Paulo, filha de Cristiane
 L4: e Wilson, tenho 2 irmãos, uma
 L5: por parte de mãe e um irmão
 L6: de sangue. Já sabia que a
 L7: minha vida não seria fácil
 L8: a partir do meu nascimento,
 L9: porque era gordinha e tiveram
 L10: que quebrar a minha clavícula
 L11: para eu poder sair. [...]”

Mediante a proposta de estudo deste trabalho, a produção dessa aluna nos mostra que existe a alternância do uso da variante de primeira pessoa do plural, conforme hipotetizado anteriormente, uma vez que ela alterna o uso do “nós” e do “a gente” em um mesmo texto, para denotar a referência a primeira pessoa do plural. Consoante o trecho que segue:



Versão digitada do trecho da autobiografia da aluna **I20F-NAAS**, com grifo nosso:

L1: *Fiz amizade com várias pessoas maravilhosas, e minha*

L2: *melhor amiga se chama Eduarda e a gente se combi-*

L3: *na, afinal, **nós** somos meio doidinhas...*

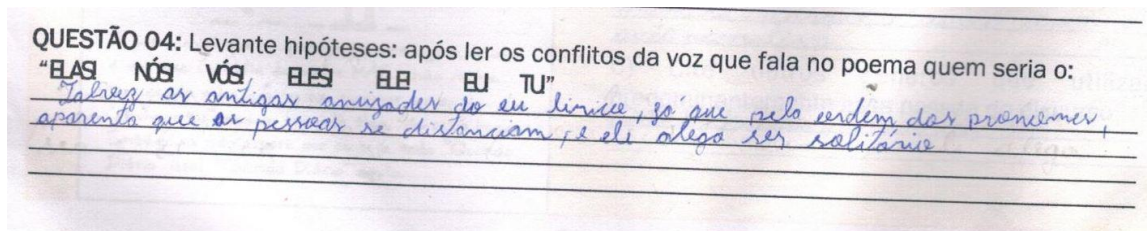
O trecho retirado do texto da aluna evidencia que, naturalmente, há a alternância entre as pessoas do discurso na escrita, e que a concordância é feita de acordo com o que propõe a tabela pronominal, já que o “nós” concorda em 1ª pessoa do plural e o “a gente” em 3ª pessoa do singular, e essa mobilidade que o termo “a gente” possui dentro do texto apresenta-se como variante do “nós”, entretanto, pode ocorrer também como variante do “eu”. Sobre essa adequação pronominal, Castilho (2010) afirma que essa antiga expressão indeterminada entrou no quadro dos pronomes e assume não só a primeira pessoa do plural, como se observou no exemplo da discente, mas também atua como primeira pessoa do singular.

Para ampliar o conhecimento acerca dos pronomes, construímos a próxima estratégia, que será descrita nas linhas que seguem.

5.3.3 Estratégia III: Quem sou “EU” quem somos “NÓS”

Para construir esta estratégia, foi necessária a utilização de um texto que não se tornasse uma âncora para a explanação gramatical, mas que contemplasse, além do conteúdo, os sentidos estabelecidos pelos pronomes na construção textual. Escolhemos, portanto, uma poesia denominada “Sinfonia dos Pronomes”, da autora Dalva Saldo, para que os objetivos das atividades fossem concretizados, dentre eles: o reconhecimento das pessoas do discurso, os diferentes sentidos que são estabelecidos quando há a utilização de um pronome em detrimento de outro, bem como a assimilação da utilização das pessoas do discurso em um gênero textual específico.

A condução da atividade denotou diferentes possibilidades de interpretação, nas quais os alunos devanearam sobre as pessoas do discurso e seus sentidos, criando novas formas de repensar os efeitos que a poesia trazia para a leitura e, conseqüentemente, fugindo do óbvio quanto à compreensão textual.



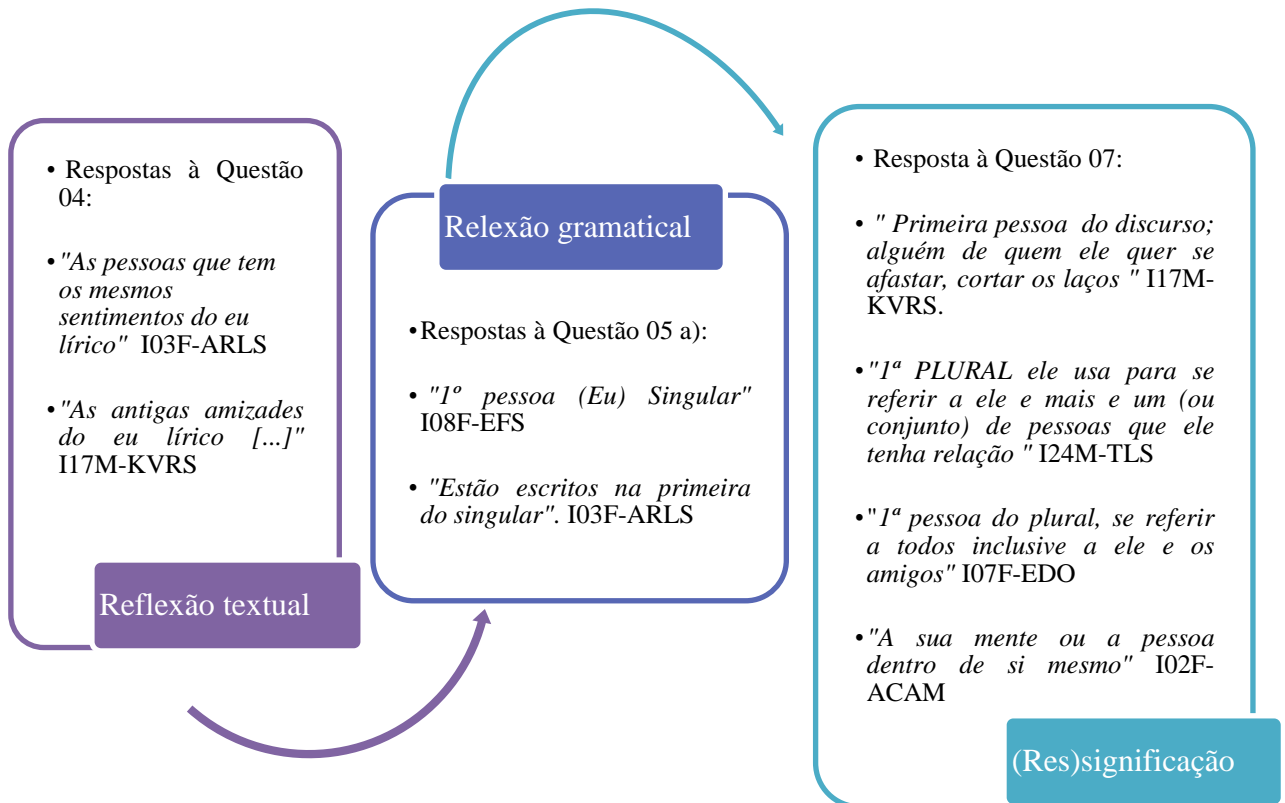
Versão digitada da resposta à questão 04 da Atividade 03 do módulo 01, do aluno **I17M-KVRS**

L1: Talvez as antigas amigas do eu lírico, já que pela ordem dos pronomes,

L2: aparenta que as pessoas se distanciam, e ele alega ser solitário

Apresentamos no caderno didático uma tabela com as pessoas do discurso, a função que cada uma desempenhava em um texto e qual pronome e número as representava gramaticalmente. Após essa apresentação, as questões voltaram-se para o texto, de modo que os alunos identificassem a pessoa que narrava a poesia, bem como sua função no texto. A maioria realizou com sucesso a atividade.

Algumas respostas à questão 07 foram além das expectativas, uma vez que, de acordo com a tabela disponibilizada, a resposta esperada por nós não foi unânime na apresentação da escrita, entretanto a reflexão textual elucidou outras possibilidades que fogem ao uso da norma gramatical, isto é, o uso dos pronomes pode ainda variar no que diz respeito ao sentido, trazendo uma relação tripartida, porém associada, seguindo o fluxo de (res)significação).



Questão 04: Levante hipóteses: após ler os conflitos da voz que fala no poema quem seria o:

"ELAS! NÓS! VÓS! ELES! ELE! EU! TU!"

Questão 05: a) A partir dessa constatação, em que pessoa e número o texto é narrado? Justifique.

Questão 07: O autor traz a seguinte frase: "Por fim quero fugir de nós." Qual a pessoa do discurso que corresponde ao pronome utilizado e qual a função desse pronome no texto?

Levante hipóteses: quem seria essa pessoa na vida do eu lírico?

O que se pôde verificar através desse diagrama é que, embora o contato com o conteúdo gramatical tenha lhes apresentado a possibilidade de representação das três pessoas do discurso, os alunos utilizaram a norma para construir outras (res)significações que acharam convenientes. Nesses exemplos do diagrama, foi possível compreender que a primeira pessoa do discurso no enunciado "Por fim quero afastar de nós" possui as seguintes relações:

- i) ele + alguém (indeterminado)
- ii) ele + um conjunto de pessoas que têm relação (determinado)
- iii) a todos, inclusive ele (indeterminado)
- iv) ele e seu "eu" interior (determinado)

Essa perspectiva denota que a língua em uso, ainda que seja na escrita, pode distorcer a norma. Bechara (2009), já mencionado nesse trabalho, afirma que o "nós" representa a primeira pessoa do plural, não sendo, pois, o plural de "eu", isto é, "o plural de "nós" indica

eu mais outra ou outras pessoas. No entanto, percebe-se que no último item esse “eu” pode ser o eu interior, sendo assim “eu” + “eu” = “Nós”.

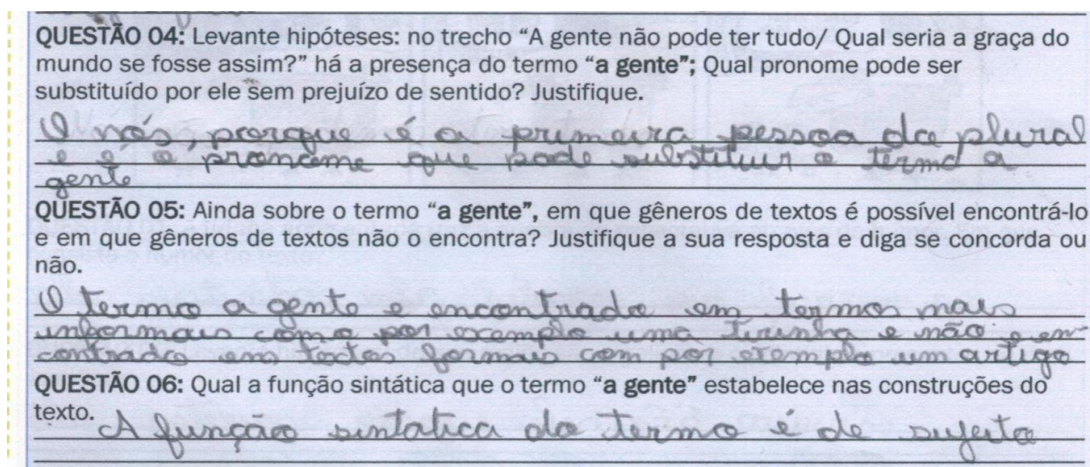
Essa relação do uso é bem explicitada por Faraco quando esse elucida que “a norma gramatical é também vista como limitadora dos usos. [...] No entanto, a língua é uma realidade heterogênea e mutante. Os usos diferem e se alteram. [...]”. (FARACO, 2008, p. 86-87). Corroborando a ideia de Faraco, vê-se que a língua em uso na sala de aula é passível de rotineiras discussões, visto que os alunos compreendem e a res(significam) em distintas situações, cabe, pois, ao professor direcionar e explanar sobre as adequações e inadequações, de maneira que eles compreendam a dinamicidade da língua nos diferentes contextos de uso.

5.3.4 Estratégia IV: Quem é “A GENTE”

A partir dessa estratégia, o termo “a gente” passa a ser mais explorado nas atividades, as quais dão ênfase em seu uso, às suas representações gramaticais e concordância. A princípio, foi explorado um texto musical denominado “Trem-bala”, da compositora e intérprete Ana Villela, cuja música já era do conhecimento de todos os alunos. Após ser cantada, foi feita a discussão oral da letra, da qual todos os alunos participaram fazendo inferências.

A partir da interface musical, explanamos sobre o que é um trem-bala, sobre as possíveis interpretações provenientes da associação da vida a esse meio de transporte, os efeitos de sentido da oposição de ideias do texto e da repetição dessa oposição.

As questões 04, 05 e 06 da atividade proposta instigaram especificamente sobre a representação do “a gente”. Com unanimidade, os alunos relacionaram o “a gente” como a representação do pronome “nós” e que, nos enunciados do texto, ocupava a posição de sujeito; os alunos ainda evidenciaram em suas respostas que, embora haja a correspondência pronominal, o “a gente” é uma maneira informal de realizar essa representação.



Versão digitada da resposta às questões 04, 05 e 06 da Atividade 04 do módulo 01, da aluna **I07F-EDO**.

- Q.4 L1: *O nós, porque é a primeira pessoa do plural*
 L2: *E é o pronome que pode substituir o termo a*
 L3: *gente*
- Q.5 L1: *O termo a gente é encontrado em termos mais*
 L2: *informais como por exemplo uma tirinha e não é en-*
 L3: *contrado em textos formais com por exemplo um artigo.*
- Q. 6 L1: *A função sintática do termo é de sujeito.*

Nos seus estudos, em 1978, Omena verificou que tanto o “nós” quanto o “a gente” são mais passíveis de serem encontrados na posição de sujeito. Verificamos, no diagnóstico desta pesquisa, que, na escrita, a ocorrência dos dois termos é quase similar, entretanto, na fala, 72,8% das ocorrências representaram o termo “a gente”. A necessidade de estudar o “a gente” não foi direcionada apenas para ampliar os conceitos de erro e variação, mas também para evidenciar a língua que eles usam, por meio de estratégias que favoreçam a educação linguística.

Ainda nessa estratégia, propusemos a análise do “a gente” como adjunto adverbial, para tanto, utilizou-se uma tirinha da personagem Dona Anésia, que é conhecida nas redes sociais pelo mau humor, arrogância e raciocínio rápido. Na fase diagnóstica, verificamos também que os alunos utilizam tanto o “nós” quanto o “a gente” em complementos.

5.3.5 Estratégia V: “NÓIS semo e quem tá é NÓIS”

Esta foi uma das estratégias mais complexas, pois iniciamos o processo de desconstrução do preconceito sobre os termos da língua e de explanação sobre o que são adequação e inadequação linguísticas. Expomos, primeiramente, uma tirinha com a variação regional que representava um dialeto caipira. Os alunos identificaram esse dialeto a partir da hipótese sobre a região da qual os personagens da tirinha eram provenientes. Ainda nessa etapa inicial, eles identificaram a diferença entre a norma padrão e o coloquialismo; também tiveram contato com os modos verbais e os associaram ao texto.

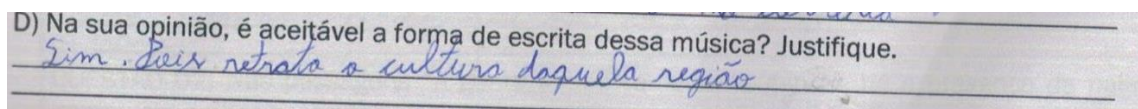
A apresentação do segundo texto causou mais impacto entre os alunos, uma vez que se tratava da letra da música “Passei de Nave”, do Mc Doni, que está presente na primeira temporada de uma série brasileira na plataforma Netflix, na série intitulada “Sintonia”. Como foi exposto na caracterização social dos nossos alunos, a maioria deles é proveniente de bairros periféricos da cidade e, ainda que a escola esteja localizada em uma região privilegiada, poucos moram próximos a ela. A maioria deles tem acesso à TV e, principalmente, à internet no celular; poucos têm acesso a jornais e revistas para obter informações e notícias. Embora não conste no questionário, a maioria ouve funk, entre outros ritmos mais ouvidos pelos adolescentes. A escolha desse texto foi baseada na observação das atitudes dos alunos, pois foi perceptível na sala de aula a empolgação dos alunos por conta da série televisiva, e, como a música era de conhecimento deles e o objeto da pesquisa poderia ser explorado nela, passamos a construção dos efeitos de sentido através da letra proposta.

A estratégia foi satisfatória, uma vez que todos os alunos cantaram a música, discutiram a letra e a maioria respondeu às questões propostas, que tratavam de diferentes aspectos, desde termos específicos de uma determinada região ou grupo social até o conhecimento sobre a adequação ou inadequação da forma de se apresentar a letra da música.

As questões versavam sobre as palavras e expressões que surgiam na favela, tais quais “Nave”, “corre”, “tirando um lazer”, “pesadão nos kit”, entre outras; Solicitamos aos alunos que explicassem essas expressões e que determinassem o sentido figurativo e literal das palavras que apareciam no desenrolar da letra. Outro aspecto evidenciado foi o estrangeirismo, uma vez que há esse processo de formação de palavras na letra da música, assimilado às expressões bem próprias também da região, como, por exemplo, “Dj solta o beat”, “favela city” e “pode avisar os boy”.

No que tange ao objeto deste estudo, todos os alunos responderam corretamente sobre a função sintática do termo “nóis” nas sentenças do texto, registraram a aceitabilidade do

termo naquela situação comunicativa e justificaram, de diferentes maneiras, o porquê de não haver erro na utilização dessa forma de escrita na música apresentada, conforme a resposta abaixo:



Versão digitada da resposta à letra D da questão 11 da Atividade 05 do módulo 01, do aluno **I17M-KVRS**

LI: Sim. Pois retrata a cultura daquela região.

Após a reflexão feita sobre essa estratégia, vê-se quão grande é a importância da explanação sobre a dinamicidade da língua em virtude dos diferentes grupos sociais e das peculiaridades de cada região, visto que, se o aluno não compreende as variantes da língua, ele a mutila em sua essência, que é o uso.

Nas palavras de Leite (2008), “ninguém realiza a língua falando ou escrevendo [...] exatamente de acordo com as regras tradicionais da língua, por isso elas só podem ser consideradas como parâmetro, jamais podem ser concebidas como a própria língua.” (LEITE, 2008, p. 94). Dessa maneira, o falar do caipira, da favela, do idoso, deve ser respeitado, independentemente da escolarização, da classe social, entre outros aspectos, pois a língua é variável, e, por isso, não é um objeto sistematicamente homogêneo e estático, já que, consoante a autora anteriormente mencionada, “é próprio da língua *mudar* de acordo com o movimento social, e não seria normal ficar cristalizada em uma das suas fases.” (LEITE, 2008, p. 94).

5.3.6 Estratégia VI: “A gente fomos”

Na estratégia anterior, foi exposta a variante do “nós”, representada pelo “nóis” em textos que exigiam pouca formalidade, quais sejam, tirinha e letra de música. Nessa estratégia, utilizamos novamente a letra de uma música para direcionar as questões para a reflexão do uso do “A gente”.

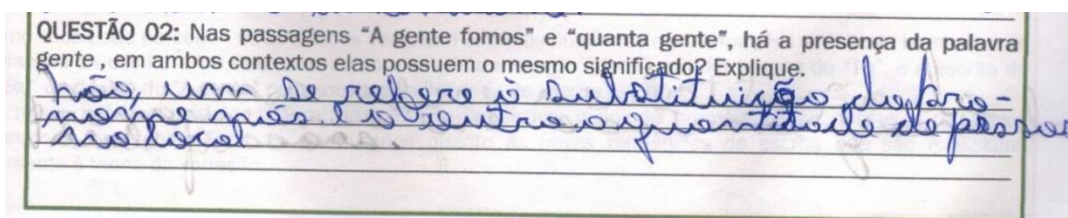
A letra escolhida foi a da canção “Chopis Centis”, da banda Mamonas Assassinas, que os alunos não conheciam, entretanto, a escolha foi mediante ao desconhecimento de uma

banda que foi um fenômeno no país em seu curto tempo de duração do grupo, cujos membros faleceram em um acidente aéreo, em 1996.

Os alunos ficaram curiosos após a descrição da banda que tinha como característica a mistura de ritmos musicais e letras descontraídas, e aprovaram tanto a letra quanto o ritmo da música proposta. Durante o estudo da letra, os discentes foram indagados sobre a manifestação da oralidade no texto, bem como sobre os seguintes aspectos que caracterizam o eu lírico: a região de onde era proveniente; a classe social; e também a profissão. Todas as respostas foram baseadas em hipóteses, uma vez que não havia tais informações explícitas no texto.

Os alunos identificaram que o eu lírico provavelmente seria da região nordestina, por conta da manifestação do sotaque e da escolha das palavras; também que havia a possibilidade de ele ser de classe baixa, por diferentes motivos, entre eles, o pouco estudo, o desconhecimento do que é um shopping, um hambúrguer e, até mesmo, do estranhamento quanto à cidade grande; no que diz respeito à profissão, sugeriram pintor, pedreiro, servente, entre outros que utilizam o andaime para trabalhar.

Quando indagados sobre o termo “a gente”, todos os alunos conseguiram diferenciá-lo do termo “gente”. Evidenciando que o “a gente” seria variante de nós e o termos “gente” relacionado à pessoa (ser humano “quanta gente”).



Versão digitada da resposta à questão 02 da Atividade 06 do módulo 01, do aluno **I24M-TLS**

LI: Não, um se refere à substituição do pronome nós e o outro a quantidade de pessoas no local

Isso denota a decategorização que o termo assumiu na língua portuguesa, deixando todas as características da sua versão antiga, passando a ser neutralizada em sua estrutura morfológica, sintática e semântica, assumindo, pois, uma nova roupagem (HOPPER, 1991, *apud* LOPES, 2001). Salientamos, ainda, que os alunos não têm conhecimento acerca dessa

nomenclatura, mas conhecem a língua em uso, e isso é, portanto, um exemplo de variação que já está intrínseco na língua portuguesa.

Por essa razão, as estratégias que seguem tratam especificamente da variação linguística no português brasileiro. Através dos textos, procuramos desenvolver nos alunos habilidades concernentes ao conhecimento e respeito linguístico, utilizando o objeto de estudo para desenvolver as reflexões.

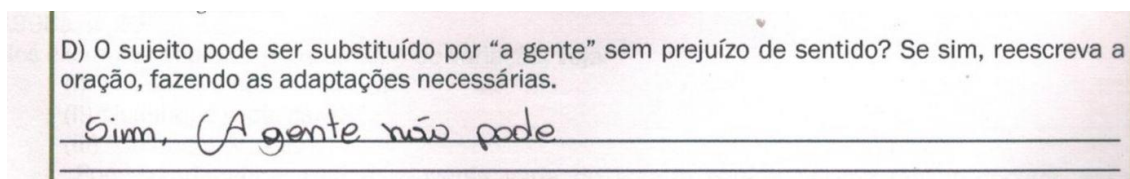
5.3.7 Estratégia VII: “NÓS ou A GENTE: O nível formal e informal da Língua Portuguesa”

Tendo em vista a constante variação dos termos da língua e da dificuldade que se tem em adequar o discurso às situações comunicativas que nos são apresentadas, bem como a necessidade de reação perante o preconceito linguístico. Essa primeira estratégia busca a exposição, consolidação e ampliação dos conceitos de nível formal e coloquial da língua portuguesa.

A estratégia inicia-se com o texto “A lenda de Rui Barbosa”, que possui um difícil arcabouço vocabular, sobre o qual os alunos indagaram por não compreenderem quase todas as palavras do diálogo erudito do personagem, tais como, “bucéfalo”, “anácrono”, “palmípedes”, “recôndito”, “sorrelfa”, entre outras. No entanto, os alunos compreenderam o texto à medida que o lemos na sala de aula, fazendo inferências acerca dos possíveis sentidos decorrentes das escolhas lexicais que conduziram ao desfecho.

Após a leitura e compreensão desse primeiro texto, seguimos com a explanação dos níveis formal e informal da língua. Alguns alunos externaram a dificuldade que ainda possuíam em distinguir os dois conceitos, entretanto, a aula dialogada, com exemplificação prática e com elementos do cotidiano, possibilitou a fixação e a ampliação das noções desses conceitos, inclusive no que tange à adequação e inadequação linguística.

Após a conceituação, foi apresentado aos alunos um meme do jornalista Chico Pinheiro que é mencionado pelos dois jargões que marcaram a sua carreira recentemente, um pronunciado na segunda-feira: “Coragem, hoje é segunda-feira”; e outro na sexta-feira: “Graças a Deus, hoje é sexta-feira”. Através da leitura do texto, exploramos a formalidade da língua e os turnos de voz que aparecem dentro do meme. Solicitamos ainda a identificação do sujeito, que está oculto. Através de uma atividade específica, foi traçado um comparativo entre o uso do “nós” e do “a gente”, solicitando a reescrita de acordo com a concordância ao pronome solicitado.



Versão digitada da resposta à letra E da questão 03 da atividade 01 do módulo 2 da aluna I18F-KEAB

LI: *Sim. A gente não pode.*

Nem todos os alunos conseguiram concretizar com sucesso essa atividade, principalmente por não identificarem o sujeito oculto “nós”, e também por não adequarem a concordância do “a gente” em 3ª pessoa do singular. Quanto ao sujeito, outra aula foi ministrada para retomada desse conteúdo; no que tange à concordância, as atividades do módulo 3 são especificamente direcionadas a esse propósito.

5.3.8 Estratégia VIII: “O SENHOR, VOCÊ e CÊ” - A variação estilística da Língua Portuguesa

Ainda que não seja objeto desta pesquisa, partimos estrategicamente da gradação pronominal “Senhor, Você e Cê” para explicar o primeiro tipo de variação linguística aos alunos, que é a variação estilística, também conhecida como variação de registro. Com a apresentação e leitura do texto, os alunos puderam compreender, através do uso dos pronomes de tratamento “senhor”, “você” e da variante informal “cê”, os diferentes usos da língua em detrimento da situação comunicativa apresentada.

Utilizamos um texto da Bortoni-Ricardo em que o diálogo inicia-se com uma conversa telefônica entre uma gerente de um banco e um possível cliente. De acordo com os pactos formais que essa relação estabelece, a gerente porta-se de tal maneira até descobrir que conhecia o cliente, que também era funcionário do banco, porém de outra agência, e, nesse momento, ela passa a tratá-lo com menos formalidade, uma vez que a proximidade entre os dois também transforma a maneira com que se portam, ainda que seja nessa relação empresa/cliente.

Os alunos não tiveram dificuldades em resolver as questões propostas, identificaram o nível da língua inicial do discurso da gerente e, em seguida, explicaram o porquê da variação desse discurso e, seguindo esse raciocínio, criaram hipóteses sobre as possíveis causas de o cliente apresentar-se também como funcionário do banco, como mostram alguns exemplos:

<i>“Para conseguir o financiamento mais facilmente, talvez”</i> (I17M-KVRS)
<i>“Para comprovar que tem renda”</i> (I20F-NAAS)
<i>“Porque a gerente saberia que é o amigo dela funcionário do banco”</i> (I07F-EDO)
<i>“Alguma estratégia vai ver ganha algum privilégio”</i> (I24M-TLS)

Foi exposta aos alunos a seguinte gradação do pronome:

- i) “O senhor é nosso cliente?”
- ii) “Julinho, é você, cara? ”
- iii) “Cêta em Brasília? ”

Pode-se identificar que a conversa varia de acordo com a pessoa do interlocutor, e essa variação manifesta-se nas diferentes situações comunicativas do nosso dia a dia, ou seja, ora exige-se maior formalidade, ora, em situações familiares e informais, usa-se a linguagem coloquial ou menos elaborada.

Castilho (2010) chama essa variação de individual, uma vez que parte das escolhas que o indivíduo faz no momento da enunciação, o que significa que ele tem o domínio dos níveis culto e coloquial, e os usa de acordo com suas necessidades comunicativas.

A importância de expor esse tipo de variação aos alunos vai além do conhecimento teórico, haja vista que o intuito aqui estipulado é de que eles compreendam e usem os níveis de linguagem de acordo com as situações que lhes forem impostas.

Ressaltamos que a utilização do caderno para essa finalidade é uma estratégia ousada, uma vez que nem sempre se discute esse tipo de variação nos livros didáticos e, de fato, é uma das mais importantes no ambiente escolar, visto que, conforme afirma Faraco (2008) “um dos meios que os falantes utilizam para gerar sentido é justamente a estilística e a retórica da variação” (FARACO, 2008, p. 178). É a partir do conhecimento estilístico que se farão as escolhas dos enunciados em uma conversa formal com o diretor, em um seminário em sala de aula, em um bate papo informal com o professor, entre outros aspectos.

5.3.9 Estratégia IX: “NÓIS é coutry” - A variação geográfica ou regional

Castilho (2010) advoga que a variação geográfica é a mais perceptível de todas, uma vez que, quando se tem contato com outras pessoas através da fala, já de início percebe-se de que região ela é. Nas palavras de Faraco (2008), essa é a variação mais discutida em livros didáticos na sala de aula, por ser mais fácil de ser compreendida por conta do seu aspecto espacial; em muitos casos, é apresentada através de gêneros de cunho anedótico, com o intuito de divertir através do humor, como por exemplo, as tirinhas e HQ do personagem Chico Bento que representa o falar caipira.

Faraco afirma ainda que, além de não se associar as relações históricas e sociais de uma determinada região, os trabalhos com gêneros anedóticos em livros didáticos geralmente são voltados para dividir o português rural e urbano “pouco se contribuem para as críticas dos preconceitos linguísticos que recobrem os falares rurais”, (FARACO, 2008, p. 178).

Pensando nessa proposta de ampliação da noção de variação regional, propomos uma estratégia a partir da letra de uma música que desconstrói essa ideia de que o falar caipira é desprivilegiado, e que os falantes dessa região moram na roça em condições miseráveis de sobrevivência.

A música é denominada “Nóis é country”, de César e Paulinho, e a letra narra as posses de um “caubói” fazendeiro, ele expressamente diz o que tem e ainda afirma “Nóis não é caipira/ Nóis não tem bicho de pé”. A canção foi escolhida para dissociar essa variedade da ideia de que quem mora na roça passa por necessidades básicas, evidenciando, assim, a maneira de falar de uma região interiorana de forma mais efetiva.

QUESTÃO 01: Observe a letra da música e responda:

A) A letra da música faz menção às situações social, econômica, amorosa, entre outras da voz que fala no texto, com base nesses e outros traços, defina o perfil do eu lírico.

É um fazendeiro, rico e casado e ele fala nóis porque ele é do interior

Versão digitada da resposta à questão 01 Atividade 03 do módulo 02, da aluna **I07F-EDO**.

L1: *E um fazendeiro, rico e casado e ele fala nóis porque*

L2: *ele é do interior*

A exposição da variação regional, também conhecida como diatópica, se deu a partir da apresentação da letra da música. Como o ritmo é animado, todos os alunos se envolveram,

ainda que não a conhecessem. O objetivo dessa estratégia foi alcançado, uma vez que se desconstruiu o paradigma “variação regional – personagem Chico Bento” e também a ideia de que quem no interior fala de acordo com aquela variação por não ter condições de estudar e, até mesmo, de não possuir condições dignas de sobrevivência.

5.3.10 Estratégia X: “CHICO MINEIRO” - A variação social

A estratégia utilizada para as discussões sobre a variação social partiu da letra de uma música sobre a vida no campo, a canção “Chico Mineiro” é composta por duas partes: uma declamada e outra cantada; os alunos ouviram as duas partes da letra e encantaram-se com o desfecho da narrativa musical, na qual o eu lírico descobre que o seu companheiro de trabalho era seu irmão legítimo. A partir daí, gerou-se a discussão e também a comparação de que, nos dias de hoje, situações como aquelas não mais acontecem.

As hipóteses elaboradas foram as mais variáveis possíveis, entretanto, conseguiram compreender que, há muitos anos, além das áreas rurais serem muito distantes, muitos pais doavam os filhos ainda bebês, pois não tinham condições de criar, e eram muitos os casos de irmãos que se casavam, sem ao menos saber que eram irmãos, de irmãos que se encontravam muitos anos depois em distintas situações.

A partir dessas e de outras constatações, os alunos iniciaram a resolução das atividades pela conceituação do que seria a variação social, indagando sobre a situação social e escolar do eu lírico. No que diz respeito à situação social, identificamos que eles reconheceram o eu lírico como um ser de baixa renda, pobre, trabalhador da roça, vendedor de gado. Ao referirem-se ao nível de instrução escolar, as respostas divergiram:

R: <i>“pouca, por causa do jeito falar” -I20F-NAAS</i>
R: <i>“ótima, pela forma dele falar” - I19F-KSA</i>
R: <i>“baixo. Pelas palavras que ele fala “errado” -I17M-KVRS</i>
R: <i>“talvez baixo, mas ele conseguiu subir na vida, mesmo com jeito de falar diferente” - I24M-TLS</i>

A explanação foi feita, corroborando Castilho (2010) e Faraco (2008), pois ambos consideram esse tipo de variação complexa e que necessita ser mais difundida em sala de aula, uma vez que o Brasil foi constituído, primeiramente, pela norma popular, nas palavras

de Castilho (2010): “não foi propriamente o português falado nas aulas da Universidade de Coimbra que desembarcou em nossas praias. Era o português popular, não padrão, o primeiro que se fez ouvir nas plagas sul-americanas”. (CASTILHO, 2010, p. 204).

No que concerne à falta da ampliação desse conceito em sala de aula, Faraco (2008) diz que “é nesse ponto que residem os estigmas linguísticos mais pesados da sociedade [...] Não podemos, porém, ignorar o peso que a cultura do erro tem em nosso país – peso que tem impedido uma discussão mais aberta e menos preconceituosa de nossa cara linguística real” (FARACO, 2008, p. 178).

Utilizamos, pois, dessa estratégia para discutir a amplitude que está presente nesse conceito, bem como para tratarmos do português popular e do português culto, de forma que se compreendesse que essa variação está relacionada não apenas com a escolarização ou com a renda, mas com as características sociais no geral que envolvem o cidadão.

5.3.11 Estratégia XI: “E tudo mudou...” A variação histórica

Para elucidar esse tipo de variação, partimos da estratégia de utilizar uma crônica em verso de um dos maiores cronistas do Brasil, Luiz Fernando Veríssimo, do qual muitos textos já foram lidos pelos alunos da turma selecionada. O transcorrer do texto causou estranhamento nos alunos que compararam os termos de distintas épocas e, inclusive, derivados de outras línguas.

Os discentes também identificaram termos que, para o autor, quando produziu o texto, eram atuais, mas que nos dias atuais não são mais utilizados, sendo, pois, alguns desconhecidos pelos alunos e outros que eles conheciam, mas que já foi possível identificar a mudança, por exemplo, do DVD para MP3 que hoje não se utiliza mais, visto que se prefere a utilização de pen drive, de aplicativos instalados direto no celular ou computador, ou até mesmo a utilização de sites para ouvir músicas.

Quando indagados sobre o estrangeirismo no cotidiano, os alunos deram respostas bem diversificadas sobre as ocorrências desses vocábulos na língua portuguesa, e também sobre o porquê de os brasileiros utilizarem termos estrangeiros, seguem algumas respostas:

<i>“Por que as línguas estrangeiras estão entrando cada vez mais em nossa cultura nacional”</i> . I02F-ACAM
<i>“Pela popularidade da lingual inglesa”</i> . I24M-TLS
<i>“Para dizer que é de um nível avançado”</i> . I08F-EFS
<i>“Para ficar mais atual. Porque o Brasil copia muitas coisas”</i> . I20F-NAAS
<i>“Porque o inglês é uma língua universal”</i> . I07F-EDO

Utilizar a análise dos estrangeirismos como estratégia foi favorável, tendo em vista que, se os alunos percebem que termos de outra língua deixam a própria língua mais atual, significa, então, que conseguem perceber quão dinâmica ela é com o passar do tempo. De fato, hoje, os aplicativos e marcas do mercado de origem estrangeira sobrepõem os que possuem nomes brasileiros, fator que contribui para essa percepção por parte dos adolescentes, visto que, para acessar qualquer celular, precisa-se de uma conta no “Gmail”, e, em seguida, acessar o “Playstore” para instalar os “apps”; se querem ouvir música, acessam-na pelo “Spotify” ou “Youtube”, entre outros exemplos que se tornaram corriqueiros no dia a dia.

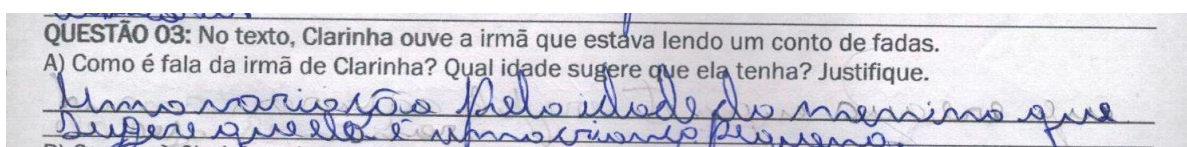
5.3.12 Estratégia XII: “MANHÊÊÊÊ! Olha a clarinha aqui ó! ” - O fator faixa etária na variação linguística

A utilização do fator faixa etária para abordar a variação foi uma estratégia em que os alunos se envolveram no momento da discussão, principalmente, por perceberem que as variações na língua não são prontas e homogêneas, isto é, dentro da variação regional, percebe-se a variação social, assim como na variação histórica é notável a presença da variável faixa etária.

É possível compreender a idade dos fenômenos linguísticos, entre outros aspectos, a partir das pistas que os textos nos dão. Facilmente percebemos as diferenças marcantes entre a linguagem dos idosos, dos adolescentes e das crianças numa mesma região, cultura, entre outros, pois é comum notar na língua a utilização de gírias, bordões, termos arcaicos ou palavras com diferenças fonéticas, como nos exemplos: i) Troca do L pelo R “Pala” ao invés de “para” (crianças); ii) Uso de termos arcaicos ou em desuso parcial “prendada”, “misso”, “donzela” (idosos); iii) Gírias como “chipar”, dar “spoiler”, “bugar” (adolescentes).

O texto apresentado aos alunos é de Edilson Rodrigues Silva e faz menção a uma narrativa de contos de fadas em que uma criança intervém e finaliza a história como acha conveniente, distorcendo, pois, a história que a irmã contava.

Quando indagados sobre a identificação da faixa etária de Clarinha, os alunos perceberam que era uma criança muito pequena que não sabia ler ainda, pela forma de falar, ou seja, pela utilização de palavras que denotavam dificuldades na fala e na assimilação das palavras, haja vista que ela utilizou termos como “pincipe”, “tetê”, “naninha”, entre outros, que podem ser decifrados, mas não estão presentes no dicionário, exatamente porque fazem parte de uma variação própria da idade, cuja pronúncia será amadurecida e modificada com o passar do tempo.



Versão digitada da resposta à questão 03 da Atividade 06 do módulo 02, do aluno **I24M-TLS**

L1 Uma variação pela idade da menina que

L2 sugere que ela é uma criança pequena.

Nesse exemplo, o aluno consegue justificar a fala da criança, e ainda explicar que a variação é decorrente da idade. Nos debates realizados em sala, os alunos compreenderam que a variação etária está associada ao tempo e também ao social, uma vez que identificaram que o ser humano é fruto de suas práticas cognitivas e a utilização dos termos mais formais, menos formais e/ou variantes são adquiridos com a experiência em sociedade.

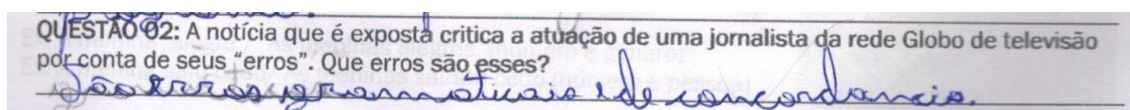
Nas estratégias que seguem, discutiremos as concordâncias com os pronomes que representam as três pessoas do discurso que foram mencionadas nas primeiras estratégias.

5.3.13 Estratégia XIII: “A concordância e a adequação linguística” - Ambientes formais

A imprensa brasileira propõe que em pronunciamentos, reportagens, notícias, entre outros, seja utilizada a norma padrão da língua. A estratégia aqui utilizada, além de ampliar os conceitos do formal e do informal, da adequação e inadequação, elucida também a concordância.

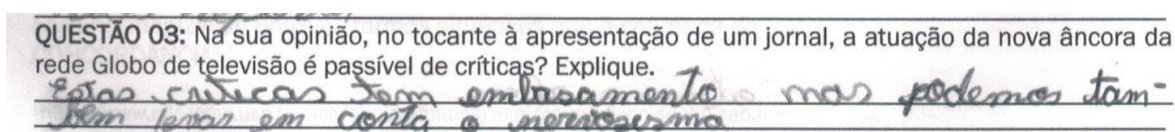
Para a introdução, utilizamos uma manchete intitulada “Nervosismo de Maju preocupa Globo e é tema de reunião”, que foi publicada logo após a estreia da âncora Maria Júlia Coutinho na bancada do Jornal *Hoje*, da rede Globo de televisão. O texto criticava a apresentadora que, por conta do seu nervosismo de estreia, cometera alguns deslizes nas primeiras apresentações, inclusive de concordância.

Essa situação foi facilmente identificada pelos alunos que, além de verificar os tipos de desvios cometidos, justificaram as críticas e evidenciaram a postura de um âncora de telejornal.



Versão digitada da resposta à questão 02 da Atividade 01 do módulo 03, do aluno **I24M-TLS**

L1: São erros gramaticais e de concordância



Versão digitada da resposta à questão 03 da Atividade 01 do módulo 03, da aluna **I07F-EDO**

L1: Estas críticas tem embasamento mas podemos tam-

L2: bem levar em conta o nervosismo

QUESTÃO 04: Levante hipóteses: como deve ser a postura de um apresentador de Telejornal quanto à língua portuguesa?

Tem que estar de acordo com a norma padrão formal

Versão digitada da resposta à questão 04 da Atividade 01 do módulo 03, do aluno **I17M-KVRS**

LI: Tem que estar de acordo com a norma padrão formal

Diante do exposto, compreendemos que a linguagem empregada no ambiente jornalístico denota seriedade, e tudo que fuja desse padrão é passível de questionamento, preconceito e intolerância. Isso não acontece apenas dentro da redação de um jornal. Em entrevistas, por exemplo, aquele que não domina a língua e submete-se ao microfone do entrevistador também é analisado de acordo com o padrão culto. Caso haja ocorrências de variantes da língua, que não seja a padrão, essas também são consideradas desvios passíveis de preconceito e intolerância. Em um estudo sobre o preconceito na imprensa, Leite (2008) verificou que está intrínseca esta relação, concluindo, pois, a ideologia trazida na ideia de que se não sabe falar a norma culta também não pensa, ou seja, são aqueles “que ignoram a tradição da língua e que, portanto, são incompetentes para o desempenho de atividades que exijam algum esforço intelectual”. (LEITE, 2008, p.66). Talvez por essa supervalorização da língua nos ambientes jornalísticos, Maju tenha sido alvo dessas duras críticas, ainda que tenha demonstrado competência para ser escolhida como nova âncora.

Após a apresentação das questões, introduzimos o conceito de concordância, uma vez que os alunos identificaram esses problemas no texto. Apontamos, para tanto, as considerações de Cegalla¹⁶, que conceitua a concordância como sinônimo de harmonia entre os termos e suas flexões. Foram apresentados aos alunos tanto o conceito quanto alguns exemplos.

A próxima estratégia volta-se especificamente à concordância verbal.

¹⁶ Concordância é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam nas suas flexões, com as palavras de que dependem. (CEGALLA, 2008, p. 438).

5.3.14 Estratégia XIV: “A concordância verbal” - O que diz a gramática

Nesta estratégia, objetivamos fazer com que o aluno pensasse a concordância verbal a partir da canção “Há tempos”, de Renato Russo. Mediante a exposição da música e da explanação do conceito de concordância verbal, eles procederam às respostas com o auxílio da professora.

Na página seguinte do caderno, foram expostas algumas regras de concordância verbal para que os alunos se familiarizassem com elas, uma vez que se procederia, nas próximas estratégias, às atividades de concordância com o pronome na posição de sujeito, isso porque, diante do resultado dos diagnósticos oral e escrito, verificamos que os alunos utilizam os termos em estudo (nós/a gente) nessa posição sintática, sendo, pois, necessário o conhecimento sobre a concordância.

QUESTÃO 04: Observe: “Os sonhos vêm e os sonhos vão/ [...] E há tempos nem os santos/ Têm ao certo a medida da maldade”. Deduza: por que as palavras *tem* e *vem* receberam o acento gráfico?

Porque o sujeito está no plural

QUESTÃO 05: Analise: “Já estamos acostumados/ A não termos mais nem isso”. Esse trecho está de acordo com os padrões de harmonização sintática? Justifique.

Não pois não tem necessidade de o segundo termo estar no plural

Versão digitada da resposta às questões 04 e 05 da Atividade 02 do módulo 03, da aluna

I07F-EDO

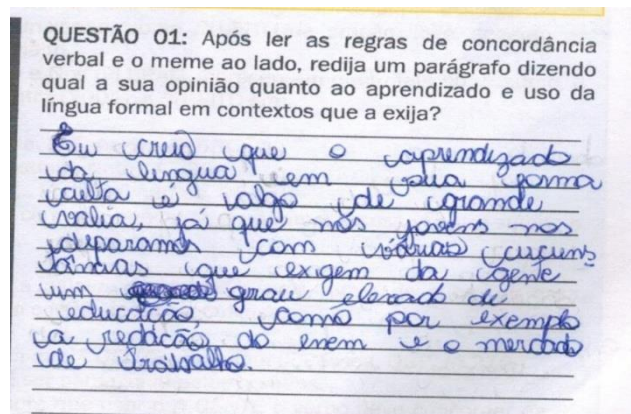
Q4. LI: *Porque o sujeito está no plural*

Q5. LI: *Não pois não tem necessidade de o segundo*

Termo estar no plural

Após a apresentação das questões que versaram sobre os conflitos do eu lírico e também do interlocutor, passamos ao conteúdo gramatical, no qual se indagou sobre o sujeito e a concordância. Nem todos os alunos conseguiram compreender sozinhos as relações de concordância verbal propostas, sendo assim, foi necessária a nossa intervenção na resolução das questões.

Após a apresentação das regras de concordância, foi solicitado aos alunos que fizessem um texto comentando sobre o aprendizado da língua formal em contextos que a exijam.



Versão digitada da resposta à questão 01 da Atividade 02 do módulo 03, da aluna **I20F-NAAS**

- L1: *Eu creio que o aprendizado*
 L2: *da língua em sua forma*
 L3: *culta é algo de grande*
 L4: *valia, já que nós jovens nos*
 L5: *deparamos com várias circuns-*
 L6: *tâncias que exigem da gente*
 L7: *um grau elevado de*
 L8: *educação, como por exemplo*
 L9: *a redação do Enem e o mercado*
 L10: *de trabalho.*

As respostas foram favoráveis, configurando a opinião desses alunos quanto à importância do conhecimento formal, denotando que o uso formal da língua favorece a boa comunicação no ambiente de trabalho, estudo e até nas relações interpessoais, mostrando que são conscientes quanto à adequação da língua em situações comunicativas diversas.

As próximas estratégias tratam da concordância dos verbos com as três pessoas do discurso, quais sejam: 1^a, 2^a e 3^a.

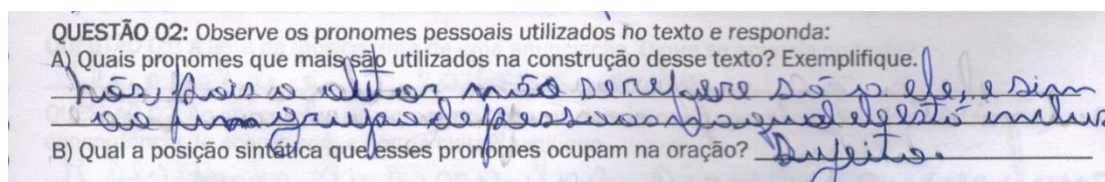
5.3.15 Estratégia XV: “Eu, Nós e A gente” - A concordância da primeira pessoa do discurso

Esta estratégia partiu da ousadia da pesquisadora em utilizar o texto de um aluno da turma para introduzir as análises pronominais da primeira pessoa do discurso. O mesmo trata-

se de um relato pessoal, no qual o discente descrevia sua trajetória escolar, seus amigos da escola e as brincadeiras que fazia na escola, as quais o levaram para a diretoria algumas vezes.

Ao ter contato com o texto, os colegas gostaram da ideia e interessaram-se mais tanto durante a leitura, quanto na resolução das questões propostas. Após identificarem as características do relato, os alunos passaram a apontar os pronomes que mais apareceram no texto e a função sintática de cada um deles.

Quanto à resolução das atividades, os alunos precisaram de auxílio, entretanto, muitos, ainda que houvesse repetidas explicações, confundiram função sintática com a classe gramatical da palavra, isto é, ao invés de responderem “sujeito”, escreveram “pronome”.



Versão digitada da resposta à questão 02 da Atividade 03 do módulo 03, do aluno **I24M-TLS**

- a) L1: Nós, pois o autor não se refere só a ele, e sim
 L2: ao um grupo de pessoas no qual está incluso
- b) L1: sujeito.

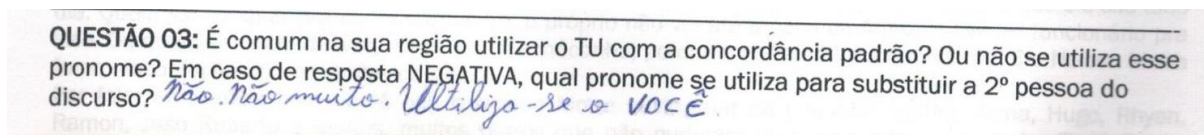
Após as questões, fizemos a explanação gramatical sobre concordância tomando os gramáticos Cunha e Cintra (2001), que abordam tanto o “eu” quanto o “nós”, e ainda evidenciam o “a gente” como uma forma de substituir a primeira pessoa, ou seja, o “a gente” substitui tanto o “eu” quanto o “nós”.

Essa substituição da primeira pessoa de maneira ampla, ou seja, não só do “a gente”, já havia sido mencionada nesta pesquisa, para fazer essa análise, citamos Bechara e também outros autores que, inclusive, reconfiguraram a tabela pronominal do português falado no Brasil, que é o caso de Castilho (2010). O que fica evidenciado é que os alunos, através de exemplos práticos, passaram a compreender essa assimilação da primeira pessoa.

5.3.16 Estratégia XVI: “Tu, Vós e Você” - A concordância da segunda pessoa do discurso

Ainda que não seja objeto desta pesquisa, o estudo da segunda pessoa tornou-se fundamental, tanto pelo aspecto da concordância quanto pela compreensão da variante “você”, que, assim como o “a gente,” adentrou na classe pronominal do caso reto, e é recorrente tanto na escrita quanto na fala dos brasileiros.

Utilizamos como estratégia o estudo da canção “Anúnciação”, de Alceu Valença, para mostrar a concordância da segunda pessoa “tu”, que é vista pelos alunos apenas nos estudos pronominais no livro didático, haja vista que na prática utilizam a variante “você” para se comunicarem, conforme os relatos deles:



Versão digitada da resposta à questão 03 da Atividade 04 do módulo 03, do aluno **I17M-KVRS**

LI: Não. Não muito. Utiliza-se o você.

Partimos de Cunha e Cintra (2001) para explanar o conteúdo gramatical, expondo, além da função pronominal, outras funções que os pronomes de 2ª pessoa podem assumir, que é o caso do vocativo. Elucidamos também a concordância em 3ª pessoa do pronome você, haja vista que, embora represente a segunda pessoa, concorda em 3ª pessoa, assim como ele/ela/eles/elas e seus respectivos oblíquos.

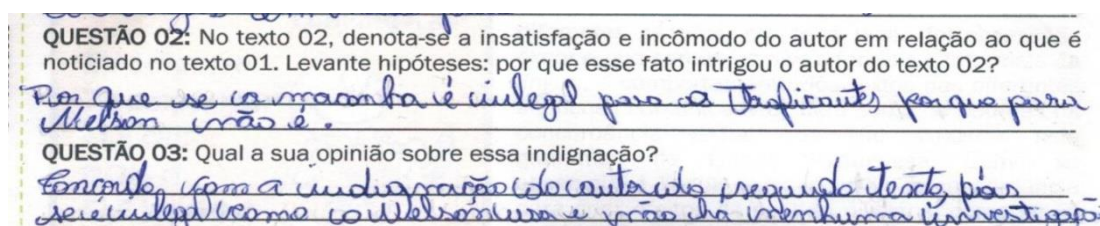
5.3.17 Estratégia XVII: “Ele/Ela e Eles/Elas” - A concordância da terceira pessoa do discurso

Objetivamos com esta estratégia o estudo da 3ª pessoa do discurso, que também não é foco desta pesquisa, entretanto, compreendemos que os alunos necessitam de conhecer a concordância com essa pessoa do discurso, uma vez que o termo “a gente” concorda na 3ª pessoa do singular. Essa estratégia, sem dúvida, foi a mais polêmica, pois abordou um tema atual, amplamente divulgado nas mídias, e que divide opiniões no mundo inteiro, não só no

Brasil, que é o uso da maconha. Utilizamos dois textos, sendo que o primeiro é uma reportagem na qual o colunista Nélson Mota afirma ser usuário da droga há 55 anos, dizendo ainda que, para ele, a substância ilícita faz bem até para a memória.

Já o segundo texto, que não há autor explícito, indaga-se sobre várias atitudes do colunista Nelson Mota, e inclusive sugere o caminho inverso, isto é, o caminho que ele percorre para conseguir a droga, apontando que, se conseguirem o caminho inverso, prender-se-ia os traficantes, receptadores, entre outros, haja vista que se é ilegal, envolve produção ilegal, transporte ilegal, distribuição ilegal, entre outros aspectos.

Os alunos envolveram-se com os dois textos, traçando comparações, fazendo debates e, inclusive, opinando sobre a legalização ou não da droga, considerando as consequências dessa liberação e elucidando pontos positivos e negativos em relação ao fornecimento liberado. Em resposta às questões, comentaram sobre a indignação do autor do texto 02 e deram opinião acerca dela.



Versão digitada da resposta às questões 02 e 03 da Atividade 05 do módulo 03, da aluna

I02F-ACAM

- Q2.** L1: *Por que se a maconha é ilegal para os traficantes por que para*
L2: *Nelson não é.*
- Q3.** L1: *Concordo com a indignação do autor do Segundo texto, pois*
L2: *se é ilegal como o Nelson usa e não há nenhuma investigação.*

Das questões que versavam sobre a referenciação dos pronomes ele/ela presentes texto, apenas um dos alunos não conseguiu identificar que o pronome ELE referia-se a Nélson Mota, e sugeriu, então, o jornal como termo referente; quanto ao pronome ELA, que se refere à maconha, apenas uma aluna não identificou essa relação, apesar de mencionar a droga em sua resposta: “Aos traficantes que faz a droga chegar em nosso país”. I02F-ACAM.

Utilizamos para a explanação do conteúdo os autores Cunha e Cintra (2001), elucidando não apenas a concordância e a especificidade da 3ª pessoa como também os

cuidados necessários ao utilizar a 3ª pessoa, tendo em vista que se pode causar ambiguidade em contextos específicos, tanto com uso do pronome do caso reto, quanto com os oblíquos.

As próximas estratégias constituem o diagnóstico final, elas envolvem a produção de textos do gênero meme, menos formal, com os termos “nós” e “a gente”, bem como a concordância; e, por fim, a produção de um texto de opinião sobre a importância dos estudos significativos, o qual exigiu maior formalidade em sua execução.

5.3.18 Estratégia XVIII: “Nóis vai ou A gente vamos? Bora!”- A concordância no discurso informal

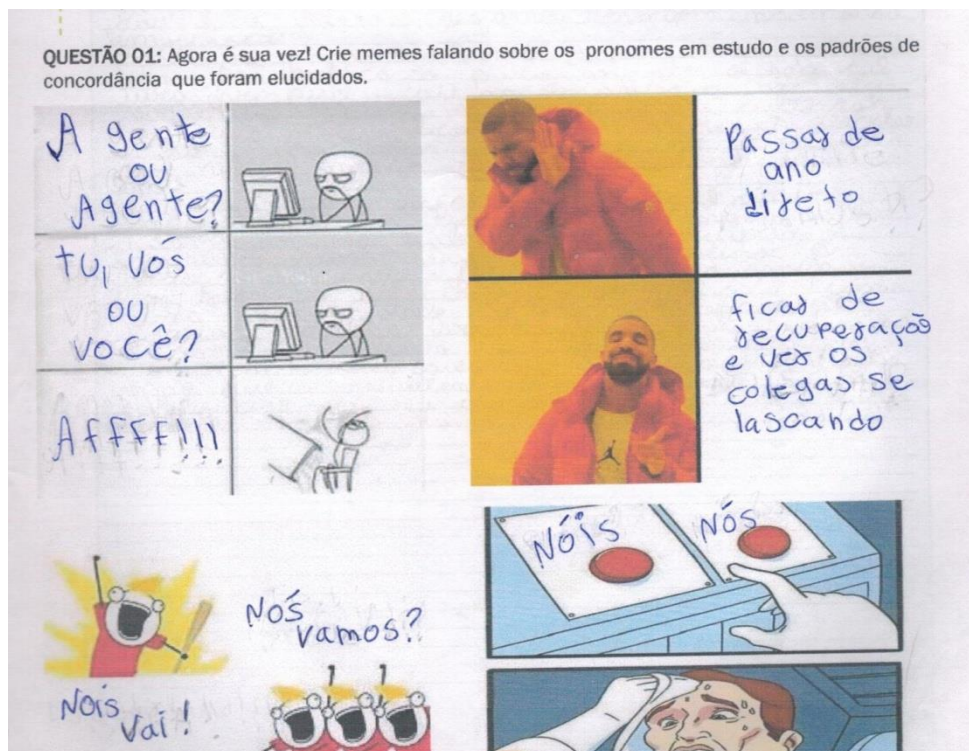
Esta estratégia faz parte do diagnóstico final, no qual propusemos, por meio da criação de memes, verificar se os alunos aprenderam a utilizar os termos e suas concordâncias. A escolha do gênero meme como parte do diagnóstico final partiu do resultado do diagnóstico inicial, através do qual verificamos que esse era o gênero que eles mais compartilhavam.

O tema dessa estratégia foi o discurso informal, haja vista que o gênero meme não exige formalidade. A proposta fluiu e a criatividade também, os alunos utilizaram recursos estilísticos na produção desse gênero, como a ironia, a intertextualidade, o sarcasmo, bem como mencionaram os termos em estudo nas suas produções, conforme solicitado. Seguem alguns exemplos:

Memes I17M-KVRS:



MemesI08F-EFS:



Memes I19F-KSA:

QUESTÃO 01: Agora é sua vez! Crie memes falando sobre os pronomes em estudo e os padrões de concordância que foram elucidados.

tenho que estudar concordância nominal			Concordância nominal
lembrei que ainda tem a verbal			Concordância verbal
naaaah desisto			

nós vamo??

nós bora!!!

Memes I07F-EDO:

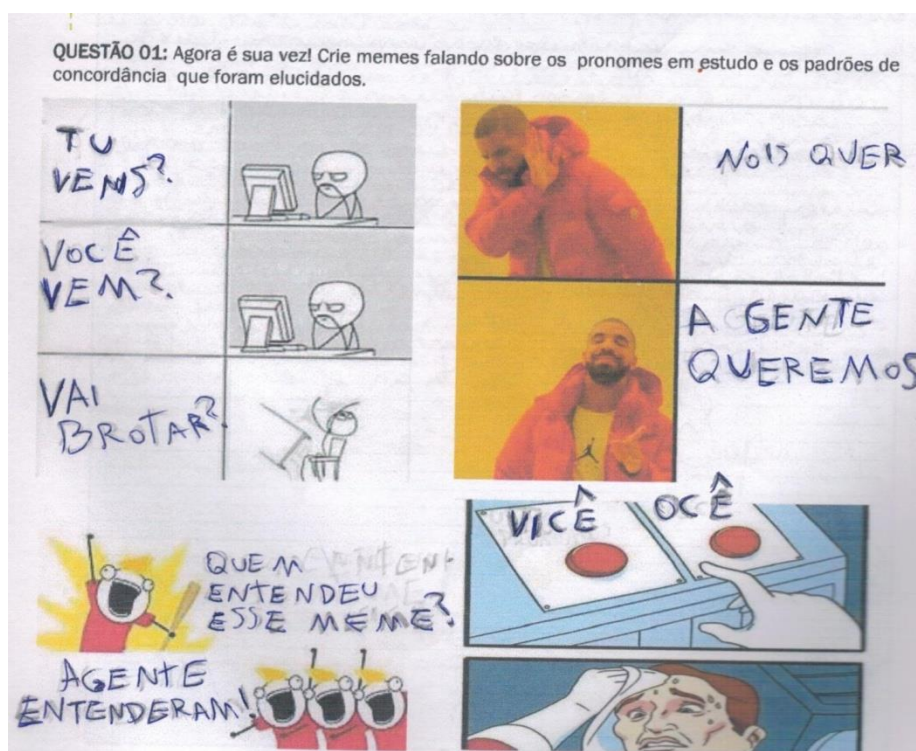
QUESTÃO 01: Agora é sua vez! Crie memes falando sobre os pronomes em estudo e os padrões de concordância que foram elucidados.

A gente vai			Nós vamos
o gente vai			Nóis nã
o gente vai			
o gente vai			
o gente vai			
o gente vai			
o gente vai			

U que gente somos?

inteligentes

Memes I24M-TLS:



Percebe-se que os alunos conseguiram assimilar os usos dos pronomes em estudo, assim como outros que também foram referenciados no caderno didático. Ainda que tenham apresentado dificuldades em algumas questões, essa produção de memes foi positiva, visto que utilizaram da criatividade, assimilando o conteúdo e denotando aprendizado.

5.3.19 Estratégia XIX: “A importância dos estudos significativos” - Produção textual.

Nesta estratégia, pretendíamos identificar se os alunos conseguiriam manifestar-se sob o aspecto formal da língua. Foi possível verificar que, embora ainda tivessem dificuldades no momento da produção, eles estavam conscientes de que os estudos significativos interferem diretamente na sua vida em sociedade.

Alguns mencionaram a importância de adequarem-se às diferentes situações comunicativas que lhes são apresentadas, outros teceram argumentos sobre o porquê de utilizar a norma padrão da língua nos contextos em que ela é exigida, outros ainda elucidaram o poder transformador da educação, bem como a relação indissociável entre escola e cotidiano.

Ao ler os textos dos alunos, foi possível perceber que os objetivos das atividades foram atingidos e, ainda que nem todos tivessem concluído as atividades ou entregado os cadernos, o aprendizado foi positivo. Seguem, pois, alguns exemplos:

Trecho do texto da aluna I08F-EFS:

A importância dos estudos

- L1 *Os estudos são importantes, pois e com eles*
 L2 *que adquirimos conhecimentos, cultura e*
 L3 *traçamos objetivos na vida. através dos*
 L4 *estudos nós convivemos com pessoas dife-*
 L5 *rentes e educação diferente das quais recebe-*
 L6 *mos em casa.*

Trecho do texto do aluno I24M-TLS:

Estudos e sua importância

[...]

- L12 *Existe vários meios de estudo e ainda mais*
 L13 *com a globalização e os avanços da tecnologia, o*
 L14 *conhecimento ficou de fácil acesso, para a maioria*
 L15 *da população mundial mas não para todos,*
 L16 *pois há aqueles que não podem usufruir desse*
 L17 *tal “avanço digital”, seja pela condição finan-*
 L18 *ceira, social ou econômica da família ou do*
 L19 *lugar, entretanto ainda a escola que é*
 L20 *um dos principais se não o principal meio*
 L21 *de adquirir conhecimento[...]*

Ao final desse estudo, ainda que não houvesse o envolvimento e comprometimento por parte de todos os alunos, o desenvolvimento da ação interventiva foi favorável quanto à ampliação das habilidades linguísticas dos alunos da turma participante, haja vista que, a

partir das leituras das resoluções de cada atividade e das produções finais, os avanços significativos foram perceptíveis na qualidade do texto produzido pela maioria deles.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a apresentação dos dados obtidos nas avaliações externas que foram apresentadas no capítulo introdutório, verificamos a necessidade de elaborar estratégias que abordassem o objeto desta pesquisa, que é o estudo do “nós” e do “a gente” com o aprimoramento da didática em sala de aula, para que os estudos significativos sobressaíssem em detrimento do uso da sistematização gramatical que tanto causa desinteresse nos alunos, não significando que o conteúdo gramatical tenha sido abolido, mas abordado por meio de estratégias que favorecem o aprendizado.

A partir da análise dos dados obtidos por meio do diagnóstico inicial, foi possível perceber o elevado número de ocorrências de marcas da oralidade que interferem na escrita dos alunos, tratando, especificamente, da variação de uso dos pronomes “nós” e “a gente” nos textos orais e escritos de alunos do 8.º ano do Ensino Fundamental.

A análise realizada e os resultados encontrados no diagnóstico inicial serviram como base para a continuidade da pesquisa, em termos teórico-metodológicos e em termos de elaboração da proposta de intervenção, que tratou do estudo de textos de diversos gêneros, explanando sobre as pessoas do discurso, os pronomes, a variação linguística, a concordância e, principalmente, a exposição do formal e do informal para que os alunos compreendessem as diferentes maneiras de adequação da língua mediante as situações comunicativas que lhes são apresentadas no cotidiano.

Com a elaboração e aplicação do caderno didático para a turma, criou-se a possibilidade de reflexão sobre a língua por parte dos discentes e também da pesquisadora que, durante todo o processo, fez inferências indispensáveis para obter um resultado satisfatório. Os alunos que participaram da intervenção, já no 9º ano do Ensino Fundamental, demonstraram aprendizado, que foi elucidado por meio das atividades de percepção final.

Após a aplicação da intervenção, verificamos que o objetivo maior dessa pesquisa, que era o estudo do uso do "Nós" e do "A gente" em distintos contextos evidenciados na escrita de alunos do Ensino Fundamental da cidade de Januária – MG, e ampliar as habilidades linguísticas desses alunos por meio da abordagem da Sociolinguística Educacional foi atingido, uma vez que, mediante as resoluções das atividades, os alunos comprovavam que ampliaram essas habilidades.

Após estudar a teoria, elaborar o diagnóstico inicial e compreender as ocorrências do “nós” e do “a gente”, verificamos que a posição em que mais apareciam era na de sujeito, por

essa razão abordamos, no último módulo do caderno didático, a concordância com as pessoas do discurso para ampliar os conhecimentos acerca da utilização dos termos em estudo.

Foi possível perceber no diagnóstico inicial que, tanto na fala quanto na escrita, o termo “a gente” foi identificado, denotando que as razões sociais que modificam o uso do pronome vão além do conhecimento do formal e do informal, visto que perpassam as considerações de usos da língua, que, por ser um elemento dinâmico e social, sofre variação o tempo todo. Por essa razão, o módulo II do caderno tratou da variação linguística e dos pronomes em estudo, para que os alunos pudessem entender a língua e sua dinamicidade.

A proposta do caderno didático possibilitou a ampliação das habilidades linguísticas desses alunos por meio da abordagem da Sociolinguística Educacional, na medida em que líamos os textos, discutíamos as possibilidades de utilização desses textos e dos termos que eles apresentavam.

Na elaboração das atividades, elucidamos as variedades da língua e o respeito linguístico por meio da identificação do que seria o “erro” e a “variação”. O desenvolvimento das atividades culminou na ideia de que não se exclui a gramática da sala de aula e que o “certo” não sobressai à variação, entretanto, são elementos complementares e indissociáveis, ou seja, é importante conhecer e entender o informal, assim como saber utilizar a norma quando se é solicitado.

O resultado desse estudo afirma que estratégias de ensino pautadas no conhecimento do formal e do informal nas aulas de Língua Portuguesa, com o intuito de potencializar as habilidades voltadas para a ampliação linguística dos alunos, são fundamentais para sanar os problemas de estigmatização na língua, para difundir o respeito linguístico e para colaborar com uma educação básica de qualidade.

Esperamos que as estratégias metodológicas propostas através desta pesquisa tragam descrições de ações para subsidiar os professores de língua portuguesa que buscam recursos metodológicos eficazes para melhorar o nível de letramento dos seus alunos, motivando-os para que busquem, cada vez mais, conhecimentos para desenvolver as habilidades leitora e escritora dos seus alunos, a fim de que esses tenham condições de fazer diferentes usos da linguagem de acordo com a situação de produção, recepção e circulação dos textos, quer sejam orais, que sejam escritos.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a Sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. Ed. São Paulo: IBEP, 2009.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE – Revista de Administração de Empresas. São Paulo. V. 35. n. 3. p. 21. 1995.

JAGUARIBE, Helio. **Brasil, mundo e homem na atualidade: estudos diversos**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

LOPES, Celia R. dos Santos. “O percurso de *a gente* em tempo real de longa duração”, em **Para a história do português brasileiro. Vol. II, Tomo I – Primeiros estudos**. São Paulo: Humanitas Publicações/ FFLCH/USP, 2001. 127-148.

LOPES, Celia R. dos Santos. **Nós por a gente: uma contribuição da pesquisa Sociolinguística ao ensino**. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). **Diversidade Linguística e Ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 115-123. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/~pead/tema14/ponto25.html>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: Conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. 3º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de; SCHERRE, Maria Marta Pereira Scherre. **Padrões Sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OMENA, N. P. As influências sociais na variação entre *nós* e *a gente* na função de sujeito. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de; SCHERRE, Maria Marta Pereira Scherre. **Padrões Sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PACHECO, Cíntia da Silva. Capítulo 4 - Pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos da pesquisa. In: _____. **Alternância NÓS e A GENTE no português brasileiro e no português uruguaio da fronteira Brasil-Uruguaio (Aceguá)**. 2014. 311 f. Tese (Doutorado) – UnB, Brasília, 2014.

PACHECO, C.S.; SANTOS, N. V.; COSTA, E. D.; SILVA, F. A. diacronia e a sincronia dos pronomes de primeira pessoa do plural *Nós* e *A Gente* no português brasileiro e no português uruguaio. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 221-253, 2018. E ISSN: 2237-2083 - DOI: 10.17851/2237-2083.26.1.221-253

PEREIRA, Antônio Emílio. **Memorial - Januária, terra, rios e gente**. Belo Horizonte: Maza edições, 2004.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

ROBERTO, Tânia Mikaela Garcia. **Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório**. São Paulo: Parábola, 2016.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SANTOS, Aline Cunha dos; GOMES Adriano Provezano; ERVILHA Gabriel Teixeira. Eficiência e desigualdade em educação no estado de Minas Gerais: uma análise da primeira etapa do PMDI. **planejamento e políticas públicas** - ppp n. 45 jul./dez. 2015.

SCHERRE, Maria Marta Pereira, NARO, Anthony J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 107-129, 1º sem. 2006

SEARA, Izabel. Christine. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Organon** (UFRGS). , v.14, p.179 - 194, 2000.

SEE/MG. **Currículo Básico Comum de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental Anos Iniciais: Ciclo de Alfabetização e Complementar**. Minas Gerais, 2014, 1-78p.

TAMANINE, Andréa Maristela Bauer. **Curitiba da gente**: um estudo sobre a variação pronominal NÓS/A GENTE e a gramaticalização de A GENTE na cidade de Curitiba- PR. 2010. 222 fl. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, set./dez. 2005, p. 443-466. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: Uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2 graus. São Paulo: Cortez, 1998.

VIANNA, Juliana Segada / Celia Regina dos Santos Lopes (2012): “Variação dos pronomes *nos* e *a gente*”. In: MARTINS, Marco Antonio / ABRAÇADO, Jussara (eds.), **mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 109-131.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 51-57.

ZILLES, Ana M. S / LEONARDO Z. Maya / KARINE Q. Silva (2000): “A concordância verbal com a primeira pessoa do plural”, **Organon** 14 (28-29), 195-219.

ZILLES, Ana Maria S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? UNISINOS/UFRGS. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A – PROPOSTA DE ATIVIDADE DIAGNÓSTICA ORAL



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUAMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
ESCOLA ESTADUAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Turma: 8º Anodo Ensino Fundamental

Professora: Marilene Lisboa Xavier

Data: ___/___/___

Aluno (a): _____

Atividade de Percepção Linguística

A INVASÃO DOS POTÓS

A cidade de Januária neste ano foi notícia em diversas mídias novamente, não por conta do histórico de corrupção, do descaso com a saúde pública ou do prefeito que fugiu do carro da Polícia Federal, mas pela presença de um besouro que trouxe muitos transtornos à cidade.

A notícia da infestação dos Potós percorreu as redes sociais, a mídia impressa e televisionada, e tornou-se até memes (gênero em quadrinho que ironiza fatos do cotidiano de conhecimento de todos os envolvidos em uma dada situação). Há relatos de que algo semelhante tenha acontecido há 20 anos, porém com outras espécies de besouro, e não somente com o Potó.

Sendo assim, faça um áudio no *Whatsapp* narrando como foi a infestação do Potó na sua comunidade, no seu bairro, na sua rua e na sua casa, dizendo, por exemplo, se houve acidente com queimaduras e como você e sua família fizeram para combater ou evitar a presença desses insetos em sua casa.

Observação: Identifique-se antes de iniciar o seu relato no áudio, dizendo nome completo, lugar de nascimento, onde mora, sua idade e sexo.

Bom trabalho!

APÊNDICE B – PROPOSTA DE ATIVIDADE DIAGNÓSTICA ESCRITA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
ESCOLA ESTADUAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Turma: 8º Anodo Ensino Fundamental

Data: ___/___/___

Professora: Marilene Lisboa Xavier

Aluno (a): _____

Atividade de Percepção Linguística

No dia 11/08 fizemos uma pesquisa de campo sobre as variedades linguísticas da comunidade do Brejo do Amparo, Distrito de Januária. Foi muito interessante a participação dos alunos, que puderam conhecer mais sobre a diversidade da língua em nossa região.

Agora é com você! Bom trabalho!

Respondam às seguintes perguntas:

01 Descreva nas linhas que seguem como foi cada etapa da pesquisa.

02 Discorra como foi a abordagem e o processo de entrevistas do seu grupo?

03 Houve algum empecilho ou aborrecimento que atrapalhou a entrevista? Relate.

04 Quais os resultados que o seu grupo obteve com a pesquisa de campo?

05 O que você levará de ensinamento para a sua vida a partir do contato com a pesquisa sobre a linguagem?

06 Gostaria de escrever alguma sugestão para os próximos passeios, trabalhos de campo?

APÊNDICE C – RELATÓRIO DA APLICAÇÃO DA ATIVIDADE DIAGNÓSTICA ORAL

RELATÓRIO DO DIA 26/11/18

APLICAÇÃO PRIMEIRA ATIVIDADE DE PERCEPÇÃO LINGUÍSTICA - ORAL

Para essa atividade, foi utilizada uma hora/aula no dia 26 de Novembro de 2018, no 3º horário (das 14h40min às 15h30min). A coleta de dados aconteceu com o auxílio de um colega/professor para manter a disciplina e organização em sala de aula, inclusive para controlar a sequência da ida dos alunos para o local específico de gravação. A professora estava em horário de módulo II, e eu precisei ausentar-me da sala de aula, porque a coleta dos dados foi realizada em um espaço da biblioteca em que funciona a sala de recursos para gravarem o áudio proposto na atividade. Usamos o meu celular e o aplicativo *whatsapp* para fazermos a gravação dos áudios, os quais foram direcionados a um grupo do aplicativo, ao qual eles não têm acesso.

A turma possui 25 alunos, sendo 13 mulheres e 12 homens, mas apenas 22 (13 meninas e 09 meninos) participaram dessa atividade. Dos outros 03 alunos, 02 possuem laudo médico, e, em razão disso, necessitam de acompanhamento profissional para o desenvolvimento da aprendizagem, e são infrequentes; 01 estava afastado da escola porque sofreu um acidente e fraturou um dos membros inferiores.

O tema proposto foi a infestação dos besouros popularmente conhecidos como Potós¹⁷, que assustaram os moradores da cidade de Januária no final de outubro e início de novembro de 2018. Em sala de aula, houve a discussão do fato e, na oportunidade, informei a eles que, segundo a colunista Laura Maria, do Jornal “O Tempo”, uma infestação semelhante havia ocorrido há mais de 20 anos¹⁸, e que na época o susto e os prejuízos também foram relevantes.

Anteriormente, havia pensado em iniciar com a atividade sobre os “ladrões de status no *whatsapp*”, entretanto percebi que essa atividade teria uma melhor repercussão e aceitação

¹⁷Cientificamente descrito como *Paederus irritans*, o besouro causa queimaduras quando pressionado sobre a pele.

¹⁸<https://www.otempo.com.br/cidades/besouros-invadem-janu%C3%A1ria-no-norte-de-minas-e-assustam-moradores-1.2062611>

nesse momento, pois a infestação dos Potós foi transmitida na TV local¹⁹, na InterTV Grande Minas de Montes Claros²⁰, nos jornais impressos e *on-line*²¹, nas redes sociais²², entre outros.

Após entregar a proposta de atividade, que, por sinal, eles sentiram-se atraídos para responder, começaram a narrar situações que aconteceram, etc. Após ler com eles a atividade proposta, direcionei-os à sala de recursos para gravarmos os áudios.

As gravações foram individuais, com a minha presença na sala, mas não foi delimitado tempo para elas, por essa razão, os áudios tiveram entre 0:18 segundos e 1:43 segundos. Há neles algumas interferências sonoras, porque a sala de recurso é próxima à biblioteca e ao corredor por onde passavam outros alunos que estavam sendo dispensados no referido horário. Durante a gravação, ofereci a opção de uma conversa informal comigo através de um diálogo direcionado sobre o assunto, de maneira bem descontraída, para que eles não se sentissem envergonhados; outros pediram para ficar só ou para falar no cantinho da sala. Os áudios foram curtos, mas também trouxeram dados importantíssimos para a nossa pesquisa.

Já temos um grupo no aplicativo *Whatsapp*, com o consentimento da direção da escola, desde o início do ano para informes, desafios, tirar dúvidas, entre outros, por essa razão, eles não se sentem envergonhados na minha presença, esse é um ponto positivo, pois temos proximidade intra e extra-escola, por essa razão, a atividade fluiu como se esperava, entretanto, alguns alunos mais tímidos, como sempre, quase não falaram e pediram para direcionar as perguntas, outros já pediram o celular para “puxar o áudio”, sem cerimônia.

Ao término, ouvi cada áudio e percebi a relevância do fenômeno investigado nessa pesquisa, ainda que não soubessem qual o objeto estudado. Os alunos gostaram e participaram da atividade.

¹⁹ <http://alternativafm.com/tv-norte/norte-noticias/>

²⁰ <https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2018/11/04/infestacao-de-besouro-que-causa-queimaduras-a-pele-tem-provocado-incomodo-em-januarial.html>

²¹ <https://www.otempo.com.br/cidades/besouros-invadem-janu%C3%A1ria-no-norte-de-minas-e-assustam-moradores-1.2062611>

²² <https://www.facebook.com/MocNewsJornalismo/posts/janu%C3%A1ria-vive-uma-invas%C3%A3o-de-besourosrep%C3%B3rter-jo%C3%A3o-carlos-brittoap%C3%B3s-vinte-anos-/2118964521689359/>

APÊNDICE D – RELATÓRIO DA APLICAÇÃO DA ATIVIDADE DIAGNÓSTICA ESCRITA

RELATÓRIO DO DIA 27/11/18

APLICAÇÃO PRIMEIRA ATIVIDADE DE PERCEPÇÃO LINGUÍSTICA - ESCRITA

Para essa atividade, foi utilizada uma hora/aula no dia 27 de Novembro de 2018, no 4º horário (das 15h40min às 16h30min). Os alunos estavam preparados, pois já sabiam que haveria a aplicação de algumas questões sobre a pesquisa de campo que havíamos feito. Nessa pesquisa, foram investigados aspectos relacionados à língua de uma comunidade próxima, denominada Brejo do Amparo, distrito rural de Januária, localizado a 03 km da cidade. É um distrito pequeno, mas que possui escolas, creches, posto de saúde, posto dos correios, pavimentação, possui também uma riqueza cultural vasta, por essa razão, foi escolhido como campo para a pesquisa.

Para contextualizar a atividade, fizemos uma reflexão sobre cada etapa da pesquisa que foi realizada na escola e, em seguida, sobre a investigação em campo. Os alunos comentaram espontaneamente sobre o processo de coleta de dados, os resultados, e sobre a interação da equipe. Esse momento de partilha foi interessante, haja vista que alguns colegas que estavam impossibilitados de realizar a atividade de investigação *in loco* tiveram a oportunidade de saber mais sobre o andamento da pesquisa. Os dados coletados em campo ainda não foram tratados, mas não interferem nessa atividade.

A turma é composta de 25 alunos, sendo 13 do sexo feminino e 12 do masculino, desses 21 (13 meninas e 08 meninos) fizeram a atividade escrita, dos outros 04 alunos, 02 possuem laudo médico e necessitam de acompanhamento profissional para o desenvolvimento da aprendizagem e são infrequentes; 01 não estava frequentando a escola porque sofreu um acidente e fraturou um dos membros inferiores; e o outro aluno não foi à escola nesse dia.

Alguns alunos tiveram dificuldades para interpretar os enunciados, pois não compreendiam o sentido de palavras como “discorrer”, por exemplo, entretanto, isso já era esperado, porque são os mesmos que apresentam dificuldades até na decodificação das palavras. Esses alunos com dificuldades fazem parte do APD (Acompanhamento Pedagógico Diferenciado), sob a orientação da professora de uso da biblioteca (PEUB); nesse acompanhamento são desenvolvidas e aplicadas atividades diferenciadas para que eles avancem tanto na leitura quanto na escrita. É importante salientar que esse projeto do APD já

está trazendo resultados, pois se observou nessa atividade diagnóstica, por exemplo, que um aluno que ainda escrevia em corda, já está separando as palavras.

Ofereci a colaboração necessária para interpretar esses enunciados, e todos eles estavam bem à vontade para responder às questões.

Ao analisar superficialmente, percebi que os dados não só serão de extrema relevância para a pesquisa, como também para corrigir alguns itens problemáticos que estão cada vez mais recorrentes na escrita, entre eles, dificuldade em acionar a consciência fonológica que acarreta em erros de grafia, problemas de concordância, presença de marcas da oralidade, entre outros.

A atividade foi satisfatória, embora nem todos tenham realizado ou dado a devida importância. Faremos uma análise mais elaborada, assim que possível, para categorizar os usos e recorrência do objeto investigado, bem como de outros itens que se fizerem necessários para a análise dos dados diagnosticados.

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO PERFIL DO ALUNO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



MESTRANDA: Profa. Marilene Lisboa Xavier

LOCAL: Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima - Januária/MG

DISCIPLINA: Língua Portuguesa – Professora: Marilene Lisboa Xavier

DATA: 18/12/2018.

TURMA: 8º ano Girassol.

QUESTIONÁRIO Nº 01 - PERFIL DO ALUNO

Nome: _____ Código: _____

Gênero: M () F () – Idade: ____/____/____

() Zona Urbana – Bairro: () urbano () periferia

Nome do bairro: _____

Rua: _____

() Zona Rural – Localidade: _____

1 – Você nasceu em Januária?

A. () Sim.

B. () Não. Em: _____

2 – Com quantas pessoas você mora:

A. () com mais 1 pessoa

B. () com mais 2 pessoas

C. () com mais 3 pessoas

D. () com mais 4 pessoas

E. () com mais 5 pessoas

F. () com mais de 5 pessoas

5 – Quem é o responsável por você?

A. () pai

B. () mãe

C. () irmão

D. () tio

E. () tia

F. () avô

G. () avó

H. () padrasto

I. () madrasta

J. () outro tipo de parente

K. () outra pessoa que não seja da família

3 – Você mora com:

A. () pai

B. () mãe

C. () irmão

D. () tio

- E. tia
- F. avô
- G. avó
- H. padrasto
- I. madrasta
- J. outro tipo de parente
- K. outro

4 – Você trabalha?

- A. Sim. Com o quê? _____
- B. Não

7 – Você geralmente:

- A. assiste à televisão
- B. acessa a *internet*
- C. acessa jogos eletrônicos
- E. não realiza essas atividades

8 – Quando você chega em casa, quanto tempo você fica na televisão, na *internet* ou em

jogos eletrônicos?

- A. menos de uma hora
- B. uma hora
- C. duas horas
- D. entre duas e três horas
- E. mais de três horas
- F. nenhuma das opções

9 – Com que frequência você lê jornal:

- A. sempre
- B. vez ou outra na semana
- C. nunca leio

6 – Fora da escola, quanto tempo você se dedica aos estudos?

- A. menos de uma hora
- B. uma hora
- C. duas horas
- D. entre duas e três horas
- E. mais de três horas
- F. nenhum tempo

14 – Com que frequência você lê livros de literatura infanto-juvenil:

- A. sempre
- B. uma vez ao ano
- C. duas vezes ao ano
- D. três vezes ao ano
- E. mais de três vezes ao ano
- F. nunca leio

15 – Com que frequência você lê a bíblia:

- A. sempre
- B. vez ou outra na semana
- C. nunca leio

16 – O que você geralmente lê é por:

- A. indicação de algum membro da família
- B. indicação de algum colega
- C. indicação do professor
- D. vontade própria
- E. sentir-se obrigado
- F. nenhuma das opções

- 10 – Com que frequência você lê revistas em geral:
- A. sempre
 - B. vez ou outra na semana
 - C. nunca leio
- 11 – Com que frequência você assiste à novelas e seriados:
- A. sempre
 - B. vez ou outra na semana
 - C. nunca leio
- 12 – Com que frequência você lê histórias em quadrinhos:
- A. sempre
 - B. vez ou outra na semana
 - C. nunca leio
- 13 – Com que frequência você lê livros em geral:
- A. sempre
 - B. uma vez ao ano
 - C. duas vezes ao ano
 - D. três vezes ao ano
 - E. mais de três vezes ao ano
 - F. nunca leio
- 14 – Sobre seus estudos fora da escola, geralmente você:
- A. não tem ajuda
 - B. é ajudado por algum familiar
 - C. é ajudado por professor particular
- 15 – Com que frequência você vai a uma biblioteca:
- A. sempre
 - B. uma vez na semana
 - C. duas vezes na semana
 - D. mais de duas vezes na semana
 - E. nunca vou
- 16 – Com que frequência você vai à biblioteca da escola:
- A. sempre
 - B. uma vez na semana
 - C. duas vezes na semana
 - D. mais de duas vezes na semana
 - E. nunca vou
- 17 – Quando você vai à biblioteca da escola, você geralmente:
- A. vai pedir algum material emprestado que não seja livro
 - B. vai pedir livro didático e livro para leitura emprestado
 - C. vai pedir apenas livro didático
 - D. vai pedir apenas livro para leitura
 - E. vai assistir a filmes
 - F. nenhuma das opções
- 18 – Dos gêneros presentes nas redes, você mais acessa e compartilha:
- A. notícia
 - B. memes
 - C. anúncios

- D. () é ajudado por colega
- E. () é ajudado por outra pessoa

21 – Com que frequência você lê algo da *internet*:

- A. () sempre
- B. () vez ou outra na semana
- C. () nunca leio

22 - No acesso à *internet*, você prioriza:

- A. () pesquisas escolares
- B. () sites e conteúdos humorísticos
- C. () acesso às redes sociais
- D. () jogos
- E. () informações jornalísticas
- F. () outros

- D. () textos religiosos

24 – Você possui celular:

- A. () Sim. Com acesso à *internet*.
- B. () Sim. Sem acesso à *internet*.
- C. () Não. Mas uso celular de algum familiar com acesso à *internet*.
- D. () Não. Mas uso celular de algum familiar sem acesso à *internet*.
- E. () Não possuo.

25 – Você se considera:

- A. () excelente aluno.
- B. () bom aluno.
- C. () um aluno razoável.
- D. () péssimo aluno.

APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO PERFIL DO ALUNO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



MESTRANDA: Profa. Marilene Lisboa Xavier

LOCAL: Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima - Januária/MG

DISCIPLINA: Língua Portuguesa – Professora: Marilene Lisboa Xavier

DATA: 18/12/2018.

TURMA: 8º ano Girassol.

QUESTIONÁRIO Nº 2 - PERFIL DO RESPONSÁVEL

- | | |
|---|--|
| <p>01 - A renda total de sua família representa cerca de:</p> <p>A. <input type="checkbox"/> um salário mínimo (R\$ 954,00)</p> <p>B. <input type="checkbox"/> entre dois e três salários (R\$ 1908,00 a R\$ 2862,00)</p> <p>C. <input type="checkbox"/> entre quatro e sete salários (R\$ 3816,00 a R\$ 6678,00)</p> <p>D. <input type="checkbox"/> mais do que sete salários</p> <p>E. <input type="checkbox"/> não sei</p> <p>02 – Em sua casa há:</p> <p>A. <input type="checkbox"/> geladeira</p> <p>B. <input type="checkbox"/> fogão</p> <p>C. <input type="checkbox"/> biblioteca (livros)</p> <p>D. <input type="checkbox"/> carro</p> <p>E. <input type="checkbox"/> computador sem acesso à <i>internet</i></p> <p>F. <input type="checkbox"/> computador com acesso à <i>internet</i></p> <p>G. <input type="checkbox"/> televisão</p> <p>H. <input type="checkbox"/> rádio</p> <p>I. <input type="checkbox"/> máquina de lavar roupa</p> | <p>04 – Quantas pessoas dormem no quarto junto com você:</p> <p>A. <input type="checkbox"/> nenhuma</p> <p>B. <input type="checkbox"/> uma</p> <p>C. <input type="checkbox"/> duas</p> <p>D. <input type="checkbox"/> três</p> <p>E. <input type="checkbox"/> mais de três</p> <p>05 – O(s) responsável(is) por você define (m) algum tempo para você estudar?</p> <p>A. <input type="checkbox"/> sim</p> <p>B. <input type="checkbox"/> não</p> <p>06 – A(s) pessoa(s) responsável(is) por você tem(têm):</p> <p>A. <input type="checkbox"/> pelo menos até a antiga 4 série</p> <p>B. <input type="checkbox"/> pelo menos até a antiga 8 série</p> <p>C. <input type="checkbox"/> pelo menos até o antigo segundo grau</p> <p>D. <input type="checkbox"/> curso superior</p> <p>E. <input type="checkbox"/> especialização</p> |
|---|--|

J. tanquinho

K. moto

L. televisão a cabo

M. bicicleta

F. mestrado

G. doutorado

H. nunca frequentou escola

03 – Na sua casa há:

A. banheiro fora

B. banheiro dentro

C. um quarto

D. dois quartos

E. três quartos

F. mais de três quartos

07 – A(s) pessoa(s) com quem você mora:

A. incentiva(m) você a estudar

B. não incentiva(m) você a estudar

C. acha(m) o estudo desnecessário

D. fala(m) que é bobagem estudar

E. não fala(m) nada sobre o estudo, apenas mandam você para a escola

08 – A(s) pessoa(s) responsável(veis) por você, em relação à escola:

A. vai(vão) com muita frequência

B. vai(vão) com pouca frequência

C. nunca vai(vão) à escola, mas ligam para conversar com o diretor ou professor

D. nunca vai(vão) à escola e nem ligam para conversar com o diretor ou professor

09 – A(s) pessoa(s) responsável(veis) por você:

A. conversam muito com você sobre o que ocorre na escola

B. pouco conversam com você sobre o que ocorre na escola

C. nunca conversam com você sobre o que ocorre na escola

10 – A(s) pessoa(s) responsável(veis) por você:

A. sabe(m) ler e escrever muito bem

B. não sabe(m) ler e escrever

C. uma sabe ler e escrever e a outra não sabe ler e escrever

D. nenhuma das opções

11 – A(s) pessoa(s) com quem você mora:

A. não incentiva(m) você a ler

B. não incentiva(m) você a ler e acha(m) a leitura pouco importante

C. incentiva(m) você a ler

D. incentiva(m) você a ler e acha(m) a leitura muito importante

12 – A(s) pessoa(s) com quem você mora:

A. geralmente lê(leem)

B. pouco lê(leem)

C. nunca lê(leem)

13 – A(s) pessoa(s) com quem você mora:

A. geralmente lê(leem) para você

- B. pouco lê(leem) para você
- C. nunca lê(leem) para você

14 – A(s) pessoa(s) com quem você mora:

- A. sempre escrevem textos
- B. escrevem textos de vez em quando
- C. nunca escrevem textos

15 – A(s) pessoa(s) com que você mora:

- A. não incentiva(m) você a escrever
- B. não incentiva(m) você a escrever e acha(m) a escrita pouco importante
- C. incentiva(m) você a escrever
- D. incentiva(m) você a escrever e acha(m) a escrita muito importante

Marilene Lisboa Xavier

O Português que a gente gosta:

O EU e o OUTRO para NÓS ou para A GENTE:
Um estudo da variação pronominal



hiper

CADERNO DIDÁTICO

APRESENTAÇÃO

CARO ALUNO,

É COM IMENSO PRAZER QUE LHE APRESENTO ESTE CADERNO DIDÁTICO QUE DESENVOLVI COMO UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (2018-2020) DA UNIMONTES. ELE FOI CRIADO PARA QUE VOCÊ POSSA APRIMORAR OS SEUS CONHECIMENTOS ACERCA DA LÍNGUA PORTUGUESA DE UMA MANEIRA DIVERTIDA E ATUAL. TRATAREMOS DE ASSUNTOS DIVERSOS, PORÉM FOCANDO NO PRONOME E NA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.

NOSSO CADERNO ESTÁ DIVIDIDO EM 03 (TRÊS) MÓDULOS, SENDO QUE NO PRIMEIRO MÓDULO TRATAREI DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS ENTRE O EU E O OUTRO E DA ABORDAGEM DOS PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO; NO SEGUNDO MÓDULO FALAREI AINDA DOS PRONOMES, ENTRETANTO BUSCANDO O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA; E, POR FIM, NO ÚLTIMO MÓDULO TRAREI A VOCÊS OS ESTUDOS SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL COM O USO DOS PRONOMES EVIDENCIADOS NESTE CADERNO.

APROVEITE AO MÁXIMO DE CADA ATIVIDADE, LEIA OS TEXTOS COM ATENÇÃO E ESCREVA SEMPRE QUE LHE FOR SOLICITADO.

ESTE CADERNO É SEU!

ABRAÇOS, PROF. MARI LISBOA

JANUÁRIA, 2019.

SUMÁRIO

1 MÓDULO 01— O EU E O OUTRO EM FUNÇÃO DE NÓS E DA GENTE	04
.....	
1.1 ATIVIDADE 01: A DESCOBERTA DO “OUTRO”	05
1.2 ATIVIDADE 02: A DESCOBERTA DO “EU”	08
1.3 ATIVIDADE 04: QUEM SOU“EU”, QUEM SOMOS “NÓS”?	11
1.4 ATIVIDADE 05: QUEM É “A GENTE”?	13
1.5 ATIVIDADE 06: “NÓIS semo e quem ta é NÓIS”	15
1.6 ATIVIDADE 07: “A GENTE fomos”	17
2 MÓDULO 02 — NÓS, NÓIS E A GENTE—UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA	19
.....	
2.1 ATIVIDADE 01: “NÓIS ou A GENTE” - o Nível Formal e Informal da Língua Portuguesa	20
.....	
2.2 ATIVIDADE 02: “O SENHOR, CÊ e VOCÊ” - A variação estilística da Língua Portuguesa	22
.....	
2.3 ATIVIDADE 03: “NÓIS é coutry” - A variação Geográfica ou Regional	23
2.4 ATIVIDADE 04: “CHICO MINEIRO” - A variação social	24
2.5 ATIVIDADE 05: “E tudo MUDOU...” - A variação linguística Histórica	26
2.6 ATIVIDADE 06: “MANHÊÊÊÊ! Olha a clarinha aqui ó! ” - O fator faixa etária na variação linguística	28
3 MÓDULO 03 — EU VOU, TU VENS e NÓIS BORA— A CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME SUJEITO	29
.....	
3.1 ATIVIDADE 01: “A CONCORDÂNCIA e a adequação linguística” - Ambientes formais	30
.....	
3.2 ATIVIDADE 02: “A CONCORDÂNCIA VERBAL” - O que diz a gramática	32
.....	
3.3 ATIVIDADE 03: “EU, NÓS e A GENTE” - A concordância da primeira pessoa do discurso	35
3.4 ATIVIDADE 04: “TU, VÓS e VOCÊ” - A concordância da segunda pessoa do discurso	36
3.5 ATIVIDADE 05: “ELE/ELA e ELES/ELAS” - A concordância da terceira pessoa do discurso	37
3.6 ATIVIDADE 06: “NÓIS vai ou A GENTE vamos? Bora!” - A concordância no discurso informal	39
3.7 ATIVIDADE 07: “A importância dos estudos significativos” - Produção textual	40
REFERÊNCIAS	

MÓDULO 01

O EU e o OUTRO em função de NÓS e DA GENTE



A DESCOBERTA DO “OUTRO”

Quando criança, perguntamos aos nossos pais como nascem os bebês, e, muitas vezes, eles se envergonham de nos dizer sobre a concepção no ponto de vista científico e fisiológico e teorizam sobre a vinda ao mundo através da cegonha. O que não é difícil de acreditar, pois cegonhas existem e nem tudo sobre o milagre da vida a ciência explica.

A palavra "vida" é o significado do termo “bio” de origem grega que é utilizado em nomes que tenham alguma relação com o ser vivo. Diversas palavras usam o prefixo "bio", tais como: biologia, biodiversidade, **biografia** etc.

Ex: bio (vida) logia (estudo) = estudo da vida.

QUESTÃO 01: A partir desse conceito, escreva o que você entende sobre **biografia**?

QUESTÃO 02: Que outras palavras você conhece que são formadas pela junção ao radical **bio**?

QUESTÃO 03: A partir do conceito formulado, O que, **OBRIGATORIAMENTE**, deve conter em um texto **biográfico**?

QUESTÃO 04: Em que tempo e pessoa os verbos do texto biográfico devem estar? Justifique sua resposta.

QUESTÃO 05: Os textos biográficos publicados geralmente são de pessoas famosas ou que se destacam em determinados meios, como na literatura, por exemplo. Na sua opinião, qual a importância de se ler biografias?



O processo de formação de palavras que se dá a partir da junção de radicais é chamado **HIBRIDISMO**, logo “biografia” é uma palavra híbrida, pois é formada por dois radicais: *Bíos + Gráphein*

hibridismo
s.m. O mesmo que hibridez. Gramática Formação de palavras com elementos ou radicais de línguas diferentes. Palavra assim formada: monóculo, do gr. monos (um) + lat. oculus (olho), é um hibridismo.

Dicionario10.com.br

Exemplificando o gênero...

Alok Achkar Peres Petrillo é um DJ e produtor musical brasileiro. Nascido em Goiânia, viveu na cidade somente até os 5 anos. Depois, morou na Holanda, Inglaterra, Alto Paraíso (GO) e Brasília, acompanhando o pai. Alok é filho de Ekanta e Swarup, que também são DJs e pioneiros no ramo da música eletrônica no Brasil. A ideia para o seu nome, que significa "luz" em sânscrito, nasceu de uma viagem dos pais para a Índia.

Seu irmão gêmeo, Bhaskar, também é artista de música eletrônica. Aos 12 anos começou a se interessar mais profundamente pela música, ao ganhar um par de CDJs e um mixer. Com o apoio dos pais e outros produtores e DJs aprendeu técnicas de mixagem e, poucos anos depois, começou a se apresentar profissionalmente. Chegou a começar a faculdade de relações internacionais, mas trancou o curso para viver de música. As músicas que produz têm uma pegada techno mixada com o groove da house music.

Nos anos de 2014 e 2015 foi considerado, pela revista de música eletrônica "House Mag Brasil" o "Melhor DJ do Brasil". Em 2015 a revista britânica "DJ Magazine" concedeu a Alok o mesmo título. Em 2016 se apresentou em vários países em todos os continentes e espalhou o estilo que ficou conhecido como "Brazilian Bass", do qual é pioneiro. No mesmo ano, assinou contratos com a Spinning Records e William Morris (WME). Com a canção "Hear Me Now", lançada em 2016, Alok alcançou a marca de 10 milhões de visualizações no YouTube em apenas um mês e se tornou o primeiro artista brasileiro a conseguir 100 milhões de execuções no Spotify.



*Alok Petrillo
Nascimento: 26 agosto
1991
Idade: 28 anos
Profissão: DJ
Est. Civil: Casado com a
médica Romana Novaes
Signo: Virgem
País: Brasil
Cidade: Goiânia - GO*

Fonte: https://www.purepeople.com.br/famosos/alok_p548638

QUESTÃO 06: Após a leitura do trecho da biografia do DJ Alok, que aspectos do nascimento e da infância do DJ são evidenciados no texto?

QUESTÃO 07: Quanto à vida profissional, o que é possível concluir através do trecho do texto biográfico?

QUESTÃO 08: Há alguma informação sobre a vida do DJ que não consta no texto, mas que você ficou curioso em saber? Qual?

QUESTÃO 09: Observe o trecho e responda: "Nos anos de 2014 e 2015 foi considerado, pela revista de música eletrônica "House Mag Brasil" o "Melhor DJ do Brasil."

A) Quem é o sujeito da locução *foi considerado*? _____

B) Por que palavra esse sujeito pode ser substituído? _____

C) Explique o porquê da sua escolha? _____

QUESTÃO 10: Reúna com seu colega e, a partir das respostas que você construiu e das análises feitas nas questões, elaborem a biografia um do outro. Seja criativo!

BIOGRAFIA DE: _____

COLAR FOTO AQUI

A DESCOBERTA DO “EU”

Observe o texto a seguir:



QUESTÃO 01: O texto acima pertence ao macro grupo dos gênero em quadrinhos, ele é mais conhecido como gênero _____.

QUESTÃO 02: Os gêneros apresentados em quadrinhos divertem, alertam, satirizam, ironizam, entre outros. A partir dos aspectos apresentados, qual a relação entre o tema do texto e o desfecho que ele apresenta?

QUESTÃO 03: A partir do conceito formulado por você acerca do texto biográfico, escreva sucintamente o que pode ser considerado um texto **AUTOBIOGRÁFICO**?

QUESTÃO 04: Qual trecho do texto exemplifica a resposta da questão anterior?

QUESTÃO 05: A partir da formulação do conceito de texto **AUTOBIOGRÁFICO**, responda:

A) Qual (is) pessoa (s) do discurso é predominante nesse texto?

B) O que justifica o uso dessas pessoas do discurso no texto?

C) Qual a tipo textual predominante nesse texto? _____



Exemplificando o gênero...

MARI LISBOA... Quem é? Uma autobiografia...

A história do meu nascimento deve ser a primeira coisa a ser contada nesse texto. Nasci no dia 08/02 de um ano “qualquer”, na comunidade de Cruz dos Araújo, hoje distrito da cidade de Cônego Marinho, em casa, pelas mãos de uma parteira e quase morri. Filha de Marcílio e Brasilina, meu nome é Marilene, a caçula dos 06 filhos do casal. Na verdade desde a minha concepção que minha história é um pouco complexa, pois minha mãe tomou “boldo” achando que estava com problemas estomacais,

Quando viu que não daria tempo de sair de casa para ir ao hospital, pai chamou tia Duça ou “véia Duça” para me trazer ao mundo, era tão pequenina que mãe só cuidou de mim quando fiz 40 dias, antes disso, tia Júlia foi quem assumiu os cuidados. Na roça antigamente animavam-se pintinhos quase mortos colocando-os debaixo de uma bacia de alumínio, e batiam para acordá-los, pois bem, fizeram isso comigo, pois eu não chorava, foi aí que minha parteira me deu uns tapas na bunda e me trouxe de volta à vida, talvez por isso os 133 cm de quadril que tenho hoje. Meu nome também é outra história a parte, pois eu iria me chamar Maria Damásia, nome das duas avós, até que o escrivão do cartório trocou na hora de registrar. Obrigada, finado “seu Anísio”.

Eu adorava ir à creche, minha mãe era voluntária e fazia a comida, e, claro, trazia para casa a “lavagem” dos porcos e comida para a nossa janta. Quando as outras crianças tiravam o cochilo da tarde eu, com apenas 02 anos e meio, saía para assistir à aula da janelinha da sala, até que a tia Sílvia me colocava para dentro. Menina aplicada, fiz o “pré-de-seis” por três anos e ainda participava da formatura todo fim de ano e recebia os presentes dos padrinhos e um “pseudo” certificado, quando estava na idade certa já lia e escrevia, era o orgulho lá de casa, inclusive queriam me adiantar e mãe não deixou.

Na escola eu era líder de turma, parodista, desenhista, cantora, sobrinha da diretora, jogadora de futebol, coisa que amo até hoje, e sou palmeirense com muito orgulho.

[...]

Os ensinamentos que tive na escola formaram a pessoa que sou: servidora pública estadual, professora concursada na educação básica, preocupada com a educação, amante da Língua Portuguesa com mestrado em conclusão.

MÃOS À OBRA?

Converse com seus pais, irmãos, avós, professores anteriores, preencha o seguinte quadro e, em seguida, na próxima página, escreva a sua **AUTOBIOGRAFIA**.

Minha família	Minha mãe	Meu pai
Meus avós	Minha casa	Minha infância
Minha vida na escola	Meus amigos	Minha religião
Outros aspectos importantes sobre mim...		

QUEM SOU “EU”, QUEM SOMOS “NÓS”?

SINFONIA DOS PRONOMES — DALVA SAUDO		ELAS! EU!	NÓS! TU!	VÓS!	ELES!	ELE!
passa...	Às vezes estou eu. Outras com ele ou elas. Ficamos nós. O tempo			Encontros, desencontros, reencontros, Até voltar a ser só. Querer ser só.		
ser só.	Canso-me! Quero retornar a				Para me inspirar, pintar, poetizar, descansar...	
Como uma estrela solitária sem galáxia, Aprendi a ser só. Canso-me de nós. Enfim...outros se cansam de mim.					E com Deus sintonizar! Fazer as minhas coisas, deixar você fazer as suas!	
cansam de mim!	É círculo, roda, místico, realístico, Canso-me de nós... outros se			É a sinfonia em forma de poesia Dos nomes sem nomes. Os pronomes.		
cansando,	E a roda... vai girando, circulando,					Por fim quero fugir de nós. Não posso fugir de mim.
canseira...	Alegrando, alterando, dando					Não posso ser você ou ele.
Ao rever as amigadas... a felicidade me invade!	Cansaço!					Vejo vocês e me isolo na cela que me trancafia Sendo eu... sou só comigo, telas e poesias Fiquem com Deus

RELEXÕES SOBRE O TEXTO:

QUESTÃO 01: O termo *sinfonia* traz a sensação de musicalidade, na sua opinião, o que justifica o título “sinfonia dos pronomes”?

QUESTÃO 02: O eu lírico da poesia, vive em constante conflito em relação ao “eu” e ao “outro”. Retire do texto trechos que comprovem essa afirmação.

QUESTÃO 03: Na sua opinião, por que o eu lírico afirma que “Ao rever as amigadas a felicidade me invade!”? Você concorda com essa afirmação? Justifique.

QUESTÃO 04: Levante hipóteses: após ler os conflitos da voz que fala no poema quem seria o: “ELAS! NÓS! VÓS! ELES! ELE! EU! TU!”

QUESTÃO 05: A lista que foi criada na questão anterior representa os PRONOMES PESSOAIS do caso RETO, como segue o quadro:

Pessoa do discurso	Função no texto	Pronome e número
1º Pessoa	Refere-se a quem fala	Eu (SINGULAR) Nós (PLURAL)
2ª Pessoa	Refere-se a pessoa com quem se fala	Tu (SINGULAR) Vós (PLURAL)
3ª Pessoa	Indica sobre o que se fala	Ele/Ela (SINGULAR) Eles/Elas (PLURAL)

A) A partir dessa constatação, em que pessoa e número o texto é narrado? Justifique.

QUESTÃO 06: Há no poema a presença da palavra “VOCÊ”. Ainda que se apresente o “TU” como pronome que corresponda a segunda pessoa, a presença do **você** geralmente suprime esse pronome. Reflita: No seu ambiente de convívio, qual pronome é utilizado para se referir à segunda pessoa? Na sua opinião, o que justifica o uso desse termo em sua região?


QUESTÃO 07: O autor traz a seguinte frase: “Por fim quero fugir de nós.” Qual a pessoa do discurso que corresponde ao pronome utilizado e qual a função desse pronome no texto? Levante hipóteses: quem seria essa pessoa na vida do eu lírico?

Leia o texto abaixo:

SETEMBRO

Terça-feira
Em primeiro lugar, quero esclarecer uma coisa: isto é um LIVRO DE MEMÓRIAS, não um diário. Eu sei o que diz na capa, mas, quando a mamãe saiu para comprar essa coisa, eu disse ESPECIFICAMENTE que queria um caderno sem a palavra “diário” escrita nele.

Ótimo. Tudo que eu preciso é que um idiota me pegue com este livro e entenda errado.



A outra coisa que eu quero esclarecer agora mesmo é que isso foi idéia da minha MÃE, não minha. Mas se ela acha que eu vou escrever meus “sentimentos” aqui ou coisa do tipo, ela está louca. Então, só não espere que eu seja todo “Querido Diário” isso, “Querido Diário” aquilo.

QUESTÃO 08: Há alguns textos que pertencem ao domínio dos gêneros interpessoais, como o que está no exemplo ao lado. Com base nessa afirmação, responda:

A) O diário possui marcas de subjetividade que são baseadas no relato de conflitos e experiências pessoais em um determinado espaço de tempo. Procure no texto elementos que exemplificam essa informação.

B) Qual a pessoa do discurso foi utilizada na construção desse texto? Justifique o porquê do uso dessa pessoa do discurso.

C) Cite outros gêneros que utilizam predominantemente essa pessoa do discurso

QUEM É “A GENTE”?

TEXTO 01:

Trem-Bala (Ana Vilela)

Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si
 É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti
 É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz

É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós

É saber se sentir infinito
 Num universo tão vasto e bonito, é saber sonhar
 Então fazer valer a pena
 Cada verso daquele poema sobre acreditar

Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu
 É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu
 É sobre ser abrigo e também ter morada em outros corações
 E assim ter amigos contigo em todas as situações

A gente não pode ter tudo
 Qual seria a graça do mundo se fosse assim?
 Por isso, eu prefiro sorrisos
 E os presentes que a vida trouxe pra perto de mim

Não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de comprar
 E sim sobre cada momento, sorriso a se compartilhar
 Também não é sobre correr contra o tempo pra ter sempre mais
 Porque quando menos se espera a vida já ficou pra trás

Segura teu filho no colo
 Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui
 Que a vida é trem-bala, parceiro
 E a gente é só passageiro prestes a partir

Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá
 Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá

Segura teu filho no colo
 Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui
 Que a vida é trem-bala parceiro
 E a gente é só passageiro prestes a partir

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/ana-vilela/trem-bala/>

QUESTÃO 01: O trem-bala do Japão, também chamado de shinkansen, completou 53 anos e foi inventado pelo engenheiro Hideo Shima. Atualmente, o sistema abrange 2.397 quilômetros, interligando o Japão de Norte a Sul. Os trens-balas são confortáveis e silenciosos, como aviões. Alcançam altas velocidades, podendo chegar a mais de 500 km/h. Considerando o título da música e a afirmação acima, responda:

A) Na letra da música, compara-se a vida a um “trem bala”, explique essa comparação.

B) Na sua opinião, qual é a mensagem que essa música passa a cada interlocutor?

QUESTÃO 02: Há no texto uma oposição de ideias que são construídas através da repetição de algumas sentenças, identifique-as.

QUESTÃO 03: Após identificar as ideias de oposição, explique: qual efeito de sentido elas estabelecem no texto?

QUESTÃO 04: Levante hipóteses: no trecho “A gente não pode ter tudo/ Qual seria a graça do mundo se fosse assim?” há a presença do termo “a gente”; Qual pronome pode ser substituído por ele sem prejuízo de sentido? Justifique.

QUESTÃO 05: Ainda sobre o termo “a gente”, em que gêneros de textos é possível encontrá-lo e em que gêneros de textos não o encontra? Justifique a sua resposta e diga se concorda ou não.

QUESTÃO 06: Qual a função sintática que o termo “a gente” estabelece nas construções do texto.

TEXTO 02:



QUESTÃO 07: A tirinha da Dona Anésia mostra uma situação corriqueira entre os jovens. Qual é essa situação?

QUESTÃO 08: Dona Anésia é conhecida no mundo das redes sociais por conta de seu mau humor. Há traços dessa característica da personagem nesse texto? Justifique.

QUESTÃO 09: Há no texto a sentença “Pede pra ela abrir a porta pra gente”. Qual a possível transcrição desse trecho na norma culta da língua?

QUESTÃO 10: O termo “gente” (pra gente) possui que função sintática dentro da oração.

QUESTÃO 11: O termo “a gente” da tirinha apresenta a mesma função sintática em que ocorre na música? Justifique sua resposta.

Não confunda:

A GENTE

AGENTE



“NÓIS semo e quem ta é NÓIS”

Texto 01:



QUESTÃO 01: A tirinha apresentada traz a quebra de expectativa através do humor. Em que consiste o humor do texto?

QUESTÃO 02: Levante hipóteses: de que região são a galinha e os pintinhos presentes na tira? Justifique.

QUESTÃO 03: Assinale a alternativa correta no que diz respeito ao termo “Silêncio” presente no 1º quadrinho.

- A) Representa uma possibilidade de que todos farão silêncio.
- B) Sugere que todos façam silêncio.
- C) É um pedido/ordem para que todos façam silêncio.
- D) É uma ação que todos concluíram quando a mãe solicitou.

QUESTÃO 04: Veja o quadro abaixo e responda às questões que seguem:

Modos verbais	Características	Exemplos
Indicativo	Indica uma certeza, uma realidade	Maria e João estudam todos os dias
Subjuntivo	Indica dúvida, possibilidade	Talvez Maria e João estudem amanhã
Imperativo	Indica uma ordem, um pedido, uma solicitação.	Estudem agora, Maria e João.

A) A oração “Não quero ouvir mais nenhum pio” está em que modo verbal? Justifique.

B) Em que modo verbal está o verbo da oração “Nóis semo galinha caipira!”

QUESTÃO 05: Ainda sobre a oração “Nóis semo galinha caipira!”, a escrita está na linguagem formal ou coloquial? Justifique.

QUESTÃO 06: Por qual palavra ou expressão o vocábulo “pir” pode ser substituído sem alteração de sentido?

Texto 02:

Passei de Nave — MC Doni

Nóis tá no corre não é de hoje, já faz mó tempão
 Quem vê de longe não entende a nossa condição
 Se impressiona com esse nosso jeito de ser
 Quando vê os menino de nave tirando um lazer

Trajadão nas grife, pesadão nos kit
 Por onde passa faz os bico dar chilique
 É vários convite que elas não resiste
 Porque sabe que o resumo é favela city

Hoje é bailão, acelera essa nave veloz
 Quem tá é nóis, quem tá é nóis
 DJ solta o beat, MC Doni na voz
 Quem tá é nóis, quem tá é nóis

Hoje é bailão, acelera essa nave veloz
 Quem tá é nóis, quem tá é nóis
 A favela venceu, pode avisar os boy
 Quem tá é nóis, quem tá é nóis

<https://www.letras.mus.br/mc-doni/nave-veloz/>

retrata a vida na favela paulista. Quais trechos da música justifica essa afirmação?

QUESTÃO 08: É comum que em grupos apareçam palavras ou expressões que são faladas somente naquele ambiente ou em ambientes semelhantes. Há termos próprios de um determinado grupo nessa música? Liste-os e, se possível, defina-os.

QUESTÃO 09: O processo de formação de palavras em que uma língua apropria-se de termos provenientes de outras línguas é denominado “Estrangeirismo”. Há exemplos de estrangeirismo no texto? Em caso de resposta positiva, liste-os e defina-os.

QUESTÃO 07: O texto 02 é uma música que foi lançada em uma série televisiva que

QUESTÃO 10: Na letra da música há palavras utilizadas sentido figurado. Encontre-as e elabore uma tabela separando o sentido figurado e o sentido literal de cada uma.

QUESTÃO 11: Quanto ao uso do “Nóis” no texto:

- A) Qual a função sintática dos termos no texto? _____
- B) Eles estão escritos na norma culta ou coloquial? _____
- C) Há concordância entre o pronomes e os verbos? Explique. _____

D) Na sua opinião, é aceitável a forma de escrita dessa música? Justifique. _____

QUEM É MC DONI? ELE NÃO EXISTE DE VERDADE!!!

MC Doni é um personagem da série Sintonia, interpretado pelo MC JottaPê, lançada em agosto de 2019 na Netflix em 190 países. Retrata a vida de 3 jovens das favelas de São Paulo. A repercussão foi além do esperado e, ainda que seja um personagem fictício.



“A GENTE fomos”

Texto 01:

Chopis Centis – Mamonas Assassinas

Eu di um beijo nela
E chamei pra passear
A gente fomos no shopping
Pra mode a gente lanchar

Comi uns bicho estranho
Com um tal de gergelim
Até que tava gostoso
Mas eu prefiro aipim

Quanta gente
Quanta alegria
A minha felicidade
É um crediário
Nas Casas Bahia

Quanta gente
Quanta alegria
A minha felicidade
É um crediário
Nas Casas Bahia

P'arriba!
Joinha, joinha, chupetão,
vamo lá
Chuchuzinho, vamo embora
Onde é que entra, hein?

Esse tal Chópis Cêntis
É muicho legalzinho
Pra levar as namoradas
E dar uns rolézinhos

Quando eu estou no trabalho
Não vejo a hora
de descer dos andaime
Pra pegar um cinema
do Schwarzenegger
Tombém o Van Daime

Quanta gente
Quanta alegria
A minha felicidade
É um crediário
Nas Casas Bahia

Bem forte, bem forte
Quanta gente
Quanta alegria
A minha felicidade
É um crediário
Nas Casas Bahia

<https://www.lettras.mus.br/mamonas-assassinas/24144>



Mamonas Assassinas foi uma banda brasileira de rock cômico, seu som consistia numa mistura de pop rock com sertanejo, brega, heavy metal, pagode, forró, música mexicana, reggae e vira. O único álbum de estúdio gravado pela banda vendeu mais de 3 milhões de cópias no Brasil. A banda durou pouco mais de sete meses, de 23 junho de 1995 a 2 de março de 1996, quando o grupo foi vítima de um acidente aéreo fatal sobre a Serra da Cantareira, o que ocasionou a morte de todos os seus integrantes, causando grande comoção

QUESTÃO 01: A partir da leitura da letra da música, responda:

A) Há traços da oralidade nesse texto? Em caso de resposta positiva, selecione trechos que comprovem a sua resposta.

B) Elabore hipóteses: de que região o eu lírico desse texto é proveniente? Por quê?

C) Considerando o contexto social, qual a classe socioeconômica da voz que fala no poema? Justifique.

D) Há no texto pistas da profissão do eu lírico. Qual é essa profissão? Justifique com elementos do texto.

QUESTÃO 02: Nas passagens “A gente fomos” e “quanta gente”, há a presença da palavra *gente*, em ambos contextos elas possuem o mesmo significado? Explique.

QUESTÃO 03: Na sua opinião, o que justifica o uso da concordância com o verbo no plural da oração “A gente fomos no shopping”?

QUESTÃO 04: Qual a função sintática do termo “a gente” nos seguintes enunciados:

- A) A gente fomos no shopping _____
 B) Pra mode a gente lanchar _____

Texto 02

Por que no dia dos Namorados o comércio vende mais que no dia as mães? 🤔

- Porque Mãe a gente só tem uma! 🤔



<https://www.piadas.com.br/piadas/>

QUESTÃO 05: O gênero piada quebra a expectativa do leitor para criar o humor. Em que consiste o humor na piada?

QUESTÃO 06: Você concorda com a opinião do eu lírico do texto? Justifique.

QUESTÃO 07: Observe a oração: “Porque Mãe a gente só tem uma!”

- A) A oração está com uma palavra fora da ordem, reescreva a sentença organizando-a.

- B) Após a organização da oração, identifique o sujeito:

- C) Por qual palavra o sujeito poderia ser substituído sem alteração de sentido?

Neste módulo você realizou várias atividades com gêneros variados sobre o uso dos pronomes e da referência que eles fazem às pessoas do discurso, tratamos especificamente dos pronomes pessoais e suas variantes. Mas qual, de fato, é a definição de PRONOME? Para a gramática, *pronome* é a palavra que substitui ou determina o nome. De acordo com uma dessas funções, o pronome pode ser **pronome substantivo** ou **pronome adjetivo**.

1. Pronome substantivo: substitui o substantivo.

Ex.: Joana saiu cedo, pois **ela** tinha prova de Língua Portuguesa para fazer. (*Ela* substitui o substantivo “Joana”.)

2. Pronome adjetivo: acompanha o substantivo, determinando-o:

Ex.: *Meu* pai trabalhou por muito tempo em fábricas na cidade de São Paulo. (*Meu* acompanha o substantivo “pai”.)

Como você pode perceber, as atividades versavam sobre os pronomes e suas funções sintáticas, bem como as variações da escrita e/ou dos usos, como exemplos, o uso do “**Você**”, em detrimento do “**Tu**”; e a escrita do “**Nóis**” ou do uso do “**A gente**” como outra possibilidade de escrita do “**Nós**.”

No nosso próximo módulo, tratarei da variação linguística, incluindo também o uso desses e de outros pronomes, bem como farei as observações quanto às novas tendências de escrita que são explicadas mediante à teoria da variação.

MÓDULO 02

NÓS, NÓIS E A GENTE UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA



“NÓIS ou A GENTE” - o Nível Formal e Informal da Língua Portuguesa

Texto 01:

A LENDA DE RUI BARBOSA (Rui Barbosa)

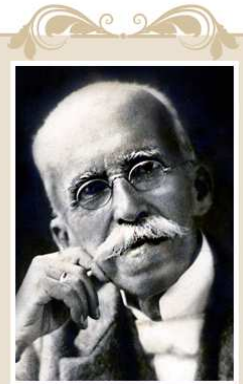
Diz a lenda que Rui Barbosa, ao chegar em casa, ouviu um barulho estranho vindo do seu quintal. Chegando lá, constatou haver um ladrão tentando levar seus patos de criação. Aproximou-se vagarosamente do indivíduo e, surpreendendo-o ao tentar pular o muro com seus amados patos, disse-lhe:

- Oh, bucéfalo anácrono! Não o interpelo pelo valor intrínseco dos bípedes palmípedes, mas sim pelo ato vil e sorrateiro de profanares o recôndito da minha habitação, levando meus ovíparos à sorrelfa e à socapa. Se fazes isso por necessidade, transiço; mas se é para zombares da minha elevada prosopopéia de cidadão digno e honrado, dar-te-ei com minha bengala fosfórica bem no alto da tua sinagoga, e o farei com tal ímpeto que te reduzirei à quinquagésima potência que o vulgo denomina nada.

E o ladrão, confuso, diz:

- Dotô, eu levo ou deixo os pato?"

Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/530266>



Rui Barbosa

QUESTÃO 01: Rui Barbosa (Rui Barbosa de Oliveira) foi advogado, jornalista, jurista, político, diplomata, ensaísta e orador, nasceu em Salvador, BA, em 5 de novembro de 1849, e faleceu em Petrópolis, RJ, em 10 de março de 1923. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Com base nessa afirmação responda:

A) O que justifica a atribuição desse título ao texto?

B) Ao ler o texto e o pequeno enunciado biográfico, qual relação que se pode fazer entre a pessoa Rui Barbosa e a situação presente no texto?

QUESTÃO 02: Observe a linguagem empregada no texto.

A) Essa linguagem é de fácil compreensão de todos? Justifique.

B) Há termos que não fazem parte do seu vocabulário? Liste-os e pesquise no dicionário o significado.

C) Na sua opinião, o ladrão compreendeu a fala do Rui Barbosa? Justifique com elementos do texto.

D) Levante hipóteses: A forma de falar do Rui Barbosa facilitou ou dificultou a interação entre ele e o ladrão? Justifique.



Ao analisar o texto 01, percebemos que a forma como direcionamos a nossa fala, em detrimento da situação comunicativa, pode ou não facilitar a compreensão do diálogo pelo interlocutor. E isso é consequência da adequação do nível de linguagem que elegemos para proferir nosso dizer, o que cabe, então, salientar que a língua portuguesa é dividida em dois níveis: **O nível formal (culto); e O nível Informal (coloquial).**

No Brasil, a educação básica passa constantemente por mudanças quanto às abordagens desses níveis da língua, e é na escola que se aprende que o “erro” é passível de uma variação do nível da língua e não um erro propriamente dito, ou seja, trata-se de uma questão de adequação à situação comunicativa proposta. Veja os exemplos:

- I) Água bebe quero.
II) Quero bebe água.

Os dois enunciados são compostos pelas mesmas palavras, a diferença é que no exemplo (I) não se consegue compreendê-lo porque a disposição das palavras não favorece a construção do sentido; já no item (II), ainda que haja a incorreção gramatical na escrita do verbo (beber), é possível compreender o sentido do enunciado, o que nos leva a entender que a compreensão do texto nem sempre está ligada à correta escrita das palavras, mas sim à situação comunicativa que é estabelecida. É importante ressaltar que a consciência que é construída na escola acerca do que é “erro” e o que é inadequação favorece ao falante a liberdade de se portar nas distintas ocorrências que a sua língua propõe.

Veja o exemplo no meme do jornalista Chico Pinheiro:

Texto 02:



Fonte: Facebook/globo.com

QUESTÃO 03: A partir da explanação sobre os níveis da língua, responda:

A) A frase “Vai começar a zueira” está no nível formal ou informal da língua? Justifique.

B) Explique o porquê do enunciado: “mas Chico, não podemos dizer isso”? Quem provavelmente disse isso no meme? Justifique.

C) Levante hipóteses: quem é o sujeito da oração “não podemos”?

D) O sujeito pode ser substituído por “a gente” sem prejuízo de sentido? Se sim, reescreva a oração, fazendo as adaptações necessárias.

E) Qual efeito de sentido é produzido pela frase: graças a Deus é sexta-feira”?

“O Senhor, Cê e Você” - A variação estilística da Língua Portuguesa

Leia o texto abaixo:

Gerente – Boa tarde. Em que eu posso ajudá-lo?

Cliente – Estou interessado em financiamento para compra de veículo.

Gerente – Nós dispomos de várias modalidades de crédito. O senhor é nosso cliente?

Cliente – Sou Júlio César Fontoura, também sou funcionário do banco.

Gerente – Julinho, é você, cara? Aqui é a Helena! Cê ta em Brasília? Pensei que você inda tivesse na agência de Uberlândia! Passa aqui pra gente conversar com calma.

(BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna.
São Paulo: Parábola, 2004 (adaptado))

QUESTÃO 01: Esse texto é uma transcrição escrita da conversa telefônica entre uma gerente do banco e um cliente, observe a maneira de falar da gerente e responda às questões abaixo:

A) Qual nível da língua é utilizado no início da conversa? E Por que o gerente utiliza esse nível para direcionar sua fala ao cliente?

B) Quando percebe quem está do outro lado da linha, qual a atitude da gerente? Justifique a sua resposta com elementos do texto.

C) Na sua opinião, por que o cliente se apresenta como funcionário do banco?

D) As palavras estão escritas de acordo com a norma culta ou coloquial? Justifique com elementos do texto.

Ao observar o texto anterior, pode-se perceber que a proximidade mudou repentinamente a forma de falar da gerente, essa mudança é consequência do pacto de fala que regula os dizeres em uma determinada situação comunicativa. Isso mostra que, por meio de vários fatores, a **Língua Portuguesa** é **Dinâmica**, isto é, **VARIÁVEL**. Os documentos oficiais explicitam que “A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em ‘Língua Portuguesa’ está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...]” (BRASIL, 1998a, p. 29).

Nos exemplos abaixo, temos um tipo de variação, veja:

(I) “O senhor é nosso cliente?”

(II) “Julinho, é você, cara? ”

(III) “Cê ta em Brasília? ”

Pode-se identificar que a conversa varia de acordo com a pessoa do interlocutor, essa variação é denominada **VARIAÇÃO ESTILÍSTICA**, também chamada de variação contextual ou de registro, essa variação se manifesta nas diferentes situações comunicativas no nosso dia-a-dia, ou seja, ora se exige maior formalidade, ora, em situações familiares e informais, usa-se a linguagem coloquial ou menos elaborada.

“Nóis é coutry” - A variação Geográfica ou Regional

Nóis é Caubói (part. Daniel) - Cezar e Paulinho

Nóis é country, é caubói

Nóis é fazendeiro

Nóis tem gado, nóis tem roça

E nóis tem dinheiro

Nóis tem vaca, nóis tem porco

Nóis tem galinheiro

Nóis tem carro, tem carroça

Nóis é motoqueiro

Nóis tem pinto, tem galinha

E nóis tem muié

Nóis não é caipira

Nóis não tem bicho de pé

Nóis semos lindo, nóis é herói

Nóis é mocinho, nóis é preibói

Nóis semos lindo, nóis é herói

Nóis é metido, nóis é caubói

Nóis tem currar, nóis tem rancho

Nóis nascemo aqui

Nóis tem dois Mitsubishi

Nóis tem jet-sky

Nóis tem celular e bip

Nóis tem internet

Nóis é rico, nóis é chique

Com nóis ninguém se mete

Nóis tem música de viola

E nóis tem CD

E nóis tem orgulho

De ser macho pra valer

<https://www.letas.mus.br/cesar-e-paulinho/135102/>

QUESTÃO 01: Observe a letra da música e responda:

A) A letra da música faz menção às situações social, econômica, amorosa, entre outras da voz que fala no texto, com base nesses e outros traços, defina o perfil do eu lírico.

B) A escrita da música está no nível formal ou informal da língua? Justifique a sua resposta.

C) Reescreva o trecho abaixo na norma padrão da língua portuguesa:

Nóis semos lindo, nóis é herói

Nóis é mocinho, nóis é preibói

Nóis semos lindo, nóis é herói

Nóis é metido, nóis é caubói

QUESTÃO 02: Levante hipóteses: de que região é o eu lírico? Justifique com elementos do texto.

VARIAÇÃO GEORÁFICA, também chamada de **VARIAÇÃO REGIONAL** ou diatópica (do grego *dia* = através de; *topos* = lugar), consiste nas diferenças linguísticas observáveis entre falantes oriundos de regiões distintas de um mesmo país ou oriundos de diferentes países. Pode ocorrer no sotaque ou até mesmo na escrita de algumas palavras, por exemplo:

Nói(S) (Mineiro—interior) = Nói(X) (Rio de Janeiro)

Menino = Guri/ Aipim = Mandioca/

“Chico Mineiro” - A variação social

TEXTO 01:

Chico Mineiro - Tonico e Francisco Ribeiro

Declamado

Cada vez que eu me alembro do amigo Chico Mineiro, das viagens que nói fazia era ele meu companheiro. Sinto uma tristeza, uma vontade de chorar, alembando daqueles tempo que não mais hái de vortar. Apesar de eu ser patrão, eu tinha no coração o amigo Chico Mineiro, caboclo bom, decidido, na viola era delorido e era o peão dos boiadeiro. Hoje porém com tristeza recordando das proeza da nossa viagem motim, viajemo mais de dez ano, vendeno boiada e comprano, por esse rincão sem-fim. Caboclo de nada temia mas porém, chegou um dia, que Chico

Cantado

Fizemo a úrtima viage
Foi lá pro sertão de Goiais.
Foi eu e o Chico Mineiro
também foi o capataz.
Viajemo muitos dia
pra chegar em Ouro Fino
aonde nós passemos a noite
numa festa do Divino.

A festa tava tão boa
mas antes não tivesse ido
o Chico foi baleado
por um homem desconhecido.

Larguei de comprar boiada.
Mataram meu companheiro.
Acabou o som da viola,
acabou seu Chico Mineiro.

Despoi daquela tragédia
fiquei mais aborrecido.
Não sabia da nossa amizade
porque nós dois era unido.
Quando vi seus documento
me cortou meu coração
vim sabê que o Chico Mineiro
era meu legítimo irmão

QUESTÃO 01: Observe a letra da música e responda:

A) A letra da música descreve uma situação em que a expectativa do leitor transforma-se ao término da leitura. Qual é essa situação descrita?

B) Essa música é um exemplo de que não temos apenas uma forma de falar. A nossa língua varia de acordo com as diferentes circunstâncias que nos são apresentadas. Que variações na língua você consegue identificar na letra da música? Exemplifique,

C) Há termos que denotam um linguajar próprio do eu lírico. Quais são eles?

QUESTÃO 02: Levante hipóteses: Qual a situação social do eu lírico? Justifique com elementos do texto.

QUESTÃO 03: Na sua opinião, qual o nível de instrução escolar ele possui? Justifique sua resposta.

QUESTÃO 04: Observe: “Fizemo a última viagem/ Foi lá pro sertão de Goiás. Foi eu e o Chico Mineiro/ também foi o capataz.”

A) Esse trecho está no nível formal ou informal da língua? Justifique.

B) transcreva-o para a norma culta da língua portuguesa

QUESTÃO 05: Conte com suas palavras a história do Chico Mineiro.

Ao observar a letra da música “Chico Mineiro”, viu-se algumas palavras como *lembrar, vortar, vendeno, comprano, nói*, entre outros, que marcam além da variedade regional um outro tipo de variedade na língua que é chamado de **VARIAÇÃO SOCIAL**, essa variação (também conhecida como variação diastrática) está relacionada a fatores que envolvem a situação socioeconômica e cultural de uma comunidade. Observa-se, nesse tipo de variedade, os fatores classe social, o sexo, a idade, o grau de escolaridade, a profissão do indivíduo, entre outros,

São exemplos típicos de variação social:

- a troca do -lh- por -i como em mulher/muié;
- A troca do -l pelo -r em encontros consonantais como em blusa/brusa;
- a assimilação do -nd- > -n> como em cantando/cantano;
- a falta de concordância nominal e verbal como em os meninos saíram cedo/ os menino saiu cedo, entre outros aspectos.

TEXTO 02

Observe o texto 02 e responda às questões que seguem:



Fonte: <https://www.significados.com.br/ranco/>

QUESTÃO 06: Ao ler o texto 02, observamos algumas particularidades socioeconômicas e culturais. Identifique-as.

QUESTÃO 07: A palavra ranço está sendo amplamente divulgada com um sentido peculiar em memes, camisetas, frases aleatórias, entre outros. Nesse texto, qual sentido do termo “ranço”? Explique.

QUESTÃO 08: Na oração “Nois não quer ver nem stories do insta da pessoa”

A) Nesse contexto, defina os termos “stories” e “insta”.

B) O uso do “nois” substitui que termo da língua formal?

Considerando o gênero de texto, há incorreção na utilização dessa forma de escrita no meme? Justifique.

“E tudo mudou...” - A variação linguística Histórica

E TUDO MUDOU

O rouge virou blush
 O pó-de-arroz virou pó-compacto
 O brilho virou gloss
 O rímel virou máscara incolor
 A Lycra virou stretch
 Anabela virou plataforma
 O corpete virou porta-seios
 Que virou sutiã
 Que virou lib
 Que virou silicone
 A peruca virou aplique, interlace, megahair, alongamento
 A escova virou chapinha
 "Problemas de moça" viraram TPM
 Confeti virou MM
 A crise de nervos virou estresse
 A chita virou viscoso.
 A purpurina virou glitter
 A brilhantina virou mousse
 Os halteres viraram bomba
 A ergométrica virou spinning
 A tanga virou fio dental
 E o fio dental virou anti-séptico bucal
 Ninguém mais vê...
 Ping-Pong virou Babaloo
 O a-la-carte virou self-service
 A tristeza, depressão
 O espagete virou Miojo pronto
 A paquera virou pegação
 A gafieira virou dança de salão
 O que era praça virou shopping
 A areia virou ringue
 A caneta virou teclado
 O long play virou CD
 A fita de vídeo é DVD
 O CD já é MP3
 E um filho onde éramos seis
 O álbum de fotos agora é mostrado por email
 O namoro agora é virtual
 A cantada virou torpedo
 E do "não" não se tem medo
 O break virou street
 O samba, pagode
 O carnaval de rua virou Sapucaí
 O folclore brasileiro, halloween
 O piano agora é teclado, também
 O forró de sanfona ficou eletrônico
 Fortificante não é mais Biotônico
 Bicicleta virou Bike
 Polícia e ladrão virou counter strike

Folhetins são novelas de TV
 Fauna e flora a desaparecer
 Lobato virou Paulo Coelho
 Caetano virou um chato
 Chico sumiu da FM e TV
 Baby se converteu
 RPM desapareceu
 Elis ressuscitou em Maria Rita?
 Gal virou fênix
 Raul e Renato,
 Cássia e Cazusa,
 Lennon e Elvis,
 Todos anjos
 Agora só tocam lira...
 A AIDS virou gripe
 A bala antes encontrada agora é perdida
 A violência está coisa maldita!
 A maconha é calmante O professor é agora o facilitador, As lições já não importam mais
 A guerra superou a paz
 E a sociedade ficou incapaz...
 De tudo.
 Inclusive de notar essas diferenças.

(Luiz Fernando Veríssimo)

QUESTÃO 01: A partir da leitura, o que justifica o uso do título “e tudo mudou”? Explique.

QUESTÃO 02: O tema central do texto está baseado nas mudanças, há alguma mudança que você acompanhou? Qual(is)?

QUESTÃO 03: Há termos desconhecidos nesse texto? Quais? Investigue o significado de cada um.

QUESTÃO 04: O texto traz situações que mostram as mudanças em um período de tempo. Há alguma mudança no texto que nos dias atuais já estão ultrapassadas? Quais? Indique o que significam nos dias de hoje

QUESTÃO 05: Há no texto, alguns termos que, com a mudança, foram escritos em língua estrangeira, como por exemplo: “O brilho virou gloss”, “A purpurina virou glitter”; levante hipóteses: por que o brasileiro tende a aumentar o leque de palavras estrangeiras em seu vocabulário nos dias de hoje? Justifique.

QUESTÃO 06: Observe o trecho:

“Raul e Renato,
Cássia e Cazuza,
Lennon e Elvis,
Todos anjos
Agora só tocam lira...”

A) Você conhece algum desses personagens citados no texto? Defina-os.

B) Qual o efeito de sentido que é produzido quando o autor afirma “Todos anjos/ Agora só tocam lira”? Explique.

QUESTÃO 07: Observe o trecho abaixo:

“A AIDS virou gripe / A bala antes encontrada agora é perdida
A violência está coisa maldita! / A maconha é calmante
O professor é agora o facilitador, / As lições já não importam mais
A guerra superou a paz”

A) Nesse trecho há uma crítica à sociedade moderna, defina essa crítica:

B) Você concorda com o que o autor expõe nesse trecho? Para você, o que mais prejudica a sociedade nos dias de hoje?

QUESTÃO 08: No fim do texto, o autor traz a seguinte afirmação: “E a sociedade ficou incapaz... De tudo. Inclusive de notar essas diferenças.”. Levante hipóteses: O que levou a sociedade a não perceber as mudanças ocorridas durante esse tempo?

A língua portuguesa sofre diferentes mudanças, uma delas é possível perceber através da **VARIAÇÃO HISTÓRICA**, que pode ser definida como aquela que sofre transformações ao longo do tempo. Ou seja, há palavras na língua que caíram em desuso ou se tornaram arcaicas, ou simplesmente mudaram a forma de escrita, e também da fala, com o decorrer do tempo. Como por exemplo, a palavra “Você”, que antes era vosmecê e que agora, diante da linguagem reduzida no meio eletrônico, é apenas VC e na fala diz-se CÊ. O mesmo acontece com as palavras escritas com PH, como era o caso de pharmácia, agora, farmácia e com C, por exemplo, fato que antes era factio.

“Manhêêêê! Olha a clarinha aqui ó!” - O fator faixa etária na variação linguística

TEXTO 01:

Depois da longa batalha o príncipe foi em direção ao castelo azul. Lá, ele tinha certeza de encontrar nos braços e abraços da linda princesa a tão sonhada felicidade.

Assim que ele avistou o lindo castelo a felicidade visitou o seu coração e a emoção tomou conta da sua alma.

O galopar do seu fiel cavalo era cada vez mais firme e veloz...

Mesmo de longe o belo rapaz já podia sentir o suave perfume e a doce presença da sua alma gêmea.

Enquanto o destemido príncipe cruzava o vasto campo florido montado no seu bravo e forte cavalo branco a princesa, lá da sacada, suspirava e ansiava profundamente pelo momento do grande e inesquecível encontro.

Assim que o príncipe aproximou-se do grande portão...

-... O príncipe pegou o Tetê deitou na naninha e ficou fazendo carinho na neneca.....

- Manhêêêê! Olha a clarinha aqui ó! Ela não está deixando eu ler o livro que a tia Alice me deuuu!...Clarinhaaaa! Reclamou a irmã mais velha.



Edilson Rodrigues Silva

QUESTÃO 01: No que diz respeito aos contos de fadas, que características desses contos têm no texto?

QUESTÃO 02: Há uma quebra de expectativa quanto ao final dos contos de fadas. O que fez com que a história mudasse o curso do enredo dos tradicionais contos de fadas? Explique.

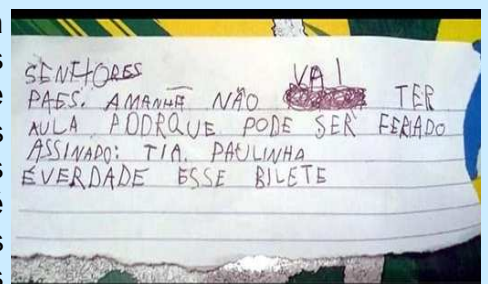
QUESTÃO 03: No texto, Clarinha ouve a irmã que estava lendo um conto de fadas.

A) Como é a fala da irmã de Clarinha? Qual idade sugere que ela tenha? Justifique.

B) Quanto à Clarinha, ela possui a mesma idade que a irmã? Explique.

O fator FAIXA ETÁRIA nos estudos da variação linguística retrata a idade dos fenômenos lingüísticos, dentre outros aspectos, os quais são percebidos de acordo com as pistas que os textos nos dão. Facilmente se percebe as diferenças marcantes entre a linguagem dos idosos, dos adolescentes e das crianças numa mesma região, cultura, entre outros, pois é comum notar na língua a utilização de gírias, bordões, termos arcaicos ou palavras com diferenças fonéticas, como nos exemplos abaixo:

- Troca do L pelo R “Pala” ao invés de “para” (crianças)
- Uso de termos arcaicos ou em desuso parcial “prendada”, “misso”, “donzela” (idosos)
- Gírias como “chipar”, dar “spoiler”, “bugar” (adolescentes).

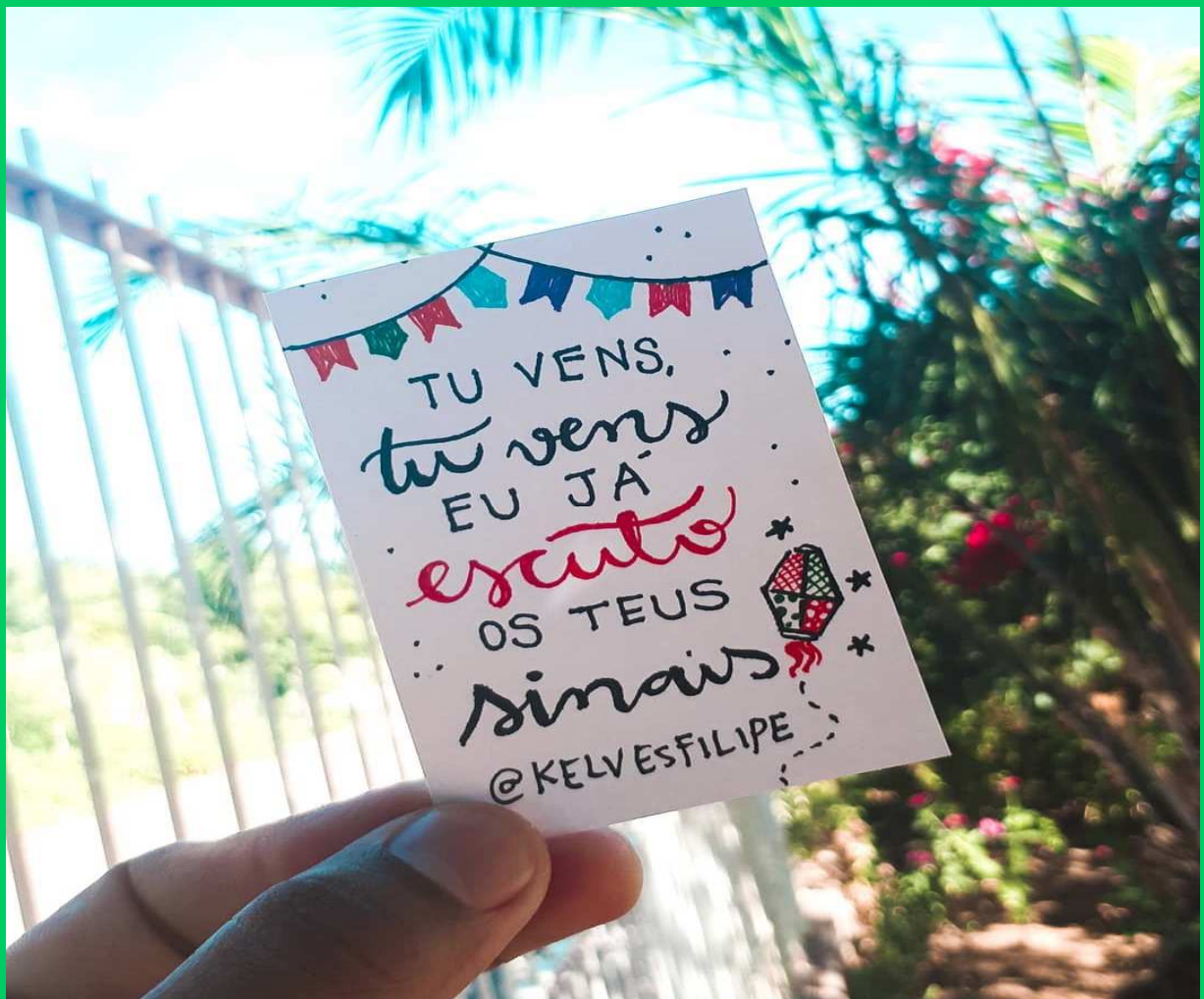


<https://www.dicionariopopular.com/e-verdade-esse-bilete/>

MÓDULO 03

EU VOU, TU VENS e NÓIS BORA

A concordância verbal com o pronome
sujeito.



“A concordância e a adequação linguística” - Ambientes formais

TEXTO 01:

Nervosismo de Maju preocupa Globo e é tema de reunião

Por: Pleno.News - 09/10/2019 13h55



Começar em um novo trabalho ou em uma nova função nunca é uma tarefa fácil, especialmente quando a missão é comandar um jornal ao vivo para todo o Brasil. Esse parece ser exatamente o maior desafio para a apresentadora Maria Julia Coutinho, a Maju, que tem cometido uma série de erros na apresentação do Jornal Hoje. O fato já acendeu um alerta na direção da emissora e chegou a ser assunto de reunião, de acordo com o portal Notícias da TV.

Maju tem apresentado diversos deslizes em sua atuação no comando do vespertino. Erros

de gramática, ausência de letras em algumas palavras e confusão com os nomes dos repórteres são alguns dos problemas da jornalista à frente do telejornal da Globo.

Na edição da última segunda-feira (7), por exemplo, ela esqueceu o “a” ao falar “a partir de hoje”, errou na concordância em frases como “a maioria estão” e “as manchas de óleo continua”, confundiu o nome da correspondente em Londres, interrompeu Eliana Marques no quadro do tempo e se atrapalhou ao dizer “sustentabilidade”.

Já na terça-feira (8), ela esqueceu o “m” ao falar “desastre abiental”, esqueceu do plural em “23 amostra” e errou a concordância de gênero com “aquela divórcio”.

O fato de Maju não apresentar um impacto positivo tão grande na audiência, com um índice 12% menor que a antecessora Sandra Annenberg, juntamente com o problema do nervosismo, já atrai a atenção dos diretores da empresa, tanto que uma reunião entre a chefia da Globo abordou o assunto. Alguns profissionais chegaram a apontar que falta maturidade a ela e que há profissionais mais experientes e competentes para o lugar que ela ocupa.

Disponível em: <https://pleno.news/entretenimento/tv/nervosismo-de-maju-preocupa-globo-e-e-tema-de-reuniao.html>

Após observar o texto lido, responda às questões propostas:

QUESTÃO 01: O texto trata de uma notícia, qual é o tema central dessa notícia?

QUESTÃO 02: A notícia que é exposta critica a atuação de uma jornalista da rede Globo de televisão por conta de seus “erros”. Que erros são esses?

QUESTÃO 03: Na sua opinião, no tocante à apresentação de um jornal, a atuação da nova âncora da rede Globo de televisão é passível de críticas? Explique.

QUESTÃO 04: Levante hipóteses: como deve ser a postura de um apresentador de Telejornal quanto à língua portuguesa?

QUESTÃO 05: Quanto às incorreções que o texto sugere: “errou na concordância em frases como “a maioria estão” e “as manchas de óleo continua”; como seria a forma adequada de escrita? Justifique a sua resposta.

QUESTÃO 06: Há, porém, diferenças nos níveis de fala, nos quais os jornalistas conversam e interagem entre si e acrescentam comentários fora da leitura que tem de ser feita durante a transmissão das notícias e reportagens. Na sua opinião, ainda que seja nesses momentos de interação, como deve ser a o nível de formalidade desses jornalistas?

QUESTÃO 07: É possível perceber que, nos dias de hoje, a mídia não é homogênea e, ainda que o jornalismo disponibilize informações para manter o interlocutor a par de tudo o que acontece no Brasil, no mundo ou em sua região, observa-se que muitas vezes há as famosas *fakenews* ou até mesmo uma forma tendenciosa de se expor uma situação através de uma notícia. Levante hipóteses: esse site foi tendencioso ao expor essa notícia? Justifique.

Quanto à concordância:

Nas palavras do gramático Cegalla, a “Concordância é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam nas suas flexões, com as palavras de que dependem.” (CEGALLA, 2008, p. 438).

Por isso, os termos que constituem uma oração estabelecem entre si diversas relações, entre elas as **relações sintáticas**, quando esses termos se distribuem pela oração formando um organismo; e **relações semânticas**, quando esses termos se organizam na oração formando um todo significativo.

Dá-se o nome de **concordância** à harmonia que os termos da oração apresentam em nível sintático. Assim, algumas palavras, expressões ou mesmo orações, quando estabelecem uma relação de dependência entre si, devem demonstrar com quais elementos estão ligadas. E isso é evidenciado através das *flexões*: de número e gênero, para os nomes e de número e pessoa, para os verbos¹.

Ex: A menina alegre / As meninas alegres. (número e gênero)

Ex: A menina saiu cedo/ As meninas saíram cedo (número e pessoa)

Essa harmonização entre os termos sintáticos que é chamada de **CONCORDÂNCIA**.



Fake news significa "notícias falsas". São as

informações noticiosas que não representam a realidade, mas que são compartilhadas na internet como se fossem verdadeiras, principalmente através das redes sociais. Normalmente, o objetivo de uma fake news é criar uma polêmica em torno de uma situação ou pessoa, contribuindo para o

<https://www.significados.com.br/fake-news>

¹<http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/minigramatica/mini/concordanciadefinicao.htm>

“A concordância verbal” - O que diz a gramática

Observe o texto:

Há Tempos

Renato Russo

Parece cocaína mas é só tristeza, talvez tua cidade
Muitos temores nascem do cansaço e da solidão
Descompasso, desperdício
Herdeiros são agora da virtude que perdemos
Há tempos tive um sonho
Não me lembro, não me lembro

Tua tristeza é tão exata
E hoje o dia é tão bonito
Já estamos acostumados
A não termos mais nem isso

Os sonhos vêm e os sonhos vão
E o resto é imperfeito
Disseste que se tua voz
Tivesse força igual
À imensa dor que sentes
Teu grito acordaria
Não só a tua casa
Mas a vizinhança inteira

E há tempos nem os santos
Têm ao certo a medida da maldade
E há tempos são os jovens que adoecem
E há tempos o encanto está ausente
E há ferrugem nos sorrisos
Só o acaso estende os braços
A quem procura abrigo e proteção
Meu amor!

Disciplina é liberdade
Compaixão é fortaleza
Ter bondade é ter coragem
Lá em casa tem um poço
Mas a água é muito limpa

Letra disponível em:

<http://letras.terra.com.br/renato-russo/243669/>

QUESTÃO 01: A música traz diferentes conflitos do eu lírico, descreva-os.

QUESTÃO 02: O eu lírico dirige-se ao interlocutor apontando os conflitos que esse também tem. Quais são os conflitos do interlocutor?

QUESTÃO 03: Renato Russo, em suas músicas, faz críticas à sociedade da sua época, que, muitas vezes, parecem atemporais. Que críticas sociais da atualidade apresentam essa música? Justifique.

QUESTÃO 04: Observe: “Os sonhos vêm e os sonhos vão/ [...] E há tempos nem os santos/ Têm ao certo a medida da maldade”. Deduza: por que as palavras *tem* e *vem* receberam o acento gráfico?

QUESTÃO 05: Analise: “Já estamos acostumados/ A não termos mais nem isso”. Esse trecho está de acordo com os padrões de harmonização sintática? Justifique.

Concordância verbal

A regra básica da concordância verbal é o verbo concordar em número (singular ou plural) e pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) com o sujeito da frase.

1. Sujeito simples – o verbo concordará com ele em número e pessoa.

Ex.: O artista excursionará por várias cidades do interior.

2. Sujeito composto – em regra geral, o verbo vai para o plural.

Ex.: Sua avareza e seu egoísmo fizeram com que todos o abandonassem.

Se o sujeito vier depois do verbo, concorda com o núcleo mais próximo, ou vai para o plural.

Ex.: “Ainda reinavam (ou reinava) a confusão e a tristeza” (Dinah S. de Queiroz).

Se o sujeito vier composto por pronomes pessoais diferentes – o verbo concordará conforme a prioridade gramatical das pessoas.

Ex.: Eu e você somos pessoas responsáveis. / Atenção! Tu e ela estudais / estudam. A segunda forma é mais usada atualmente.

3. Expressões não só...mas também, tanto/quanto que relacionam sujeitos compostos permitem a concordância do verbo no singular ou no plural.

Ex.: Tanto o rapaz quanto o amigo obtiveram/obteve nota máxima na redação do ENEM.

4. Sujeito composto ligado por ou:

- indicando exclusão, ou sinonímia – o verbo fica no singular.

Ex.: Maria ou Joana será representante.

- indicando inclusão, ou antonímia – o verbo fica no plural.

Ex.: O amor ou o ódio estão presentes.

- indicando retificação – o verbo concorda com o núcleo mais próximo.

Ex.: O aluno ou os alunos cuidarão da exposição.

5. Quando o sujeito é representado por expressões como a maioria de, a maior parte de e um nome no plural, o verbo concorda no singular (realçando o todo) ou no plural (destacando a ação dos indivíduos).

Ex.: A maioria dos jovens quer as reformas. (ou) A maioria dos jovens querem as reformas.

6. Não sou daqueles que recusa / recusam as obrigações.

Nesse caso, o referente do pronome relativo que é daqueles, a regra fundamental de concordância com o sujeito deverá levar o verbo para a 3ª pessoa do plural.

Entretanto, também é aceito quando refletimos em uma concordância com um daqueles que.

7. Verbo ser + pronome pessoal + que – o verbo concorda com o pronome pessoal.

Ex.: Sou eu que executo a obra. Seremos nós que executaremos a obra.

Verbo ser + pronome pessoal + quem – o verbo concorda com o pronome pessoal ou fica na 3ª pessoa do singular.

Ex.: Sou eu quem inicio a leitura. Sou eu quem inicia a leitura.

8. Nomes próprios locativos ou intitlativos – se precedidos de artigo plural, o verbo irá para o plural; não sendo assim, irá para o singular.

Ex.: Os Estados Unidos reforçam as suas bases.

Minas Gerais progride muito.

Concordância verbal

9. Pronome relativo antecedido da expressão “um dos”, “uma das” – verbo na 3ª pessoa do singular ou do plural.

Ex.: Ela é uma das que mais impressiona (ou impressionam).

Quando apresenta uma ideia de seletividade, fica obrigatoriamente no singular.

Ex.: Aquela é uma das peças de Nelson Rodrigues que hoje se apresentará neste teatro.

10. Concordância do verbo ser: a) sujeito nome de coisa ou um dos pronomes nada, tudo, isso ou aquilo + verbo ser + PREDICATIVO no plural: verbo no singular ou no plural (mais comum).

Ex.: "A pátria não é ninguém: são todos." (Rui Barbosa)

b) NAS ORAÇÕES INTERROGATIVAS iniciadas pelos pronomes quem, que, o que – verbo ser concorda com o nome ou pronome que vem depois.

Ex.: Quem eram os culpados?

c) 1º TERMO – SUJEITO = substantivo; 2º termo = pronome pessoal, o verbo concorda com o pronome pessoal.

Ex: Os defensores somos nós.

d) Nas expressões é muito, é pouco, é mais de, é tanto, é bastante + determinação de preço, medida ou quantidade: verbo no singular.

Ex.: Dez reais é quase nada.

e) Indicando hora, data ou distância – o verbo concorda com o predicativo.

Ex.: São três horas. Hoje são 15 de fevereiro.

11. PASSIVO – NA VOZ PASSIVA SINTÉTICA, com o pronome apassivador SE, o verbo concorda com o sujeito paciente (que é um aparente objeto direto).

Ex.: Escutavam-se vozes.

INDETERMINADO – com o pronome indeterminador do sujeito, o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

Ex.: Precisa-se de operários.

Disponível em: <http://educacao.globo.com/portugues/assunto/usos-da-lingua/concordancia-verbal-e>



<https://pt.dopl3r.com/memes/engra%C3%A7ado/falar-de-mim-e-facil-atartesdepressao-difcil-e-falar-com->

QUESTÃO 01: Após ler as regras de concordância verbal e o meme ao lado, redija um parágrafo dizendo qual a sua opinião quanto ao aprendizado e uso da língua formal em contextos que a exija?

“Eu, Nós e A gente” - A concordância da primeira pessoa do discurso

Passa-se o oitavo ano e chega o nono o último ano nosso que ainda não acabou, mas aconteceu tanta coisa. Nossa sala tem somente cinco alunos homens (Mestre, Churequí, Rhian, Kaio Gomes e eu) as outras 10 ou 11 são mulheres. Nós homens atentávamos muito e fomos chamados na diretoria para uma conversa. Ainda teve a história da lata de lixo que 3 dos 5 homens estavam envolvidos e muitos meninos da outra sala e de outros anos estavam no meio do “bolo”. Basicamente, nós pegávamos alguma pessoa, levantávamos e jogávamos em uma lixeira. Jogamos muitos meninos lá, mas antes que você pense que estávamos fazendo bullying, nós fazíamos isso com nós mesmos, alguns meninos de outros anos começaram a gostar e também faziam com eles mesmos. Mas teve um caso que deu briga e um menino saiu com o olho roxo, esse menino hoje é meu colega e quem brigou com ele oi Renan. Chamaram nossos pais e resolveram o assunto. [...] Fui para a diretoria umas 5 vezes em meu tempo no Nossa Senhora de Fátima, mas não pense que sou totalmente indisciplinado e que só dormia na aula de matemática porque ela proibiu esse ano, tiro notas boas e só fiquei de recuperação umas 2 vezes.

Trecho retirado de um texto do aluno Thiago, 9º ano do Ensino Fundamental da E.E. Nossa Senhora de Fátima – Januária/MG

QUESTÃO 01: Esse texto trata do trecho de um relato pessoal de um aluno sobre a sua vida escolar num determinado ano do Ensino Fundamental. Na sua opinião, o que caracteriza esse tipo de relato?

QUESTÃO 02: Observe os pronomes pessoais utilizados no texto e responda:

A) Quais pronomes que mais são utilizados na construção desse texto? Exemplifique.

B) Qual a posição sintática que esses pronomes ocupam na oração?

Os pronomes pessoais caracterizam por denotar as pessoas gramaticais, por essa razão, os PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO funcionam como **SUJEITO** da oração, logo, seguem as regras de concordância como núcleo do sujeito.

As primeiras pessoas **Eu** (SINGULAR) e **Nós** (PLURAL) representam quem fala no discurso, e sintaticamente, como afirmam Cunha e Cintra (2001), é **SUJEITO** em:

Ex1: **Eu** era a desdenhosa, a indiferente. (F.Espanca, S. 55)

Ex2: **Nós** vamos em busca de luz. (Agostinho Neto, SE, 36)

Ex3: Se és **tu**, meu pai, **eu** vou contigo... (A de Guimarães, OC, 58.)

Observe que há a concordância de acordo com a norma culta em número e pessoa entre sujeito e verbos: “Eu era...” “Nós vamos..”.

Esses mesmos gramáticos afirmam que a palavra “**A gente**” é uma forma de substituir essa primeira pessoa, ou seja, tanto o **EU** quanto o **NÓS**, como exemplifica:

Ex4: Houve um momento entre nós/ Em que **A GENTE** não falou. (F.Pessoa, QGP, nº 270.)

Ex5: Você não calcula o que é **A GENTE** ser perseguida pelos homens.

Como se vê nos exemplos acima, sempre que usar o **A GENTE** o verbo deve concordar na 3ª pessoa do singular e não em 1ª pessoa do singular ou do plural.

“Tu, Vós e Você” - A concordância da segunda pessoa do discurso

Anúnciação—Alceu Valença

Na bruma leve das paixões que vêm de dentro
Tu vens chegando pra brincar no meu quintal
No teu cavalo, peito nu, cabelo ao vento
E o Sol quarando nossas roupas no varal

Na bruma leve das paixões que vêm de dentro
Tu vens chegando pra brincar no meu quintal
No teu cavalo, peito nu, cabelo ao vento
E o Sol quarando nossas roupas no varal

Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais
Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais

A voz do anjo sussurrou no meu ouvido
Eu não duvido, já escuto os teus sinais
Que tu virias numa manhã de domingo
Eu te anuncio nos sinos das catedrais

Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais
Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais

Na bruma leve das paixões que vêm de dentro
Tu vens chegando pra brincar no meu quintal
No teu cavalo, peito nu, cabelo ao vento

E o Sol quarando nossas roupas no varal

Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais
Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais

A voz do anjo sussurrou no meu ouvido
Eu não duvido, já escuto os teus sinais
Que tu virias numa manhã de domingo
Eu te anuncio nos sinos das catedrais

Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais
Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais

<https://www.letras.mus.br/alceu-valenca/44006/>

QUESTÃO 01: A letra da música trata de uma anúncio. O que se anuncia no texto?

QUESTÃO 02: Ao observar os pronomes do texto, quais aparecem com predominância? Está correta a concordância de acordo com a norma culta? Justifique.

QUESTÃO 03: É comum na sua região utilizar o TU com a concordância padrão? Ou não se utiliza esse pronome? Em caso de resposta NEGATIVA, qual pronome se utiliza para substituir a 2ª pessoa do discurso?

O **TU** e o **VÓS** são pronomes que representam a de 2ª pessoa, que é o interlocutor da ação, ou seja com quem se fala. Possuem como função principal a de SUJEITO da ação verbal e, por essa razão também seguem os padrões de concordância em número e pessoa sendo, pois, o núcleo do SUJEITO em questão. Como podemos observar na música: “**Tu** vens chegando pra brincar no meu quintal”.

Cunha e Cintra (2001), afirmam que o TU e o VÓS, também podem ser vocativos:

Ex1: Ó **tu**, Senhor Jesus, o Misericordioso... (A. de Guimaraes, OC, 313)

Ex2: Ó **vós**, que no silencio e no recolhimento do campo, ... (O.Bilac, P, 158)

No Brasil, em muitas regiões os pronomes de 2ª pessoa foram gradamente substituídos pelos pronomes **VOCÊ** e **VOCÊS**, que são considerados pronomes de tratamento, fato é que, quando são utilizados referenciando a 2ª pessoa, concordam em 3ª pessoa. Como exemplo:

Ex3: **TU** vens.. Eu já escuto os **teus** sinais

VOCÊ vem.. Eu já escuto os **seus** sinais.

“Ele/Ela e Eles/Elas” - A concordância da terceira pessoa do discurso

TEXTO 01:

Nelson Motta revela que fuma maconha todos os dias há 55 anos

12 DE OUTUBRO DE 2019, 13H01
Por Redação

Jornalista, que está com 74 anos, falou com naturalidade sobre seu hábito diário de consumir cannabis e ainda atestou: "Tenho uma memória incrível" Sem tabus ou polêmicas, o jornalista Nelson Motta revelou, em entrevista ao jornal *O Globo* divulgada neste sábado (12), que tem o hábito de fumar maconha diariamente há mais de 50 anos. Prestes a completar 75 anos, o crítico cultural falou com naturalidade sobre o assunto.

“Tenho uma memória incrível, não sei por quê. Fumo maconha todos os dias, há 55 anos. Talvez seja por ter começado tarde, ali com uns 20 anos. Dizem que quando se começa cedo é que afeta os neurônios. Meu pai falava que eu era a prova viva desse mito. É bom preservar isso, né? À medida que as pessoas vão envelhecendo, o HD vai enchendo”, disse Motta, que segue em plena atividade profissional, com colunas em jornais e comentários na televisão.



<https://revistaforum.com.br/brasil/nelson-motta-revela-que-fuma-maconha-todos-os-dias-ha-55-anos/>

TEXTO 2:

A maconha - incômoda - do Nelson Motta

O Nelson Motta fuma maconha todos os dias. O Nelson Motta fuma maconha todos os dias há 55 anos... Li ontem, dia 13/10/19, uma entrevista com o Nelson Motta. Artigo grande, de grande circulação, do Jornal "O Globo". Com naturalidade e com um certo orgulho velado, ele diz que fuma maconha há 55 anos todos os dias. Eu gostaria de parabenizá-lo pela foto da revista ao lado de sua mulher e netos. Parece uma família feliz. Por outro lado, queria saber em que supermercado, farmácia, mercadinho, posto de gasolina ou algo parecido ele faz a compra do mês da maconha de uso diário. Porque não deve ser pouca quantidade... Eu não entendo nada de maconha, de drogas, permitidas ou não. Ninguém da minha família, dos meus amigos, do meu relacionamento próximo usa maconha ou afins. Mas sei que a maconha não é uma droga permitida. Portanto, para que ela chegue ao Nelson Motta, o percurso deve incluir produção ilegal, transporte ilegal, venda ilegal. Mais claramente tráfico, bandidagem. Mas o Nelson Motta usa maconha todo dia e acha bacana. Talvez o jornalismo sem censura pudesse perguntar onde o Nelson Motta compra a maconha que ele usa todo dia. Quem vai comprar pra ele? Certamente, o próprio não vai até a boca de fumo... deve ter funcionário pra isso. Ou quem sabe um delivery. Um I food de maconha, porque o Nelson Motta é moderno. E o Nelson Motta fuma maconha há 55 anos todos os dias.

Por falar em família feliz... será que o Nelson Motta ouviu falar na pequena Ágatha, Alana, Hugo, Rhyann, Ramon, João Roberto e muitos, muitos outros que não puderam tirar mais fotos com as famílias? Foram mortos por balas perdidas. Ah... mas eram balas da polícia, né? A polícia fica trocando tiros com ela mesma... só de brincadeira. A polícia não está atrás de bandidos que produzem, transportam, vendem e traficam a maconha a que o Nelson Motta usa todo dia há 55 anos. A polícia está só se matando e matando crianças. Porque policiais também morrem, têm suas famílias destroçadas e separadas pelo mesmo tráfico que garante a maconha diária do Nelson Motta há 55 anos.

Peraí... os bandidos também morrem... coitados. São vítimas da sociedade, não tem um emprego bonito, carro do ano e tênis da hora. Mas precisam trabalhar, são gente como a gente... E, por que não vender maconha pro Nelson Motta? Negócio bom, venda garantida. Nelson Motta fuma maconha todos os dias há 55 anos. Todos devem ter direito a emprego e renda. Está nos direitos humanos.

Parabéns pela reportagem, jornal "O Globo". Muito esclarecedora. Agora é só fazer o caminho inverso pra achar os bandidos que sustentam a cesta básica do maconheiro Nelson Motta. Mas, claro, sempre garantindo os direitos humanos dos fornecedores, dos compradores, dos usuários, de toda a rede que sustenta a regularidade da maconha diária do Nelson Motta. Há 55 anos, não esqueçamos.

(Autor desconhecido)

<https://arteemanhasdalingua.blogspot.com/2019/10/atividade-sobre-o-texto-sobre-maconha.html?>

Após analisar os dois textos propostos, responda às questões que seguem:

QUESTÃO 01: O primeiro texto trata, com naturalidade, da abordagem de um tema muito discutido o tempo todo que é o uso e a liberação da maconha. Na sua opinião, considerando o primeiro texto, o que facilitou a abordagem do assunto de forma tão natural?

QUESTÃO 02: No texto 02, denota-se a insatisfação e incômodo do autor em relação ao que é noticiado no texto 01. Levante hipóteses: por que esse fato intrigou o autor do texto 02?

QUESTÃO 03: Qual a sua opinião sobre essa indignação?

QUESTÃO 04: O texto traz algumas marcas de informalidade, identifique-as?

QUESTÃO 05: O texto 02 possui passagens irônicas, copie uma delas e justifique o uso dessa figura de linguagem.

QUESTÃO 06: No decorrer do texto 02, o autor faz uso de diversas repetições, qual efeito de sentido essas repetições causam?

QUESTÃO 07: Na passagem “Com naturalidade e com um certo orgulho velado, *ele* diz que fuma maconha há 55 anos todos os dias.”, a quem esse termo destacado a referência?

QUESTÃO 07: No trecho “Portanto, para que *ela* chegue ao Nelson Motta, o percurso deve incluir produção ilegal, transporte ilegal, venda ilegal.”; a quem faz alusão o termo destacado?

QUESTÃO 08: De acordo com o contexto, quem são a pequena Ágatha, Alana, Hugo, Rhyan, Ramon, João Roberto ? Que pronome poderia substituir esse conjunto de nomes?

Os pronomes de 3ª pessoa do caso reto, assim como os demais pronomes dessa mesma classificação, são chamados pronomes substantivos porque substituem esses nomes dentro do núcleo do sujeito, concordando, pois em 3ª pessoa com o sintagma verbal a quem faz referência.

Ex1: **ELE** diz que fuma maconha há 55 anos todos os dias.

Os cuidados que se devem tomar quanto à concordância da terceira pessoa estão relacionados à ambigüidade, como exemplificam Cunha e Cintra (2001):

Ex2: Alvaro disse à Paulo que **ELE** chegaria primeiro.

Observa-se que nesse caso não se tem como saber quem chegará primeiro, exatamente por conta do uso do pronome de 3ª pessoa que pode substituir qualquer um dos referentes.

“Nóis vai ou A gente vamos? Bora!” - A concordância no discurso informal



<https://www.wattpad.com/433137350-memes-da-lunny-conclu%C3%ADdo-verbo-empurrar>

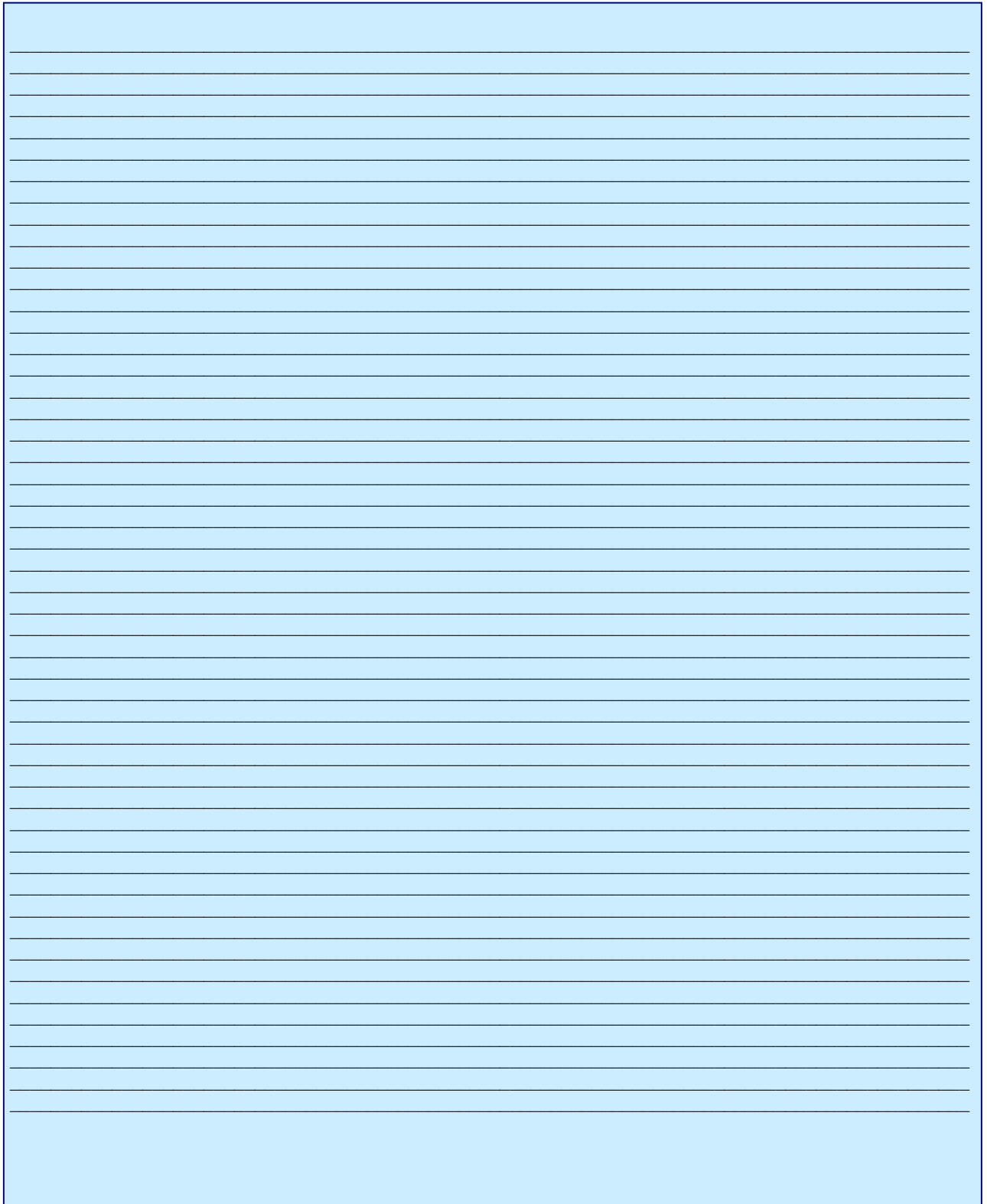
Ao longo desse estudo, pudemos perceber as variáveis **NÓS**, **NÓIS** e **A GENTE** em textos de diferentes gêneros, por essa razão foi necessário expor o que seriam os níveis formais e informais da língua, o comportamento dos textos nas diferentes situações comunicativas, bem como os padrões de concordância verbal que são expostos pela gramática da Língua Portuguesa. Como se observou, a língua varia inclusive a concordância para criar efeitos de sentido diversos, como se vê no exemplo ao lado, dessa forma, podemos então identificar a adequação e a inadequação das formas de usar a LP, sem julgá-la, apenas compreendendo

QUESTÃO 01: Agora é sua vez! Crie memes falando sobre os pronomes em estudo e os padrões de concordância que foram elucidados.



“A importância dos estudos significativos” - Produção textual.

Após discutirmos textos diversos, os usos da gramática, os níveis da língua, alguns valores sociais, bem como críticas à sociedade atual, entre outros aspectos no decorrer das atividades propostas, é importante salientar que quanto mais somos conhecedores da língua, mais conseguimos entender a sua pluralidade, e essa compreensão é passada a cada aluno à medida em que estuda, sendo assim, escreva nas linhas que seguem um texto de opinião, argumentando a importância da educação na sua vida.



REFERÊNCIAS

- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. Ed. São Paulo: IBEP, 2009.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.276-292.
- https://www.purepeople.com.br/famosos/alok_p548638
- <https://www.significados.com.br/bio/>
- https://www.google.com/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=2ahUKEwj_7feEoNXkAhVuJLkGHSFXCioQjRx6BAgBEAQ&url=https%3A%2F%2Fbr.freepik.com%2Fvetores-premium%2Fccgonha-com-desenho-de-bebe_2584574.htm&psig=AOvVaw18LsAl7cLLsAYo9ycikIyD&ust=1568715493506594
- <http://dicionario.webix.com.br/hibridismo.html>
- <https://digofreitas.com/hq/ml-63-autobiografia/>
- <https://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/post/148616970977/por-charles-schulz>
- <http://www.vestiprovas.com.br/questao.php?id=34990>
- <http://metodistagoianialeste.com.br/maos-a-obra/>
- <https://www.recantodasletras.com.br/poesiasdeamizade/2862096>
- <https://pt.slideshare.net/lahanarafisa/slide-pronomes-15117780>
- <https://www.letras.mus.br/ana-vilela/trem-bala/>
- <https://www.facebook.com/tirinhasania/photos/a.522836557731156/2824503854231070/?type=3&theater>
- <http://revistaaquiali.com.br/noticias/curiosidades/quem-inventou-o-trem>
- <http://blogdoxandro.blogspot.com/2010/06/tiras-n929-niquel-nausea-fernando.html>
- <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2009v10n1p73/12022>
- <https://recantodacronica.blogspot.com/2010/08/conto-de-fadas-cronicas-engracadas-e.html>
- <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>
- <http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/minigramatica/mini/concordanciadefinicao.htm>
- <https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/04/musica-chico-mineiro-tonico-e-francisco.html>
- <http://letras.terra.com.br/renato-russo/243669/>
- <https://pt.dopl3r.com/memes/engra%C3%A7ado/falar-de-mim-e-facil-atartesdepressao-dificil-e-falar-com-coesao-coerencia-pontuacaoacentuacao-concordancia-verbalnominal-riqueza-de-vocabulo-ceestilistica-impecavel-artes-depressao/146443>
- <https://www.letras.mus.br/cesar-e-paulinho/135102/>
- <https://www.wattpad.com/433137350-memes-da-lunny-conclu%C3%ADdo-verbo-empurrar>
- <https://www.letras.mus.br/alceu-valenca/44006/>
- <https://gramho.com/media/2035954098238390347>